







6/12
73

EX LIBRIS



MACTE
ANIMO!

ASTÉRIO
DE
CAMPOS

LITTERATURA BRAZILEIRA

CARTAS A CINCINNATO

ESTUDOS CRITICOS

DE SEMPRONIO

Sobre o GAÚCHO e a IRACÊMA

Obras de Senio (J. de ALENCAR)

SEGUNDA EDIÇÃO

COM EXTRACTOS DE CARTAS DE CINCINNATO
NOTAS DO AUTOR



PERNAMBUCO

J.-W. DE MEDEIROS, LIVREIRO-EDITOR

79, RUA DO IMPERADOR, 79

PARIZ.—V^o J.-P. AILLAUD, GUILLAUD E C^o

Livros de Suas Magestades o Imperador do Brazil e El-Rei de Portugal

47, RUA SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47

1872

CARTAS
A CINCINNATO

FABRIZ. -- TYP. SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTI, 1

LITTERATURA BRAZILEIRA

CARTAS A CINCINNATO

ESTUDOS CRITICOS

DE SEMPRONTO

Sobre o GAÚCHO e a IRACÊMA

Obras de Senio (J. de ALENCAR)

SEGUNDA EDIÇÃO

COM EXTRACTOS DE CARTAS DE CINCINNATO
E NOTAS DO AUTOR



PERNAMBUCO

J.-W. DE MEDEIROS, LIVREIRO-EDITOR

79, RUA DO IMPERADOR, 79

PARIZ. — V^{os} J.-P. AILLAUD, GUILLARD E C^{as}

Livreiros de Suas Magestades o Imperador do Brazil e El-Rei de Portugal

47, RUA SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47

1872

MEU CARO CINCINNATO,

Ali vão as minhas e fragmentos das tuas cartas.

Na recente lavra que fizemos nos campos da critica, sempre nos houvemos com inteiro acordo quer de meios quer de fins.

O apparecer eu hoje por tanto sem ser de algum modo contigo, importaria crassa violencia a uma solidariedade litteraria cujo laço por mais de um motivo me apraz manter illeso.

Fazendo esta publicação cedo ao desejo de pessoas caracterisadas na mór parte amigos benevolos, que instam commigo para que dê segunda edição ás minhas CARTAS.

Não quiz eu nem devia deixar de corresponder a taes attenções; e, aproveitando a occasião, fevi ligeiramente escriptos que, tu o sabes, caiam-me dos bicos da pena com todas as virtudes mas tambem com todos os vicios da primeira inspiração.

Eis pois de novo em publico as balbuciações, por ti tão liberalmente alentadas, da minha tosca e fragil pena.

Tenham ellas menos ephemero echo do que supponho, sei que em grande parte a ti o deverei, aos teus por assim dizer pater-naes favores, que, sendo gloria, não deixam tambem de ser válido broquel.

Recife, 2 de Fevereiro de 1872.

* SEMPRONIO.

OBRAS DE SENIO

O GAÚCHO

CARTAS

A CINCINNATO

CARTA I

Meu amigo.

Comprehendo o gaúcho assim : organização destemida, vasada nos moldes dos Guaycurús ou dos Patagões, que são os primeiros cavalleiros do mundo.

O rebenque e as chilenas castigam e subjugam os impetos do cavallo indomito.

Ha em sua physionomia illuminada de um esplendor insano, em seu animo insoffrido, o entumecimento e as palpitações precipites do arrojado semi-barbaro.

Finalmente vejo no gaúcho alguma coisa

que se pareça com Osorio ou Zeno Cabral — no espirito, fontes inexgotaveis dos maiores heroismos, — no sentimento a exaltação e a decisão, que pôde inspirar a calida ventania das savanás, — nas acções, nos gestos, uma resolução firme, implacavel — n'uma palavra, a integra personalisação da virilidade continental.

O cavallo o completa ; é o seu appendice ou antes o seu epilogo ; representa o papel de seu escravo, antes que o de seu amigo, e melhor o de victima que o de escravo : o gaúcho é mais o tyrauno do cavallo do que senhor d'elle.

Não sei, meu amigo, si já lêste uma interessante historia, intitulada — *O Guarany* — por Gustave Aimard ? Ahi pôde estudar-se o gaúcho com proveito. Encontra-se o typo exacto e não a fabula rachitica. O historiador francez estudou em pessoa os costumes da vida nomada do pampa. Escreveu como quem viu, e não como quem idéa.

Por isso os personagens, n'essa veridica historia, são de uma vitalidade eloquente ; teem toda a efflorescencia da vida ; e não são pallidas visões, creaturas disformes, descoradas, confusas e em contraposição á verdade natural e ethnographica.

E o cavallo do pampa ? Comprehendo-o d'este modo : susceptivel, vertiginoso, estremecendo de mil inquietações a qualquer leve rumor do deserto, arredio do homem em quem adivinha,

por instincto e por lição, um inimigo encarniçado de sua independencia; um animal que, ao ver o gaúcho, dispara a correr, com medo de sua crueza, por banhados e coxilhas, impellido pela exaltação, pela investida, pelo desencadeamento dos panicos brutaes; um animal que só possam domar a temeraria audacia e a classica pericia do gaúcho, e a que fôra licito applicar, sem risco de impropriedade, o nome expressivo de *desespero* ou *furacão*. (Vid. a nota no fim da serie.)

Nem um, nem outro, nos dá *Senio*.

Manoel Canho, apresentado como realisando o ideal do gaúcho, caracteriza-se por estes signaes: odio eterno para com a especie humana, frouxo e afeminado entermecimento para com a raça hippica. *Senio* expressa a doutrina de que o gaúcho tem mais em si de cavallo do que de homem; que dizer *gaúcho* é querer dizer — *coração para uma raça bruta, musculo apenas para a sua propria especie e até para a sua familia*.

Canho morre de amores pelas eguas. Com ellas vive, convive e dorme. Cavallos e poldrinhos despertam-lhe todos os estremecimentos do affecto mais terno e mulherengo. Já viste maior aberração, meu amigo?

Quanto aos cavallos, vejamos como foram ideados por esse autor.

São muito discretos, sensatos e reflectidos. A

baia é sensível, amorosa e ciumenta de Canho; a tordilha tresanda a humanidade e a piedade christã; o alazão, o pae do lote, é polido e cumprimentador como um conselheiro.

A baia, em logar de *tempestade*, chama-se *morena*.

Ai ! morenas tão decantadas, romantizadas, poetizadas todos os dias e pelas melhores pennas, quão pouco vos deveis lisongear com o original capricho de *Senio* !

Moreninha chamou Macedo a um bello livrinho seu, de cunho nacional, que faz as delicias do sexo amavel, e as estantes brasileiras recolhem como uma joia.

Pois este significativo epitheto, de tradicional encanto, classica presumpção do que ha de garrido, gracioso, tentador na mulher nacional, qualifica no *Gaúcho* uma egua. Canho alardeia de *fazer tudo pela besta, pela mulher nada*. E a proposito de besta : deve saber *Senio*, que no Rio Grande do Sul nunca se emprega esta voz para significar *egua*, como erroneamente se faz no seu *Gaúcho*.

Depois da *morena* quem ha de seguir-se? O *Juca*. Podereis adivinhar quem seja esse moço, de nome insinuantemente alterado? Não é um moço, é um poldrinho ! É querer levar a especie ao ultimo ludibrio.

D'est'arte temos o tratamento amavel, que a

mãe estremosa dá ao filho do seu coração, o carinhoso diminutivo com que a donzella chama o irmão ou o primo, em signal de estima e intimidade affavel e jovial, temol-o aqui applicado ao potro. Para se chegar a *humanisar* a *sociedade* equina, não se hesita em *cavallisar* a sociedade dos homens.

Meu amigo : entendo não dever passar além, sem primeiro lançar certas bases, certos preceitos que regulem o processo analytico-litterario.

Por isso, para toda boa ordem e clareza de idéas, reduzo a questão ao dilemma : ou *Gaúcho* pretende as honras de um romance de *costumes*, ou satisfaz-se com o ser de mera *phantasia*.

No primeiro caso, protesto. Longe d'isso, o *Gaúcho* é desnaturado, falsissimo, apocrypho.

Tal qual foi concebido e executado, importa a mais pungente palinodia contra a gentileza, a masculinidade, a fama das illustres façanhas e legendarias tradições do campeão das savanas austraes.

No segundo, ha de permittir-nos *Senio* a franqueza de lhe declararmos que sua *phantasia* é das mais tristes, porque importa uma corrupção do sentimento natural e racional, o rebaixamento vivo e indecoroso da especie.

Raciocinemos.

SEMPRONIO.

CARTA II

Meu amigo.

Nunca tive nem terei uma palavra mais severa para exprobrar ao moço a fraqueza, em que incorrer, arriscando suas primeiras lutas na escabrosa arena das lettras.

A litteratura, como se ha dito tanta vez, é um sacerdocio , e como todos os sacerdocios tem de ser servida por diversas ordens de religionarios. O neophyto, em regra, paga irremissivelmente o natural tributo do excesso de fervor, que caracteriza todo o noviciado. Exigir d'elle serviço completo fôra impiedade.

Não assim com os serventuarios provectoros, de reputação feita e perfeita. Si deslisam do verdadeiro trilho, é dever imperioso arguir-lhes as faltas, para que não succeda aos sectarios inexpe-

rientes seguirem o mau exemplo, na persuasão de se estarem edificando. Ha praticas, que sendo apparentemente sãs, não deixam de ser no fundo heterodoxas.

Não ponho em duvida os creditos e a autoridade, de que *Senio* gosa n'este genero de labor intellectual.

E justamente por estar conscio da sua autoridade e dos seus conceitos, é que estremeço pelas letras patrias, que vejo ameaçadas de um trans-torno inevitavel, si fizerem escola as fatuas phantasias de uma penna philauciosa, que abusa das suas faculdades procreatoras, vestindo o centauro com as roupagens da bella Juno, envolvendo na crosta côr de rosa do confeito perfumado a bryonia ou o tartaro.

Tanto mais me receio dos males que da aberração possam provir, quanto é innegavel a especie de idolatria, que existe em certo circulo para com as obras oriundas da penna de *Senio*. Si a confissão d'esta verdade lhe desvanece ainda mais o descommunal *amor proprio*, embora ; refocille-se no ingrato gozo.

Um folhetinista conceituado, referindo-se á *Pata da gazella*, chegou a declarar que, por ser ella escripta por quem fôra, merecia as honras da *alta jerarchia litteraria* do autor, e não podia passar sem as *salvas do estylo*. Não penso outro tanto. A

obra e só a obra—eis tudo, venha d'onde vier, seja de quem fôr. Pego no volume, sem indagar quem o escreveu; e si fôr anonymo, tanto melhor.

Já antecedentemente havia dito o folhetinista que si a obra não fôra *filha legitima d'aquelle applaudido talento*, seria justo recebê-la como um *mero accidente* na litteratura.

Haverá confissão mais flagrante da idolatria? Isto quer dizer que, a não ser a obra de quem é, passaria com inteira indiferença. Similhante juizo, vindo de uma penna amiga e grata, importa uma condemnação. Quanto a mim, o que o folhetinista quiz em balde disfarçar com as filigranas de seu luxuoso estylo, foi o seguinte conceito : « A obra, por si só, não presta. »

E então ! Pois também cá pela republica das letras havemos de ter *oraculos indiscutíveis, autoridades dogmaticas*? Também por cá os *divinos*, quando parece ter soado a hora dos papas e dos paes Soulouques... Vamos ao *Gaúcho*.

O romance de nacionalidade ainda por ninguem foi melhor entendido e executado do que por Cooper.

Walter Scott, de quem a Europa tão legitimamente se vangloria, ainda assim a certos respeitoes é menos recommendavel do que o soberbo escriptor norte-americano.

Por exemplo : antes de Walter Scott haver em-

prehendido a construcção do agigantado edificio da historia da Escossia, já outros o haviam precedido n'este mister, colhendo e recolhendo muitos costumes, muitas superstições nacionaes, como observa um profundo critico. Walter Scott não é, no todo, original. Mistriss Grant, Burns, Allan-Ramsay, Buchanan, Macpherson e outros tinham já explorado as virgens fontes, para onde Walter Scott não fez mais que accentuar com sua penna arrojada vastos caminhos, descobrindo com amplitude perspectivas bellissimas, apenas entrevistas e semi-occultas. Walter Scott achou veredas para seguir no dedalo ; não podia perder-se n'elle.

Antes de Cooper porém, que observação litteraria havia já perlustrado as seculares solidões do Ohio, do Mississipi, do Illinois ? Que penna rasgára a cellula virgem e immensa de uma natureza acima de todos os vãos, de todas as preoccupações das mais arrojadas phantasias, e fizera jorrar d'alli a veia caudal da poesia americana, para innundar mares e continentes ? Quem já havia creado e dado um certo molde para exemplo ?

« Cooper não tem predecessor : veredas ainda não batidas se lhe apresentam de todos os lados. Uma inexgotavel variedade de materiaes ; scenas que exigiam um theatro ; paineis que demandavam um quadro ; pontos de vista, que solicitavam um pintor : por toda a parte novidade, *bizarria*,

maravilhas; um interesse todo moderno; um povo, apenas sahido de suas faixas e já poderoso; uma historia, cujas primeiras paginas brilham de civilisação e falam de conquista; a singularidade de um heroismo tranquillo, piedoso e perseverante; os nomes de Washington, de Penn, de Franklin; para o fundo do quadro as florestas seculares; para actores, os apóstolos do Novo Mundo, entretendo-se com os filhos do *wigwam* e do *calumel*; os progressos da arte européa no meio d'essas solidões sem dono; os combates de oppressos e de oppressores, uns reclamando, outros querendo abafar a liberdade e a tolerancia; — que digo? talvez nova era social, fechada para o mundo, e prestes a emanar de Philadelphia! »

O grande merecimento de Cooper consiste em ser verdadeiro; porque não teve a quem imitar sinão á natureza; é um paizagista completo e fidelissimo.

Não escreveria um livro siquer, talvez, fechado em seu gabinete. Vê primeiro, observa, apanha todos os matizes da natureza, estuda as sensações do *eu* e do *não eu*, o estremecimento da folhagem, o ruido das aguas, o colorido do todo; e tudo transmite com uma exactidão daguerreotypica.

Apontam-lhe o defeito de serem seus quadros um pouco seccos, em consequencia d'essa minu-

ciosa fidelidade de pormenores. Mas embora ; não deixa de occupar o primeiro logar, ao nosso ver, n'essa galeria de vultos gigantêos.

Cooper é americano, *Senio* também o é— eis-ahi um ponto de analogia, que os aproxima.

Ao passo porém que Cooper daguerreotypa a natureza, *Senio*, á força de querer passar por original, sacrifica a realidade ao sonho da caprichosa imaginação; despreza a fonte, onde muita gente tem bebido, mas que é inexgotavel, e onde ha muito licor intacto. Para *Senio* a verdade, dita por muitos, perde o encanto. Elle não ha de escrever pelo ramirão; fôra rebaixar-se. É preciso dar cousa nova, e eis surge o monstro repugnante e despresivel.

Senio não comprehende a poesia americana, como em geral tem sido concebida por bons talentos que o hão precedido, e vem dar-nos o ideal da « *poesia verdadeiramente brazileira, haurida na lingua dos selvagens* » na effeminada *Iracêma*, onde os guerreiros falam uma linguagem debil, esmo-recida e flaccida, que não podiam de modo algum usar em sua braveza.

Isto importa um caracteristico : a penna de *Senio* não foi talhada para construir a epopéa ; faltam-lhe azas para elevar-se nos assumptos heroicos, que demandam vôos excelsos do pensamento, phraseologia mascula, jogo de paixões vehementes

e arrebatadas. A linguagem de *Senio* é dolente e languida. No dizer de um critico portuguez, sua penna póde ter bom successo « na poesia dengue e *coquette*, poesia arrebicada, doentia, rasteirinha, poesia d'alcôvas e salões, complacente, piegas, cousa de *toilette*, feminina... como o pó de arroz, os vinagres aromaticos, os espiritos de *petites dames* e de *petits crevés*, o Hlangyland, o *bouquet Manilha*, e o cosmetico Miranda. »

N'esse prurido de querer passar por original « seus esforços de imaginação são vôos de uma intelligencia, que quer crear, e que em sua impotencia cria chimeras » na phrase de um critico, apreciando Brockden Brown. Exemplo : *Diva*, *Pata de Gazella*, *Gaúcho*.

Além do mais, *Senio* tem a pretensão de conhecer a natureza, os costumes dos povos (todas essas variadas particularidades, que só bem apanhamos em contacto com ellas) sem dar um só passo fóra do seu gabinete. Isto o faz cahir em frequentes inexactidões, quer se proponha a reproduzir, quer a divagar na tela.

Porque não foi ao Rio Grande do Sul, antes de haver escripto o *Gaúcho*? A litteratura é uma religião, e tem direito de merecer taes sacrificios de seus sinceros cultores. Não nos teria então talvez dado esses esboços de physionomia fria, de çutis contradictoria, concepções hybridas, a titulo de

figuras esculpturaes e legendarias de campanha. Muita razão tinha Balzac : não fundava acção nenhuma em logar que não conhecesse.

Convençamo-nos : a imaginação, até a mais viril e opíma, se esgota, cança e desfallece. Apreciando a decadencia do theatro hespanhol, diz uma autoridade, que ella teve por causa o haver-se esquecido de que « a opulencia das mais magnificas correntes exige uma *renovação* e uma *economia* na despeza. »

A renovação faz-se pela observação. A natureza offerece cada dia um encanto novo, que a imaginação sadia recolhe para dar-lhe mil feições graciosas , ainda não conhecidas. O fluido propriamente original e imaginoso é apenas applicado a dar o tom, o equilibrio, o reflexo esthetico ás creações reaes. Com tão comedido emprego e uso, nunca se poderá dar a *banca-rota*.

A imaginação atrophiada nas cidades só póde procrear a mentira, a falsidade, quando quer estampar acções e figuras da vida florestal ou do deserto. Não é a leitura isolada, embora dos mais escolhidos modelos, que dará a expressão fiel da natureza. É preciso contemplal-a, receber impressões face a face com o desconhecido, experimentar verdadeiramente todas as sensações da inspiração não ficticia, mas real.

O que foi que contribuim para ter cedo a Ame-

rica do Norte uma litteratura original e grandiosa, graças ao trabalho de poucos obreiros? Foi o não fazerem outra cousa sinão copiarem fielmente as grandes scenas, as magnificas perspectivas d'essas regiões virgens, onde tudo offerecia um cunho de originalidade tão graciosa, que não só dispensava, porém mesmo excluia o uso da creação *phantasiosa*, por somenos aos magestosos paineis.

O que faz Audubon? Estuda os passaros, suas côres, suas paixões, suas metamorphoses, pura e simplesmente á sombra das florestas do Mississipi. « Audubon não sómente comprehendeu essas harmonias, no meio das quaes viveu e que repercutiram no fundo de sua alma, porém reproduziu-as em estylo admiravel de simplicidade, cheio de sabor, de seiva, de eloquencia e de sobriedade. »

Ao passo que esses illustres constructores vão pedir á natureza os traços harmoniosos, os paineis correctos, as côres vivas com que devem crigir e adornar o pantheon das glorias da patria, e de sua propria immortalidade, entende *Senio* que conseguirá identicos resultados, desprezando o inexaurivel manancial ; e, cego pela vaidade, não vê sua veia apparecer nos ultimos livros deprimida e exangue? Lamentamos do coração o engano d'alma.

Na monomania de querer passar por *creator* ou melhor por *dizedor de novidades* tem a pachorra

de asseverar na Diva ao publico, para quem se deve ter a *gravidade e a reverencia devida a tão alto senhor*, que os termos *nubil, pubescencia, olympio, frondes, afflar* e outros (já de muito consignados nos dictionarios da lingua) são *innovações suas!* e demora-se em justificar-as.

Ora, todos estes vocabulos se acham em Moraes e Constancio, e especialmente em Fonseca, edição de Pariz, de 1852 — volume portatil. — *Nubil* — diz o lexicographo — adj. de 2 gen ; em estado de casar, casadouro — *Nubilidade*, s. f. idade, estado do que é nubil. — *Pubescencia*, s. f. puberdade; (bot.) existencia de pelos. — *Olympico, Olympio, a*, adj. pertencente aos jogos olympicos ou ao Olympo. — *Frondes*, s. m. (bot.) ramos de arvores folhudos. — *Afflante*, adj. de 2 gen. que assopra ou bafeja. — *Afflar* v. a. lançar o halito ; soprar para alguém ou alguma cousa; (fig.) communicar o ar como assoprando ou bafejando; (poet.) inspirar os vates.

Na *Iracêma* diz (na carta final) que « as etymologias dos nomes das *diversas localidades* são de cunho original. » Entretanto os vocabulos *Aracaty, Meruoca, Quixeramobim, Pirapora, Pacatúba*, e outros, vem todos no *Glossario* do Dr. Martins, quasi pelos mesmos termos!

Senio tem a mania das notas. Não ha volume, d'entre os ultimos que assignalam a sua precoce

decadencia litteraria, que não seja acompanhado de alguns d'esses enxertos, que na maioria só servem para desabonar o autor. Na *Pata da Gazella* escreve *Tilbure*, *champanhe*, porque entende que devemos imprimir certo cunho portuguez nas palavras estrangeiras adoptadas pelo uso. Por esta regra devemos escrever *buquê*, *soaré*, etc. Não te parece uma extravagancia?

No *Gaúcho* offerece-nos *hennito*, com certos ares de novidade, por não encontral-o em Moraes ou em Constancio; é *crê* (este *crê* dá um specimen da frivola vaidade de quem não quer achar autoridade antes de si, até na propria lingua) que Fonseca dá *hinnir* e *hinnito*.

Notavel singularidade! Parece que *Senio* faz timbre de lançar a confusão nos espiritos. Quando elle diz que inventou tal verbo, encontra-se o verbo nos dictionarios mais vulgares; quando diz que em tal dictionario vem tal termo, justamente este termo deixa de vir no dictionario referido. E sim; cá o meu Fonseca, tão indiscreto e abelhudo no *afflar*, na *pubescencia* e nos outros, está mudo quanto ao *hennito* e ao *hennir*! Não são, porém, vocabulos novos; Filinto Elysió empregou *hinnitor*, rinchador, e modernamente Odorico Mendes faz o mesmo no seu *Virgilio Brasileiro*. *Hinnus* chamam os naturalistas ao filho da burra com o cavallo.

Diz-nos ainda *Senio*, no inexgotável *Gaúcho*, a titulo de *idiotismos* e *gíria* de campanha : « *carneador*, o que mata a rez e a esfolia e mantêa a carne ; *salgador* o que salga ; que *sérro* é monte ; que *lomba* é ladeira ; que *mondor go* são tripas ; que *pôldro* é cria da egua. »

Não é uma mania de querer a todo o transe passar por philólogo ?

Diz-nos mais que os Yankees chamam *far-west* ao que os Russos chamam *steppes* e os Castelhanos *sabanas* — isto é, « as immensas planicies rasas que se dilatam por aquellas regiões, e que, de certo, no dizer dos viajantes, parecem á noite cobertas de um branco lençol. »

Está enganado : os Yankees chamam *far-west* ao *desconhecido*, o *inexplorado* ; e, talvez, mais propriamente ás mattas virgens, onde ainda não penetrou o esforço civilizador (Vid. a nota no fim da serie).

Com o titulo de *Far-west* ha um bello livro, com autoridade e cunho de quem viu as cousas, e cuja leitura recommendamos a *Senio*.

Diz-nos mais que *pampa* é uma palavra originaria da lingua kichúa, que significa simplesmente o plaino. Porque não declarou de onde houve esta noticia sobre a lingua kichúa, tão pouco conhecida entre nós, e que não se aprende nas academias ?

A tal respeito lê-se no *Guarany*, de G. Aimard, pag. 41, capítulo intitulado — *O rancho* — em seguida ao que se intitula — *O Gaúcho* :

« Le mot *pampa* appartient à la langue Quichúa (langue des Incas); il signifie textuellement place, terrain plat, savane ou grande plaine. »

Tenho-me alongado de mais n'esta carta, e reservo-me para a seguinte.

SEMPRONIO.

CARTA III

Meu amigo.

Aqui estou outra vez, proseguindo em meu insano, e sem duvida inglorio labor.

Á luz dos principios estabelecidos na minha carta de hontem, estudemos o *Gaúcho*, como romance nacional.

Achou-se um dia Manoel Canho em um rancho ou pousada de Entre-Rios, onde uma egua brava tinha desbancado os mais habéis e destemidos picadores. Ouçamos *Senio* :

« Fôra longa e renhida a luta dos piões com o animal, antes que lhe deitassem a mão. Em se adiantando algum mais affouto, a egua juntava, e de um salto espantoso se arremessava longe disparando aos ares o couce terrivel e encrespando o pescoço para morder.

« Conheceram afinal que era impossivel levar a sua ávante pelos meios ordinarios. Fei então laçado o animal pela garupa em um dos corcovos, e jungido ou antes enrolado ao moirão. »

Já antes d'essa tremenda prova da *indomabilidade* da egua, D. Romero (o dono) e mais dous camaradas, que trazia, haviam empenhado, mas de balde, os maiores esforços para montal-a. Era tal a *rapariga*, que D. Romero a dava de graça a quem a montasse, tão convencido estava de o não conseguirem.

Canho, que nunca vira o animal, adianta-se, crava o olhar na pupilla brilhante da *baia*, solta um murmurejo semelhante ao rincho do poldrinho, e temos a egua rendida.

Graças a esse simples olhar *amoroso*, a esse ar-rojo, Canho consegue aproximar-se e pôr-lhe a mão nas espadoas.

— « Só mandinga! » observa um dos da pou-sada, attonito pelo prodigio. Não podia deixar de ser um homem de senso, esse.

Canho *cinge-lhe o collo garboso*. Os olhos de *ambos* se embeberam uns nos outros. — « Que palavras mysteriosas balbuciam os labios do gaúcho ao ouvido do indomito animal, com a mão a *titillar-lhe os seios*? » pergunta *Senio*.

« O bruto entendia o homem — responde elle mesmo. — A egua *estreita com o pescoco o gaúcho*.

Houve um *colloquio* do bruto com o homem. Ficam todos os rancheiros pasmados. » (Nem era para menos.)

Mas Canho continúa nos seus carinhos e blandicias. Amacia as finas sêdas da crina e abraça a egua. Esta *volta o rosto* para ver o semblante do gaúcho e *agradecer-lhe* a caricia. Domada, ou antes rendida ao amor, a *baia* aproxima-se do terreiro, sacando com gentileza e elegancia.

É de tal força o milagre que os da pousada querem crer que a egua já fôra amansada, ou fugira ha tempos de algum pasto, e outras cousas mais.

Porém Canho, conscio do seu estupendo prestigio, desafia a que consigam o que elle acaba de obter de *morena*. Alguns temerarios, levianos, se aproximam para outra vez tentarem cavalgar o animal, mas foi uma tal *cascata de couces*, que todos correm a refugiar-se no alpendre.

E com tudo — *mirabile dictu!* — *morena* correu para junto do gaúcho, que estava arredio (*arredado* devia dizer) e começou a roçar por elle o pescoço, *como se o affagasse*; Manoel montou de novo, sem que a egua fizesse o *menor movimento de impaciencia*. (Artes do demo; não tem que ver.)

Para quem sabe o que é a egua bravia, *maxime* si está recém-parida, essa *transfusão de sentimentos affectuosos*, de que nos fala *Senio*, operada en-

tre *morena* e Canho, é o cumulo do absurdo, senão do ridiculo.

Perguntai, desde o sertanejo do norte até o picador da cidade, e d'este até o gaúcho da campanha do sul; perguntai a qualquer pessoa de todos os paizes, entre os primeiros povos dados á arte de montar, mais astutos, mais ferteis em artefactos e fraudes para illudir os sentidos aguçados, levados ao ultimo acume, da egua parida, si é possivel essa scena por mera *sympathia* ou influencia sentimental; e todos rirão de vossa ingenuidade.

« Os Americanos — diz um autor — apanham os cavallos bravos, deitando-lhes o laço ao pescoço, pondo-lhes o freio e a sella, a *despeito de todos os esforços* do animal para se ver livre de taes obstaculos; um domador *valente* monta então o cavallo e fal-o correr, picando-o com as suas agudas esporas, *até que o animal se cance.* » *Senio* não será capaz de citar, para apoio de sua concepção, uma só opinião em favor da domesticação do cavallo, pelo *sentimento brando e affectuoso*. Muito meños se se tratar da egua no estado de *morena*, estado em que adquirem esses animaes um tal grau de excitabilidade e susceptibilidade que só não desconhecem o proprio filho.

Senio parece querer de algum modo insinuar a justificação da desnaturalidade, pelo *ornêjo* de

Canho imitando o *rincho debil do poldrinho* recém-nascido. É uma filigrana, que cede a uma só observação : a egua certifica-se do filho, não tanto pelo rincho como pelo cheiro d'elle. Mas ainda assim : pegai do filho da egua e aproximai-vos d'ella com as mostras mais affectuosas de vossa ternura, e duvido que a consigais abrandar. Talvez succeda o contrario, e cada vez mais a irritéis, com risco de a fazerdes desprezar o proprio filho.

O autor acha, entretanto, simples o segredo da proeza do gaúcho. Jámais moça ardente, sôffrega de lascivos prazeres, comprehendeu melhor um olhar de ternura, e d'elle se deixou vencer, do que *morena* do olhar de Canho.

Morena é a encarnação pois do talento racional. Conhece as menores intenções de seu dominador desconhecido. Torna-se em momentos o escravo mais intelligente, submisso e dedicado do estranho.

Ás vezes vem a contradicção dar diversão ás idéas. Como comprehendesse o gaúcho que a egua estava com saudades do filho, apressou-se a satisfazel-a. Foi, « passar a *tronqueira* do pasto e a besta desfêchar n'uma corrida veloz. » (É' *tronqueira* e não *tronqueira*.)

Pois esse animal, que assim corria instinctivamente em procura da prole ausente; que devia ter

uma corrida *louca*, sem parar, faz alto á beira do arroio, põe-se a retouçar os tufos da grama, e assim fica esquecido do filho, ponto supremo de attracção irresistivel, que o seduzia e o arrastava por *sangas* e *coxilhas*, galgando encostas e transpondo barrancos?

Canho está deitado dentro do rancho, em quanto a egua solta pastava. « Porque não correu *selvagem* e *livre*, para onde a chamava o instincto com tanta vehemencia? » pergunta o autor. Elle accode logo : « Antevia que tinha necessidade do homem, carecia do seu auxilio, ou antes uma força desconhecida a prendia á vontade superior, que a domava. » A egua tinha já adivinhado que succedêra ao filho algum desastre, do qual só o homem o poderia salvar ; como, pois, o deixar ?

Mas emfim lembrou-se *morena* que não era bem demorar-se mais a pastar ; e em lugar de seguir só seu caminho, como faria qualquer outro que só desde horas conhecesse o gaúcho, vejamos o que ella faz. Ouçamos *Senio* :

« N'esse momento *metteu a egua a cabeça pela porta*. Dando com o gaúcho sentado, fitou n'elle os olhos e começou a *ornejar baixinho*, como para chamar a attenção do companheiro. »

O autor não se demora em explicar o phenomeno por estas palavras :

« Era a egua um intelligente animal : e *depressa*

aprendêra a linguagem pittoresca e symbolica, inventada pelo gaúcho para suas relações sociaes com a raça equina. »

Que eguasinha, hein, meu amigo!!

Em poucas horas comprehendeu a giria symbolica do gaúcho. Se esta egua frequentasse uma faculdade, que de prodigios não operaria! Era capaz de improvisar discursos, recheados de *sensações*.

Ha por ahi talento que possa tanto?

Tambem não é muito para admirar, porque já *morena* se rendêra ao só olhar do brasileiro, e um simples *ornêjo* d'este lhe vencêra os impetos bravios, quando ainda eram inteiramente desconhecidos; e isto logo ao primeiro encontro.

Um folhetinista diz que o *Gaúcho* é um romance primoroso, de vasto alcance litterario, philosophico e historico (nada menos).

Espera o leitor que o profundo critico entre na vastidão d'essa philosophia enigmatica, boudhica ou mythica, n'esse alcance litterario de logogripho, e cedo cahe das nuvens, fulmiñado pela mais atroz desillusão. O que o escriptor adduz para provar suas pomposas proposições, são estas palavras:

« Tenho em mão o primeiro volume da obra. Que belleza de imagens! que vôos audaciosos e brilhantes! »

E vai proseguindo n'esta apologia, apologia, e nada mais que apologia!

Só a *morena* poderá explicar o *latum, longum et profundum* do contexto.

A burra de Balaão falava, e, pelo que as cousas mostram, ainda assim ficava áquem de *morena*.

Teriam tambem as orelhas da burra biblica a virtude de « se *enroscarem* como uma *concha*? » As orelhas da *morena* faziam d'estas magicas. Prosigamos.

O que vemos agora? Duas eguas que se abraçam e acariciam : — *morena* e *tordilha*. Estamos junto da gruta, onde cahiu e está agonisante o *Juca*, o filho da primeira.

Canho penetra na guéla pétrea, d'onde saca o menino.

Ao vê-lo, a mãe *soluça* e *ri*.

A esta gentil *creança* havia a *tordilha*, na ausencia da amiga, *amamentado por alguns dias, condoida do orphão*. *Tordilha* é um portento de sentimentalismo : a egua parida só consente tocar-lhe nas tétas o proprio filho; *tordilha*, posto que selvagem, pelo contrario: é ella, de motu proprio, que vai em soccorro de *pecurrucho*!

Entretanto — admiravel contraste ou capricho da natureza! — ao passo que assim procedeu com o *Juca* durante a ausencia da mãe, agora, ao con-

templar com Manoel a *morena deitada* com a creança equina, *castigava a travessura do seu proprio* poldrinho, arredando-o de si, quando elle se chegava para acaricial-a. « Não queria ella — diz o autor, — a mãe feliz, dar áquella mãe desventurada o espectáculo de sua alegria ! »

Em seguida tira Canho o poldrinho do regaço materno. Egua nenhuma consentiria em tal, mas emfim *morena* não é uma *egua humana*, de sentimentos rebeldes e vulgares ; pertence, pelo contrario, ao Olympo, como o Pégaso ; é uma *egua divina*.

Canho chama a *tordilha*, que ligeira accode *offerecendo as têtas para amamentar* o pobresinho desfallecido. *Só então consentiu tordilha* que o seu *pirralho brincasse* ; mas ainda assim, só ao longe, *para não acordar o camarada*.

O enternecimento da amiga de *morena* não fica n'isso, e vai pressurosa chamar as selvagens coude-larias, para que venham *felicitar a exilada* pela sua boa volta aos *sérros nativos*.

Espantando-se com o gaúcho, que se levantára do chão, dispararam os magotes. *Morena* porém corre a dissuadil-os de seus receios, contando-lhes tudo sem duvida : seus recentes amores, sua nova paixão ao Canho, os sacrificios prestados por este a favor do *Juca*, filho do pae do lote, e lá volta a cavalhada.

Ahi então o espectáculo é edificante. O maioral da tropa, o soberbo alasão, cumprimenta Canho ; Canho corresponde á saudação do rei do deserto. « Não houve entre elles affagos nem familiaridades » vem logo dizer-nos *Senio*, para que não pensemos que elles teriam d'essas effusões, só proprias de gente-relé, faltando á *cortezã pragmatica*, mas uma demonstração grave de *mutuo respeito e confiança*.

Canho é verdadeiro heroe d'aquella festa cavallar.

Rodeiam-n'ó, saúdam-n'ó, cada qual mais ceremonioso, obsequioso e solícito. Póde mesmo suppôr-se que alli se praticou de cousas concernentes á hippica *gente*, e falou-se compridamente da politica do paiz em intima confiança, como n'uma sessão de parlamento. Canho parece-se com o oraculo. Si lhe occorresse improvisar no deserto uma cerimonia das monarchias, lembrando o beija-mão, todos teriam corrido, commovidos e á porfia, a oscular a pata do *grande alasão*.

Depois d'esse solemne cortejo, celebrado na magestade das solidões, sente o gaúcho exigir-lhe o coração o cumprimento do *humano* dever de *mator* um homem — embora o assassino de seu pae. Esse coração era a esphinge. Tão vilão para com seu semelhante, quão prodigo de impossiveis affectos para o bruto ! Homem que, tendo o senti-

mento tão apurado para o animal, deixasse de o ter para a sua especie, seria um aleijão da especie humana. Pois Canho era assim : desde *menino*, *premeditava* vingar a morte de seu pae. Não fôra elle tão sensivel para os cavallos e as eguas, e não se admiraria essa resolução. Ella está até na indole e natureza do arrebatado e vingativo gaúcho, só não na do simulacro mais imperfeito, do arremêdo mais incompleto, da caricatura mais contradictoria e desnaturada do typo.

Sois vós isso, acaso, gaúcho ?

« Não se explica semelhante aberração » diz-nos o autor.

Ah ! não se explica. E dá-se-nos a aberração como o typo ! Triste phantasia, a que não explica sua propria criação.

Canho vai, emfim, partir para vingar-se.

Apanhou a *rosilha*, que já não tinha poldrinho para amamentar. Nenhuma resistencia fez o animal. Todos se haviam *rendido á influencia mysteriosa* do gaúcho ; e todos desejavam tanto mostrar-lhe seu affecto, que houve *quasi querellas e arrufos de ciumes, pela preferencia dada á rosilha*.

Morena, vendo que seu bemfeitor ia partir, *arrançou-se ao jubilo materno, correu para Canho e abraçou-o*. Deveria ser uma scena toda de commover, aquelle supremo lance de despedida de dous

amantes, apaixonados. Quem dera um Raphael, para levar á tela o quadro portentoso d'este sublime abraço !

Não nos podemos furtar á tentação de repetir aqui as ultimas sentidas palavras de Canho, que fazem`cortar o coração :

— « Pensavas tu, *morena*, que me iria sem abraçar-te? Adeus! Levo de ti muitas saudades. A corrida que démos juntos, nunca, nunca hei de esquecer-a. Duvido que já alguém sentisse prazer egual a esse. Falam outros das delicias de *abraçar uma bonita rapariga : se elles te apertassem, como eu, a cintura esbelta*, voando por estes ares ! »

Vade rêtro! Que lhe faça bom proveito, Senhor Canho.

— « Adeus, adeus! conclue o gaúcho. Lembranças *ao alasãozinho*. »

Será lembrado. Vá com Deus. E Canho partiu.

Mas apenas vencêra algumas quadras, ouviu o tropel da veloz corrida de *morena*, que distribuiu quatro duzias de couces e outras tantas dentadas á *rosilha*, por haver tido a ousadia de merecer atenções de seu amante. Manoel entendeu logo — pudêra não ! *Eram ciumes*.

E para acabar de uma vez com esta repugnante historia de hippicos amores, fique-se sabendo que

Canho montou na *morena*, pôz o *Juca* na garupa,
e foi-se.

Santo Deus ! Para onde emigraram o bom senso
e o gosto litterario do Rio de Janeiro?!

SEMPRONIO.

CARTA IV

Meu amigo.

Hoje occupo-me apenas com o *pampa*, cuja descripção no primeiro capitulo do romance tantos louvores tem grangeado a *Senio*.

Não tenho tempo para mais. Escuta !

« Como são melancolicas e solemnes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguay e seus affluentes ! »

Melancolicas as campinas, ao *pino do sol* ! De feito de observação.

Que as selvas o sejam sempre, as selvas que naturalmente vestem aspecto sombrio, de indefinivel tristeza, comprehende-se. Mas campinas, embora immensas, embora solitarias, porém banhadas de luz !

Não ha sitios descóbertos, ao ar livre, como a savana, que apresentem melancolia ao *pino do sol*. A luz, que se diffunde como um diluvio, esclarecendo tudo, imprime, ao contrario, no descampado uma feição radiante e bella.

E *Senio* tanto parece esposar esta opinião que declara que « *ao pôr do sol, a physionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos, e só de pois é que ressumbra profunda tristeza.* » Oh ! Pois, si no crepusculo da tarde, quando uma solemne melancolia envolve toda a natureza e portanto deve já ser *triste* a savana, é, pelo contrario, no dizer de *Senio*, *suave*, isto é, *aprazivel*, então ao pino do meio dia, quando tudo é luz, calor e vida, é que o *pampa* ha de ser *melancolico*? Ainda mais: chega elle a dizer que n'esse momento (isto é, ao pino do meio dia) o *pampa* é mais *pavoroso* do que a immensidade dos mares. Que *pampa* seria esse que *Senio* observou e estudou?

« No seio das ondas, o nauta sente-se isolado; é atomo involto n'uma dobra do infinito. As ondas se agitam em constante fluctuação; tem uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante, ao sôpro do vento; ha n'ellas uma physionomia, um gesto. A tela oceanica, sempre magestosa e esplendida (e porque não tambem o *pampa*?) ressumbra possante vitalidade. O mesmo pégo, insondavel abysmo. exhubera de força creadora; myriadas de animaes o povoam, que surgem á flôr d'agua.

« O *pampa*, ao contrario, é o pasmo, o torpor da natureza. Em torno do viandante faz-se o vácuo. »

Em torno do viândante faz-se o vácuo, no *pampa*? E porque não também no mar em torno do nauta isolado?

As myriadas de animaes que povoam o mar *surgem á flôr d'agua*? Prodigio! N'isto não pôde deixar de haver milagre de Santo Antonio de Padua. Caracteristico do mar, ao pino do meio dia : os peixes deitam a cabeça de fóra.

« Lavor de jaspe, imbutido na lamina azul do céu, é a nuvem. »

As nuvens no firmamento do mar teem *o direito de cambiar*, e no firmamento do *pampa* tem a nuvem o *dever* de ser lavor *imbutido*, pela mesma razão porque alli não pôde deixar de soprar o vento, e aqui não pôde deixar de reinar a *paralysis*.

As ondas *murmuram*, é certo ; mas as altas herbas da savana não *rumorejam*? Pois *Senio* não diz que o *pampa* é a *patria do tufão*? Não é muito que onde reina o tufão, possam também soprar galerinos. Conclusão, que muito interessa á meteorologia ; no *pampa*, ao pino do sol, não ha vento.

« O chão simelha uma vasta *lapida* musgosa de extenso pavimento. »

Ora, si a savana figura ás *fluctuações* do mar alteroso, como se compara a savana com a *lapida*?

« Para a furia dos elementos inventou o Creador as rijeças cadavericas da natureza ; diante da vaga impetuosa collocou o rochedo ; como leito do furacão, estendeu pela terra as infindas savanas da America e os ardentes areaes da Africa. »

O rochedo é com effeito uma rijeça. Mas as savanas *ondulosas*, os areaes *movediços* serão também *rijeças cadavericas da natureza?*

« Arroja-se o furacão pelas vastas planicies ; espoja-se nelas como o pôtro indômto. »

Em suas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, estranha J. de Alencar ao poeta G. de Magalhães o haver « *á aguia dos Alpes, ao cysne da Grecia, ao condor dos Andes, opposto por parte do Brazil a andorinha, ave de tôdos os paizes.* » Pois bem : *Senio* compara o furacão das savanas com o pôtro ! Como assim se amesquinha um dos mais magestosos phenomenos da natureza americana ?! Quem dissêra que *Senio* reproduzira então o preceito que devia condemnal-o hoje ?

Queres agora ver o contraste mais vivo e completo? É um escriptor americano que vai descrever o furacão. É Audubon.

« Por sobre o continente americano — diz Audubon — não passa o furacão sem deixar traços. Quanto a mim, que fui testemunha de um d'esses phenomenos terriveis, tão viva lembrança me ficou d'elle que talvez me taxassem de exaggerado, si eu reproduzisse a sensação de assombro que ainda me invade, quando a memoria me representa os pormenores d'essa horrida scena.

« Jornadeava eu a cavallo. Achava-me entre Shawaney e a ponta do Canot ; lindo estava o tempo ; o ar meigo ; ia devagarinho o meu cavallo.

« Apenas entrei na garganta ou valle que separa a ponta do Canot da d'Highland, obscureceu-se o céu ; cerração negra foi simulando noite profunda. Parei, cheio de espanto ; sentia ardente sêde, que saciei n'um arroio proximo.

« Para logo escutei uns sons vagos, sem nome em lingua humana, um como murmurio longo. Sobre o fundo tenebroso do firmamento foi-se desenhando uma faixa oval e livida.

« Os ramos superiores das arvores estremeceram ; depois communicou-se esse movimento aos ramos inferiores. N'um relancear de olhos, vi os troncos estalarem em pedaços, desarraizarem-se, fugirem ao sópro da ventania, e toda a floresta passar ante mim como torrente de agigantados e aterradores phantasmas. Esses troncos se embatiam e entrechocavam em sua viagem.

« No centro da corrente tempestuosa, viam-se os tôpos das mais grossas arvores forçados a tomar uma direcção obliqua, a vergar : abaixo e acima d'ellas, massa espessa de ramalhada, galhos estalados, poeira erguida, tudo redemoinhava sob a mesma impulsão. O espaço até ahi occupado por todas essas arvores, nada era mais que arêna vasia, ou antes coberta de raizes, e destroços ; dirieis o leito do Meschacebe inteiramente nú. As cataractas do Niagara não atrôam com mais violencia ; não é mais poderoso o impetô da sua quêda terrivel.

« Quando a sanha primeira do furacão se mostrou como que farta ou cançada, milhões de ramos despedaçados revoavam ainda pelo ar, e a marcha da columna densa que ia assignalando a passagem da tempestade perdurou ainda horas, como que determinada por não sei que força de attracção.

« Cobrira-se o firmamento de um véo esverdinhado e lugubre ; cheiro de enxofre excessivamente desagradavel impregnava a atmosphera. Silencioso e pasmado, esperei que a natureza transtornada readquirisse, sinão a fôrma primeira, ao menos seu costumado aspectô.

« Atravessei o leito da torrente aerea, conduzindo pela brida o cavallo, que espantavam todos esses cadaveres d'arvores despojadas e derruidas.

« As ruínas da floresta destruída jaziam amontoadas no solo, onde formavam tão espessa barreira, que obrigado, ora a abrir vereda n'esse labyrintho, ora a arrastar-me por debaixo dos ramos enlaçados, ora a transpôl-os de um salto, senti, durante o tempo que a esse trabalho consagrei, fadiga mortal.

« Essa columna de vento, que occupava cêrca de um quarto de milha, levantou telhados, arrebatou casas, forçou rebanhos inteiros a emigrar violentamente pelos ares. Achou-se uma pobre vacca morta no cimo de um pinheiro para onde a levaram as azas do furacão. O valle é ainda hoje um logar desolado, coberto de musgo e de sarças, inacessivel aos homens : os animaes de rapina o escolheram para asylo. »

Tanto tem esta descripção de grandiosa e verdadeira, quanto a primeira de apoucada e falsa.

Além de comparar a furia do furacão com o pôtro, vê, meu amigo, como *Senio* pinta a passagem do imponente e horroroso phenomeno :

« Afinal a natureza entra em repouso ; serena a tempestade ; queda-se o deserto, como d'antes *placido e inalteravel*. (Queria dizer *inalterado*.)

« É a mesma face impassivel ; não ha alli sorriso, nem ruga, Passou a borrasca, mas *não ficaram vestigios*. (Que insignificantes borrascas são as do sul, julgadas por *Senio* !)

« No tronco da arvore derreada, nos galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, ha uma attitude athletica. Logo se conhece, que a arvore já lutou com o pampeiro e o venceu. »

Pois se em consequencia das lutas com o pampeiro é que a arvore fica derreada, e seus galhos convulsos, e sua folhagem desgrenhada, como é

que *passou a borrasca e não ficaram vestígios*? Si não foram esses vestígios poder-se-hia *conhecer* que a arvore *lutára* com o pampeiro e o *vençêra*?

Mas a arvore lutou com o pampeiro e *venceu-o*! Que arvore! e que pampeiro! Já viste arvores collosaes passarem *arreatadas, estranguladas* nas azas do furacão, como acaba de nos referir Audubon. *Senio* porém affirma que a arvore do pampa (não falando nas altas hervas, a vegetação lenhosa do pampa é fraca e acanhada, sem proporções, nem solidez para resistir ao furacão) não só resistiu a este, porém *venceu-o*!

« A trecho passa o poldro bravo, desgarrado do magote; eil-o que se vai retouçando alegremente babujar a grama do proximo banhado.

« Nas margens do Uruguay, onde a civilisação já babujou a virgindade primitiva, etc. »

Uma das manias que perdem *Senio* é querer passar por outro Colombo, descobridor de mundos novos, por *maves nunca d'antes navegados*. Insiste, demora-se n'essas *novidades*, com a intenção de imbutil-as no idioma vigente. Quer a todo o transe introduzir na linguagem moderna—nomenclatura, phraseologia, que se attribua á sua iniciativa e sapiencia.

O vocabulo *babujar* é empregado frequentes vezes no volume. Os dictionarios da lingua não o

trazem e sómente *babugem*, vocabulo este muito usado pelos nossos homens do campo, para tambem significar a grama rasteira, que aponta com as primeiras aguas. *Senio* não se contenta sómente com dizer que o poldro *babuja*; e sem se importar com o *simile* pouco lisongeiro a que dá logar seu vaidoso capricho, faz tambem a *civilisação babujar* (como cavallo) a *virgindade* primitiva das regiões. Aqui não temos simplesmente o rebaixamento do homem ao nivel de irracional, idéa fixa e capital de *Senio* em sua obra : temos mais que isto : o phenomeno supremo e providencial da humanidade, a *civilisação*, exerce a função do bruto—babuja.

« Tal é o pampa — conclue *Senio*. — Esta palavra, originaria da lingua kichúa (*kechúa* escreve o Dr. Martins em seu *Glossario*, dando-lhe a significação de *campo*) significa simplesmente o plaino; mas sob a fria expressão do vocabulo está viva e palpitante a idéa. Pronunciai o nome, como o povo, que o inventou. (Como havia de ser que elle o pronunciaria?) Não vêdes no som cheio da voz (ha pouco, a *expressão* do vocabulo era *fria*, agora há *cheio som* de voz) que rebôa e se vai propagando expirar no vago, a imagem fiel da savana a dilatar-se por horizontes infindos? Não ouvis n'essa magestosa onomatopéa repercutir a surdina profunda e merencoria da vasta solidão? »

Aqui já a solidão, isto é, o pampa tem uma voz, a surdina murmura. Está claro que não ha de ser ao pino do meio dia.

Não ha duvida que é muito significativo o termo *pampa*. Por mais, porém, que o queiramos, não podemos *ver* n'elle um *som* (e os *sons* tambem se *vêem*?) que *rebôe* e se vá propagando, e muito menos descobrir-lhe *onomatopéa*.

Que indica tudo isto? O fructo agorentado e fanadinho de uma imaginação, farta em bagagem de côres vivazes para pintar os quadros da natureza real, mas que só produz, inteiramente entregue a si, pallidos e contradictorios desenhos, onde sobresai a confusão arida.

Lendo-se a descripção do pampa por *Senio*, vê-se que « essas solidões não lhe serviram de gabinete de trabalho; que elle não percorreu os vastos desertos; que não respirou o ar carregado de emanações da vegetação primitiva » como fez o grande ornithologo das margens do Mississipi e do Ohio.

O espectaculo verdadeiro do pampa está desfigurado no *Gaúcho*.

Aquella nuvem não está *imbutida* no céu, divaga; aquella campina não é *melancolica*, mas expande-se e sorri; aquella savana não é o *torpor* ou o *pasm*o ou a *paralysis*, agita-se; aquelle chão não se parece com a *lapida* do claustro ou do tumulto, sinão com as sinuosidades do vasto oceano; aquelle furacão não se *espoja* como o pôtro, mas subleva-se, contorce-se, revolve-se, devasta e tala o deserto como vortice ou cataclysmo. A natureza protesta contra

o panorama traçado á custa do prolongado esforço esteril.

Queres ver, meu amigo, um painel vivo e natural? É a descripção suave do pampa por G. Aimard.

Aqui não se escreveu para encher um capitulo. São pinturas rapidas, mas incisivas, proprias de penna modesta e despretenciosa. Por via de regra, para dar-se noticia d'esta natureza meridional, que é portento de magnificencia e formosura, não se ha mister de longos desinvolvimentos, prejudiciaes sempre ao vigor e effeito das scenas.

« A campanha em torno de mim — diz G. Aimard — estava deserta e placida como no dia da creação.

« Os cães, vigilantes sentinellas, que durante a noite nos haviam velado o repouso, levantaram-se ao ver-me, e vieram festejar-me com latidos alegres.

« O aspecto do pampa é dos mais pittorescos, ao nascer do sol.

« Silencio fundo paira por sobre o deserto ; dir-se-hia que a natureza se recolhe e recupera as forças, ao desabrochar do dia que enceta.

« Tremúla docemente a fresca brisa matinal, por entre os altos macegaes que ella inclina em ondeados e leves movimentos.

« Por aqui, por alli, erguem os veados as cabeças, tomados de espanto, e circumvagam olhares temerosos.

« Os passarinhos, encolhidos de frio sob as ramagens, preludiam por algumas notas tímidas o seu matutino hosannah.

« Sobre os montículos de areias, formados pelas tocas das vigonhas, poisam curujinhas indolentes e immoveis, como sentinellas ; em sua meia somnolencia, deslumbradas pelos raios

do astro do dia, escondem as redondas cabeças na plumagem do pescoço.

« Lá pelas alturas, urubús e caracarás bordejam em circulos alongados, librando-se negligentemente, á feição do vento, á espera da prêsa sobre que hajam de cair de súbito, com a celeridade do raio.

« Assimelha-se o pampa n'este momento a mar de verdes e calmas ondas, cujas margens se occultem lá por detraz das dobras do horizonte. »

Eis-ahi em rapidos traços o pampa. Opulento ou pobre de encantos, é isto. É a natureza copiada com fidelidade photographica.

« A imaginação dos homens de genio, observou um critico, reproduz, as paixões e os quadros do mundo, como espelho fiel e brilhante repete bella campina, ou rosto regular ; a imaginação falsa assimelha-se porém a esses vidros obliquos, que o optico dispõe de modo que não apresentam reflexo algum exacto ; ahi tudo nos apparece ou diminuido ou desmedidamente dilatado. Uma está para a outra na mesma proporção do retrato para a caricatura. »

No *Gaúcho* nota-se uma pompa, uma demasia palavrosa, sacrificando o pensamento á fórma. Pede-se ahi de mais á imaginação estanque.

E que succede, afinal ? Se ha hi fórma que scintille, é scintillar de lentejoilas ; é lustro de ouro-pel ; é casquinha de brilho ficticio e fallaz : mal roçardes o artefacto, conhecereis o inferior quilate da quinquilharia.

Desculpa, meu amigo, a prolixidade, e permite-me voltar ao assumpto.

SEMPRONIO.

CARTA I

CINCINNATO A SEMPRONIO

Sempronio amigo.

Agradeço cordialmente as admiráveis cartas em que me tens ido fazendo a analyse do famoso *Gaúcho*, com intelligencia e gudeza critica tal, que me parece a tua penna, modelo para semelhantes estudos, e digna de apreciação de trabalhos de vulto. Sim, pennas, como a tua, devem ter mais alta missão, mas emfim, bem haja quem foi origem de lucubrações tão valiosas, na essencia e na fórma, como estas cartas são.

Mandas-me, com a tua 4ª carta, um exemplar do *Gaúcho*, para que eu, confrontando-a com o documento original, te diga se és severo ou justo. Já que me permittes, dir-te-hei que me não parece justo nem severo : em vez de rigor, ha ahí brandura ; longe de justiça, ha favor nos teus julgamentos : affigura-se-me que ainda concedes ao escriptor qualidades imaginarias, em desconto de seus peccados. Agora que li o tal livreco, tenho para mim que no seu autor venerarei de boa mente uma excellente pessoa ; mas como escriptor, isto não é mais que um operario da communha litteraria, demolidor feroz, petrolisador intellectual, digno membro do directorio da *Escola Coimbrã*.

N'esta tua 4ª carta, dissecas brilhantemente o 1º capitulo do *Gaúcho*, e ainda assim saltas por sobre mil *bellezas*, provavelmente porque, para aquilateral-as todas, houveras precisado os 60 volumes in-folio da *Encyclopedia methodica*.

Concordo contigo : este escrevedor tem a mania da *novidade*; *il lui faut du nouveau quand il n'y en a plus*; logo no prêmio d'esta cousa, nos diz elle que *na novidade é que elle acha o sainete*; é da raça dos taes que não hesitarão em descrever o mar como encarnado, e o circulo como bicudo, só para conquistarem a gloria de ceifar estranhezas, e dar á luz novidades; foi quem aconselhou Alcibiades a cortar o rabo ao cão. Onde a imaginação lhe parece frouxa, ou desenfreada, pouco importa; aceita-se tudo: ás maiores loucuras, chama-se originalidade; o devaneador é chefe de escola, e já que não pôde brilhar pelo senso commum, contenta-se com o pechisbeque da casa:

Quand on n'a pas ce que l'on aime,
Il faut aimer ce que l'on a.

Tens carradas de razão em quanto ponderas, mas reconheço que muito te arriskas, porque, segundo parece, até este Deus tem seu pagode, com os competentes adoradores ou pagodeiros. No L. 4º de varia *Historia da India Oriental* cap. 8, escreve o Padre Fr. João dos Santos, que nas terras do Malabar, de que é senhor o *Çamori*, rei de Calecut, ha um pagode a que em certos dias de festas, acodem uns endiabrados devotos, chamados *Amoucos*, e mettem-se pelo meio da gente, apostados a matar quantos poderem, em honra e louvor do seu nume, até morrerem na contenda, como de ordinario succede depressa, porque, como sua vinda é sabida e esperada, ha muita vigia que lhes sai logo ao encontro, e peleja até dar cabo d'elles; e com esta barbara solemnidade se celebram as festas d'este pagode. Fernão Mendes diz que se untam com o unguento *minhamundy*. Ouço que alguém se anda por ahi *minhamundy*zando, mas por ora ainda a cousa se reduz a incensos e genuflexões; e isto é innocente; agora quem, em dia de

festa, fôr fazer das suas no pagode, muda o caso de figura.

Continuando pois, direi que o tal capitulinho, a melhor cousa da melhor obra do melhor autor, objecto dos espantos de espantadiços, tem, nas poucas linhas de que se compõe, outras muitas curiosidades, além das que notaste. Bem as viste certamente, mas não te abaixaste a indicá-las. Permite que eu te aponte para algumas d'entre tantas outras.

Basta, basta ! Um capitulosinho de 120 linhas de letra garrafal, apontado como a melhor cousa e portico da obra, deu margem para a tua carta magnifica, e deixou-me estes sobejos, ficando ainda intacta materia para outras tantas observações.

Tens pois razão ás carradas, repito. Eis-ahi as bullas com que certos escriptores se collocam a si mesmos em nichos no pantheon litterario. Tambem os phariseos affectavam ser nimiamente severos, pagavam o dizimo, e ostentavam observar as ceremonias da lei ; mas acharam quem lhes desmascarasse o orgulho e a hypocrisia, e os expulsasse, Deus sabe como, do templo. Tomaram elles continuar a ter força para condemnar ao supplicio da cruz.

Teu leal amigo

CINCINNATO.

CARTA V

Meu amigo.

No que fica apontado até aqui ha sufficiente material para se basear um juizo ácerca do *Gaúcho*. Permite-me, porém, não concluir sem te chamar a attenção para uns pedacitos não menos preciosos, cuja apreciação mais detida deixo inteiramente á conta do bom senso, que te adorna.

Em seu capitulo intitulado *O Páreo*, diz o *Gaúcho* :

« Para ter geito de montar, afrouxou o paraguayo o laço que prendia os quartos do animal (*a morena*) ao tronco; e ajustando as redeas, pôz o pé na soleira do estribo.

« Immediatamente aos olhos dos campeiros attonitos passou uma *cousa* subitânea, confusa, *estrepitosa*; uma especie de turbilhão, para o qual só ha um termo proprio; foi uma *erupção*. »

E adiante :

« Retrahiu-se o flanco sobre os quadrís agachados, em

quanto a taboa do pescoço arqueou, dobrando a cabeça ao peito entumecido. De súbito, esse corpo que se fizera bomba, *estourou.* »

De que especie seria essa *erupção estrepitosa* que mais abaixo *estourou*? Aqui ha malicia.

No capitulo seguinte :

« Suspensa na ponta dos rijos cascos, longos e *delgados*, de cabeça *levantada*, cruzando a ponta das orelhas finas e *canutadas*, com o pello *erriçado* (*ados, ada, adas, ado!*) e a cauda opulenta a espasmar-se pelos rins, parecia, etc. »

Os cavallos no *Gaúcho* teem um singular caracteristico : arripiam-se como fazem os gatos e os cães. Nunca ouvi dizer, meu amigo, que cavallo erriçasse o pello ao sentir uma commoção, por mais intensa que fosse, em condição, nenhuma.

Mas com que se parecia a egua assim *erriçada*?

Ao lêres esse pomposo lanço, calculado para dar idéa do estado de excitação da egua, e quando o autor, proximo de terminar, diz que o animal *parecia...* não suppozeste, meu amigo, que a *morena* ia ser comparada com um animal legendario, de grandiosos impetos, animal imponente pela força, pela fereza, pelo animo descommunal? Illusão, que rapido se desvanece ! A *morena parecia... o animal prestes a desferir a corrida veloz*. Um animal era *morena*, e estava prestes a galopar. Para que preveniu *Senio* o espirito do leitor, fazendo-o depois cahir das nuvens?

No capitulo subsequente :

« Flavia entre o Gaúcho e os cavallos verdadeiras relações sociaes. Alguns faziam parte de sua familia; outros eram seus amigos; aos mais tratava-os como camaradas e simples conhecidos. »

Canho tinha dedo para as *hierarchias*.

« Com os *irmãos* e *amigos* vivia em perfeita intimidade; consentia que lhe roçassem a cabeça pelo hombro, ou lambessem-lhe a face. »

Já ouvistes dizer algures que algum cavallo *lambe* a face a alguem, assim á moda da vacca que lambe o filho?

« Muitas vezes comiam em sua mão; andavam constantemente soltos; não havia cabresto, nem sogas para elles; eram corseis livres. »

Grande novidade. Um cavallo comer na mão! Quanto a *andarem* constantemente soltos, não andam elles de outro modo na campanha, a não ser algum *parelheiro* de grande estimação.

« Aos camaradas não consentia o Gaúcho aquellas familiaridades; ao contrario os tratava com certa reserva. Saudavam-se pela manhã ao despontar do dia; e á noite, na occasião de recolher. »

Assim devia fazer quem era tão zeloso observador das distancias sociaes.

« Commummente se encontravam na hora da ração: comiam juntos, os brutos no embornal, o homem na palangana. »

Tem lá palangana, um Gaúcho, que come o

churrasco com o punhado de farinha, e muitas vezes a carne á escoteira ?

« Na opinião de Manoel, o cavallo e o homem contrahiam obrigação reciproca ; o cavallo de servir e transportar o homem ; o homem de nutrir e defender o cavallo. »

Isto não é só na opinião do Canho ; todo o senhor conhece o dever, que tem, por proprio *interesse*, de nutrir e defender seu animal.

« Não passava elle por um logar onde visse um cavallo enfermo ou estropeado que se não apeasse, *fosse embora com pressa*, para o soccorrer. Sangrava-o, se era preciso : cauterisava-lhe as feridas, etc. »

Teriam muito que esperar os cavallos que um gaúcho siquer do Rio Grande, á excepção do Canho, tivesse para elles taes atencões.

« Tinha comprado alguns cavallos que os donos arrebetavam de mau trato, *unicamente* para lhes dar *repouso* e assegurar-lhes velhice socegada. »

As justiças do municipio deviam dar um curador a Canho, como prodigo, nos termos da Ordenação.

« Não via o Canho castigarem barbaramente um animal, sem tomar o partido d'este. »

Esta *humanidade* não constitue uma especialidade do heroe de *Senio*. Geralmente fica-se indignado, ao testemunhar espectaculos brutaes. E os jornalistas uma hora por outra estão ahí a

clamar contra os carroceiros que castigam immo-
deradamente seus animaes ; e as municipalidades
impõem multas em suas posturas a quem assim
os castiga.

« Por isso affirmavam que era elle o gaúcho mais popular
entre os quadrupedes habitantes das verdes coxilhas. »

Cabem aqui os versos :

« Que cavallos tão *bregeiros*,
E que Canhos tão *sendeiros* ! »

Continúa *Senio* :

« Em qualquer ponto onde estivesse, precisando de um ca-
vallo não carecia de o apanhar a laço ; *bastava-lhe um signal
e logo apparecia o magote alegre* a festejal-o, *offerecendo-se*
para seu serviço. O trabalho era escolher e arrêdar os outros,
pois todos queriam prestar-se, como seus *amigos* que eram,
uns por gratidão, outros por *sympathia*. »

De similhante popularidade só o Canho se po-
deria lisongear na campanha com effeito ! E o tra-
balho na escolha havia de ser cousa de dar o vão
pela barba. E se todos os magotes eram assim
compostos de *amigos* por *sympathia* e por grati-
dão, onde estavam os *simples conhecidos*, aquelles
a quem apenas saudava pela manhã e á noite, e
que tratava com *certa reserva* ? Ah ! *Senio, quæ te
dementia cœpit* ? !

« Quando partia, o acompanhavam algumas quadras, cur-
veteando a seu lado, como demonstração de amizade. Afinal
paravam para *sequil-o* com a *vista*, até que sumia-se por de-
traz das coxilhas. »

« Taes eram os contos, que referia a gente da campanha. (Bellos contos, não ha duvida.) Verdadeiros ou não, todos n'elles acreditavam (que gente credula!); e até apontavam-se *personas que tinham sido testemunhas* dos factos. » *Senio* estará contemplado n'este numero ? Duvido.

Apezar de ter pressa de concluir este juizo, consente que eu faça ainda por ultimo umas ligeiras observações, em ordem a firmar mais a critica.

D'onde vinha o odio do Manoel Canho á especie humana e até á *sua propria familia*, ou mais particularmente á sua *propria mãe*? De haver esta casado segunda vez. Parece incrível que quem tinha tão *bom* coração, tivesse tão maus bofes.

Digam-me o que me disserem : Canho é uma triste concepção de *Senio*. Por mais que este se haja estendido e esbaforido por justificar o repugnante aleijão, tanto peor ; cada vez o monstro mais se accentúa e caracteriza.

A historia das segundas nupcias, senão a origem do tremendo odio, conta-se em poucas palavras :

Um negociante do Alegrete, Loureiro, perseguido por Castelhanos, refugiou-se em casa de João Canho, pae do Manoel. Os Castelhanos não respeitaram a casa, e depois de defeza renhida, e por uma traição, succede ser assassinado o João, em quanto o Loureiro escapava em fuga, a unhas de cavallo.

A noticia da morte de João chegou a Loureiro, que *se penalizou em extremo* com aquella desgraça de que elle fôra causa. Lembrou-se da viuva, que ficara ao desamparo com dous filhos menores; e *sentiu-se obrigado a amparar a familia orphã*. Estás vendo, meu amigo, que o Loureiro não era um mau proximo, cujo consorcio com Francisca, a viuva, se devesse reputar uma desgraça ou um aviltamento para a familia. Portanto não procede o ressentimento do Manoel, a não haver outra razão.

Loureiro diz a Francisca estas textuaes expressões :

— Fui eu, sem querer, a causa da desgraça que a senhora soffreu, perdendo seu marido. Si pudesse restituil-o, sem duvida que o faria. Não podendo, faço quanto está em mim, offereço-lhe, para ó substituir, outro que ha de estimal-a tanto ou mais.

A uma amiga de Francisca, que affirmára ao Manoel ser verdade o casamento, atirára-se elle com furor, rasgando-lhe a roupa e arranhando-lhe o rosto com as unhas. O Canhinho era onça !

Um dia, em que Loureiro passeava pelo campo, o Manoel se lhe apresenta trazendo empunhada a faca do Canho (pac). Pergunta-lhe o noivo, *receivingo que o travêssio menino viesse a ser victima da arma :*

— Para que é esta faca, Manoel ?

— Para te matar.

— A mim ? Que mal lhe fiz eu, meu filho ?

— Não sou teu filho ! gritou a creança, querendo ferir.

Sabendo Francisca do occorrido, quiz castigar o filho, e o faria *sem a intervenção* de Loureiro, que em face de taes circumstaucias teve *escrupulos e receios* de contrahir o casamento. Vai sempre notando, meu amigo, que não tendo o Loureiro um mau character, mas revelando até ser homem de senso, generoso, compadecido, sensivel e humano, nada justifica o odio do menino, e muito menos o de *Senio*, para dar-lhe tão desastroso fim, qual o de morrer de uma quéda do *murzeilo*, cavallo que fôra do Canho velho. O *murzello*, senhor das intenções, do odio do menino, jurou tambem auxiliar-o em sua gratuita vingança ; e com effeito dá com o negociante no chão, e corre para Manoel *saltando e gímeteando de contente*, por ter desempenhado o seu papel com tal successo.

Vejamos agora, não já o menino, porém o homem a tomar a vingança do assassino do pae, e revelando um grau de perversidade admiravel e rara. É galante o modo como *Senio* pretende justificar o Manoel. Reproduzo as palavras :

« O gaúcho não tinha odio ao Barreda (o assassino do velho). A vingança da morte do pae não era para sua alma a satisfa-

ção de um profundo rancor ; mas o *simples cumprimento de um dever*. Elle obedecia a uma intimação que recebera do céo (o céo mandando matar gente !); á ordem d'aquelle que sempre tinha presente á sua memoria. E obedecia friamente, com a calma e impassibilidade do juiz, que pune em *observancia da lei*. É boa ! »

Depois da renhida luta entre o Manoel e o Barreda, correu este a refugiar-se em casa, onde sua mulher chorava ; mas não o conseguiu porque seu contendor atirou-lhe as bolas, e o inimigo cahiu. O que segue são textuaes palavras de *Senio* :

« — Pede perdão a Deus, que chegou tua hora.

« A mulher do Barreda prostrava-se n'esse momento aos pés de Manoel, implorando compaixão para o marido. *Riu-se* o gaúcho com *dureza* e *escarneo* :

« — Virá outro marido para a consolar.

« Arredando a desgraçada mulher, *chegou o ferro da lança aos olhos* do Castellhano.

« Conheces?... É a lança com que ha doze annos feriste meu pae á traição. Eu jurei que havia de craval-a em teu coração, mas depois de vencer-te em combate leal.

« Com uma *calma feroz*, *espetou* o ferro da lança no *corpo* do assassino de seu pae, atravessando-lhe o coração, como faria com uma folha secca.

« Murzello, que se conservára immovel ao lado durante esta scena, *avançou* a um signal do senhor, *pisou com a pata a face contrahida* do moribundo, que ainda estremeceu ante essa derradeira affronta.

« Em quanto a victima se debateu nas vascas da agonia, Manoel a *contemplou friamente*. Quando se apagou o ultimo vislumbre de vida, se afastou sem *lançar um olhar de compaixão á mulher desmaiada*. »

Que tinha a pobre mulher com o crime de seu marido, para não inspirar compaixão a um coração tão *sensível* como o do Manoel? si Canho, depois de haver perpetrado a sua vingança, se voltasse para a viuva, compadecido d'ella, daria, sim, prova de coherencia com o tal *simples* cumprimento do seu *dever*; e tanto mais quanto já uma vez, tendo elle vindo para matar o Barreda e achando-o doente, medicou-o e tratou-o, posto que para tomar uma desforra mais cynica e solemne. Como tudo isto é edificante; não é, meu amigo.

Mas ainda não é tudo. De repente ouve o Manoel o rincho da *morena* seguido da detonação de um tiro. O tiro fôra disparado contra Manoel por um negro da estancia, onde o Barreda era capataz. A *morena*, que estava *contemplando* de longe a scena do combate, *presentira* que a *pontaria*, feita pelo pião, *ameaçava a existencia de seu amigo*, e disparára como uma bala, e, passando por junto do negro, desfechara-lhe nas costas um couce que o atirára sobre a macega! Ouvindo o nitrido, Manoel adivinhou ás *primeiras notas* o sossobro do temor e a angustia, pela *tremula vibração da voz*, sempre limpida e argentina.

Em face de taes cousas, pergunto-te, sem a menor intenção hostil para com o autor, que posso dizer estimo, admiro e respeito: será um romance de costumes o *Gaúcho? Romance brasileiro* — diz

o frontispicio da obra; logo não ha duvida de que o autor o deu como tal.

Tudo quanto conheço, por leitura de *viagens* e por informações pessoaes, concernente a esta face ainda tão pouco explorada da America Austral, importa a negação mais completa do que nos dá *Senio*. Peza-me dizel-o, mas força-me ao sacrificio a consciencia.

E ainda bem que temos em opposição au *Gaúcho* autoridades que nos evitarão no estrangeiro o ridiculo que attrahe esta obra sobre os costumes da campanha do Rio Grande do Sul, tão interessantes e romanescos, mas não tão arredados da decencia e da razão publica.

Ha ahi um drama de autor portuguez, que não deixa de encerrar muita exactidão sob este aspecto. O drama intitula-se — *O Monarcha das Coxilhas* — e é original de Cesar de Lacerda, que esteve no Rio Grande e estudou os costumes. Quanto a mim, tem um grande defeito o trabalho de Lacerda : é personalisar o typo do *gaúcho* em um *portuguez*, o que só explica o excessivo espirito de nacionalidade do autor. Além deste defeito de essencia, contém outros que entendem meramente com a fórma litteraria; em todo o caso porém o trabalho é plausivel.

Como se explica pois, a antithese?

O autor nacional afasta-se, em quanto os

estrangeiros se aproximam da verdade das cousas.

Não te parece isso um infortunio para as nossas lettras, para a nossa terra tão fertil em talentos, entre os quaes o resolute talento de *Senio*?

Como é triste fazer em publico taes confissões! Mas urge fazel-as para que lhe succeda a emenda com o que temos de infallivelmente ganhar, segundo o espero.

Confio muito na nossa pleiade de noveis litteratos, e devo dizer-te com franqueza, confio muito no proprio bom senso reparador de *Senio*.

SEMPRONIO.

CARTA II

CINCINNATO A SEMPRONIO

Continúo a metter-me a taralhão : não venho, amigo, caçar nas tuas terras ; está bem entregue o *Gaucho* ao teu braço secular, mas faz-me gosto servir-te de camarada ; tu és Marechal do Exercito ; eu serei Tambor ; mas o certo é que ambos pertencemos á mesma milicia. Continuemos a campanha.

Vejo que já parecees ir aproando para terra, por considerares sufficiente o que tens dito. Seja assim ; mas como me déste o gaudio de mimosear-me com um exemplar do livro monumental, quero agradecer-t'o, provando que não deitaste agua em cesto rôto, e que, tendo eu convidado a *Senio* para preceptor, vou proscreever todas as noções que tenho do idioma, substituindo-o por uma lingua incognita, nova, moderna, triumphante, conquistadora e fresca, a que darei o nome de *Senial*. Passo tambem a impregnar-me nas phrases, imagens, descrições e locuções, não menos *Seniaes*, e espero poder vir a arremedar o genero pantafaçudo, porque onde me faltar a idéa, buscarei uma phraseologia onomatopaicamente campanuda, phraseologia pãããmpa, com que porei os meus admi-

radores boqui-abertos e zonzos. Seguirei a moda coimbrã ; seguirei a moda, já proclamada pelas *Cacholetas* :

Hoje é moda estylo abstruso ;
 enrodilhar palavrões.
 Nunca perde por confuso
 quem fizer allucuações.
 E' moda que tem pegado,
 porque vem de autor graúdo,
 que devêra dar ao estudo
 o tempo mal empregado
 em tecer, por modo novo,
 os discursos nebulosos
 de que se ri todo o povo.

Como não hei de escrever 10 volumões para analysar 2 voluminhos, vou só apontado o dizimo das bellezas que esfervilham por toda esta biblia do bom gosfo.

.

Nas impagaveis notas á *Iracêma*, com que talvez me divirta um dia, diz o Sr. Alencar :

— « Aquelles que censuram minha maneira de escrever, saberão (assim o tenham entendido, e o façam executar) que não provém ella, mercê de Deus (esta baforada, esta *mercê de Deus* vale quanto pesa) da ignorancia dos classicos, mas de uma convicção profunda (pobres classicos, mais vos valêra nunca terdes nascido) a respeito da decadencia d'aquella escola. » « O velho estylo classico destôa no meio d'estas florestas seculares, d'estas catadupas formidaveis, d'estes prodigios de uma natureza virgem, que não podem sentir nem descrever as musas gentis do Tejo ou do Mondego. »

Sim Sr. ; é assim mesmo. Ora, comparemos estes modernismos *Seniaes* com as intoleraveis antigualhas dos classicos, e abramos um d'estes ao acaso, em paginas onde tambem se descrevam raparigas catitas, e o effeito que ellas produzem em corações masculiuos. Caiu-me, por exemplo, debaixo das mãos, a *Eufrosina*, como poderia cair qualquer outro jarreta. Lê :

— « Passando agora pela porta da minha rapariga, achei-a falando com uma nossa vizinha ao pé da escada de dentro; eu como n'estes casos subitos mostro minha sufficiencia, e ando sempre provido de cautelas para os taes recontros, porque occasião de fazer bem nunca se ha de perder, levo do tudesco para traz, como cortezão soldadesco, e chegando-me ao limiar da porta, perguntei-lhe se era ahi o senhor seupae? A rapariga estava bonita como o ouro de sua vasquinha amarella quartapisada, em mangas de camisa, seus cabellos atados com uma fita encarnada, tão de verão que vos ride vós de mais sereia pintada, e por mais ajuda, em me vendo, ficou fraca, e dizendo-me » é fóra da cidade, virá amanhã por noite — » ao despedir fez-me uma misura com um recacho, que me aleijou; e assentai que é um camafeo de pequena em fóra : e eu com isto venho espirrando, lançando mais faiscas de amor que estrellas com suão.

...E estando assim, erguia, de quando em quando, uns olhos verdes claros, humidos, orvalhados de alegria socegada, tão grandes e graciosos como todo primor das Charites (por maneira que com razão se póde chamar a 4ª Graça); e pondo-os em mim, a tempos furtados, com um olhar quebrado surrateiro e brando, atravessam-me... Já sabeis que sou perdido por olhos quebrados, que fazem furtos no ar... Quando contemplo comigo que estive á fala, rosto por rosto, com a senhora Eufrosina, e que ouvi aquellas doces palavras de delicada pronuncia, aquellas razões brandas e discretas, aquelles risos, aquelles temores honestos, os favores escassos da vontade liberal... e n'isto juntamente os olhos que farão clara a noite escura, os cabellos entrançados que representavam todo o thesouro do mundo, aquelle rosto, aquella presença, aquelles ais frutados quando se maguava... por certo eu me espanto como não abafei em tanta gloria, e perdidos os espiritos... E d'outra parte, quando cuidoo que tive coração para me apartar d'ella, fico frio, e nunca homem commetteu tal ousadia. »

Levo mão d'estas transcripções. Que homem de gosto ha

ahi, que a dizer tão singelo, elegante, vernaculo, attractivo, prefira os inqualificaveis estylos de um *Senio*, com os seus Canhos escanhoados, e as suas Catitas acatingadas!

Esta guerra aos classicos, para certos escrevedores, é precedida do manifesto da raposa, inimiga da uva. As obras dos mestres, os eternos modelos tornam-se objecto do escarnejo dos innovadores, capazes de desthronar os Demósthenes e Homeros. Tivemos a escola da antiguidade; depois, certo numero de regras tradicionaes; mais proximamente, a emancipação de todas as normas, proclamando-se typo unico a natureza; agora, surgem os ministros do bello, sacerdotes do ideal, demolidores do senso commum, despresadores de quanto merece veneração, e que não produzem senão monstros litterarios, sem alcance ou de alcance detestavel, sem fórma ou com tauria das mais incongruentes fórmas.

Uma sub-divisão d'esta casta de autores comprehende a dos caçadores de effeitos. Conheci eu em Ouro Preto um ratão, que desejou industrializar-se na caça; levou 6 mezes aprendendo a carregar a espingarda, e um anno diligenciando passarilhar; affligia-se porém com o estampido do tiro, de modo que, quando puxava o gatilho, virava a cara, a bala seguia para o norte, o passarinho deitava a rir para o sul, e o meu caçador, encarando então a sua façanha, exclamava invariavelmente: « *Brava! fugiu.* » Os taes caçadores litterarios imitam toda esta operação, só com a differença de que, quem exclama o « *Brava! fugiu* » é o publico.

O processo, n'este caso, é singelo. Proclama-se o poder pessoal da excentricidade, embora ridicula; da originalidade, embora extravagante; da novidade, embora absurda; e quando se tem assim embrulhado desatinos e puerilidades em esfarrapado manto de vascosa linguagem vasconça, imagina-se subir em carro ebúrneo ás glorias capitollinas. Arago, na sua *Astronomia popular*, fala de um tal Dr. Elliot, sapientissimo, e ainda mais excentrico, e que havia demonstrado, entre outras novidades (e com a mesma evidencia com que o estudante de um observatorio astronomico demonstrou haver

ratos na lua), que o sol era habitado. Adergou que um dia em que o doutor estava com os seus azeites, matou, n'um accesso de cólera, miss Boydell. Não teve o advogado, Simmons, mais que expôr ao tribunal a theoria do sapientissimo, para lhe obter a absolvição, por unanimidade. Que a theoria do doutor fosse *nova*, concordo, mas que egualmente *nova* fosse a mania do homem, isso é que não, pois remonta lá até os tempos do incendio do templo de Delphos.

Participo-te que o teu Carlos está com escarlatina; as febres andam assanhadas.

Teu leal amigo

CINCINNATO.

CARTA VI

Meu amigo.

Tencionava concluir n'esta carta as minhas considerações sobre a obra de *Senio*, mas, chegando-me ás mãos o segundo volume, não quero deixar de o chamar á fala, ou antes de o receber com as *honras do estylo*.

O autor vem sangrando-se na veia da saude com estas palavras da sua nota final :

« Não faltará quem increpe o livro de inverosimil, na parte relativa ao cavallo. Duidar hoje, depois de tantos factos e de tão respeitaveis testemunhos, dos resultados admiraveis do instincto dos animaes, é uma excentricidade, que não vale a pena de refutar. Demais, n'este livro, a maior parte dos actos intelligentes praticados pelo cavallo são antes attribuidos pelo Gaúcho ao animal, do que attestados pelo escriptor. »

O que não vale a pena de refutar é a filigrana de

se eximir da responsabilidade d'esses actos o autor, a titulo de serem elles attribuidos pelo *Gaúcho* aos animaes, e não *attestados pelo escriptor*. Longe de importar isto uma justificação, agrava a situação do escriptor, que não encontra em si mesmo razões para confirmar os devaneios de sua phantasia.

Quanto a nós, é cousa que a boa critica menos tem que indagar, si as asserções são attestadas pelo autor da obra, si são deixadas á mera conta dos personagens.

N'uma obra em que o escriptor se limite a fazer as descripções meramente essenciaes de tempo e logar, deixando esclarecer-se o mais á conta do dialogo, nem por isso terá elle menos responsabilidade moral e litteraria.

Pelos dialogos, pelas idéas n'elles emittidas e travadas, é que principalmente se ha de conhecer o character de cada figura. Não será do que o autor affirma *ex auctoritate sua* que se deduzirá a excellencia ou inferioridade da concepção.

Si um autor preconisar e exaltar muito os merecimentos de um personagem, que no desívolvimento da acção não corresponder pelas suas obras ás premissas, não prevalecerá a recommendação do autor, sinão o que se deduzir do papel desempenhado pelo personagem.

E quando o escriptor se propõe a dar um typo

nacional e verdadeiro, com maioria de razão não se pôde de boa fé abstrahir d'essa responsabilidade legitima e intuitiva. Se o *Senio* nos declarára dar no seu *Gaúcho* o typo de um contador de pêtas para divertir a gente, calar-nos-hiamos; no caso contrario, não ; tenha paciencia.

Demais, contestamos que a maior parte d'esses actos intelligentes seja attribuida pelo gaúcho aos animaes ; não, a maior parte é attestada pelo autor; abre, meu amigo, qualquer dos dous volumes, e vêl-o-hás.

Mas disse-nos *Senio* que NÃO VALE A PENA refutar a excentricidade de quem duvida dos admiraveis resultados do *instincto dos animaes*; certamente, e muito menos nós o duvidaremos. Urge, porém estabelecer a devida distincção; uma cousa é o resultado do *puro instincto animal*, e outra a funcção reflectida, judiciousa, da faculdade humana de *conhecer*, ou do *entendimento*.

Todos os actos que increpamos ao primeiro volume do seu *Gaúcho* não só importam operações da razão, mas de uma razão *esclarecida e sã* — conquista de civilisação adiantada, e tambem do sentimento mais humano, mais justo, mais apurado, sempre presidido pela consciencia da mais fina moral, antithese do Canho.

Não me demorarei em fatigar a tua paciencia, repetindô os trechos que ficam desinvolidamente

apreciados e julgados. No entanto, como complemento ás notas já adduzidas, citarei ainda os seguintes passos do ultimo volume do *Gaúcho*, que agora mesmo acabo de ler :

1° o reconhecimento do Lucas pelo *Murzello*, pag. 37 ; 2° a *Baia* recear que o fogo dêsse signal ao inimigo, pag. 116 : 3° ficar escondido na restinga cada animal da tropilha, á espera, que o Canho fizesse o signal de chamal-os, pag. 106 e 141 ; 4° sentir o *Juca* ter sido reconhecido; não ter por isso necessidade mais de emmudecer, e soltar o nitrido, pag. 210 ; *Juca* e *Morena* repararem no movimento do Canho, farejarem o chão, e ao sahir da villa já conhecerem a pista do cavallo de D. Romero tão bem como o gaúcho, pag. 226. Já o *Gaúcho* conhecer o rasto de um animal que elle vira *poucas vezes* tem o que se lhe diga.

Haverá quem creia que todas estas operações de uma razão activa e previdente, desinvolvida e perspicaz, sejam actos de *instincto animal*? Senio o dirá de boa fé? Quem melhor se quizer conven-
cer do prodigio, leia a obra.

Declaro que muito poderia produzir ainda para prova das impugnações, o que deixo de fazer por já me achar em extremo fatigado e até enojado da materia, por si mesma tão pouco agradável para quem quer que fôr deter por mais tempo. Seja-me porém, licito aventurar uma apreciação synthe-

tica da obra, encarando-a ao mesmo tempo sob outro aspecto.

Diz *Senio* em sua alludida nota ultima que « o 1º volume é o desenho de um grande scenario, o esboço de um character vigoroso, cuja exuberancia ainda não foi revolta e propellida pelo ésto da paixão ; que no 2º. volume começa o drama.

Não é assim : a obra divide-se em quatro livros, intitulados — 1º *O Pião* ; 2º *Juca* ; 3º *Morena* ; 4º *Huppa!* Os tres primeiros, o autor gastou-os em preparar a acção, que verdadeiramente não apresenta interesse algum sinão no ultimo livro. Antes d'este não ha movimento que seriamente preocupe o leitor, posto que algumas circumstancias destacadas não deixem de o impressionar.

Por exemplo : um sujeito que joga a amante no pacáu, cousa não só pouco verosimil, como de mau gosto, sob o aspecto estethico ! a collocação de uma cruz sobre a sepultura de um cavallo, *como se fôra a de um christão !* uma velha que *está ainda de camisa* á beira do rio, com medo de entrar no banho ! a Catita a pôr em seu regaço a cabeça da *Morena* e cobril-a de *carinhos e lagrimas !* Outra vez a Catita a arrostar a voracidade dos cães chimarrões por amor da egua, e que seria victima dos molossos, um dos quaes já começára a despedaçar-lhe a saia, si não passa *providencialmente* uma vacca ferida, que os attrahiu para

longe! finalmente o *grande* amor do Canho a Ca-tita, tendo só e absolutamente só por origem a afecção da moça á *Morena*. Si a moça não trata da egua, o Canho a não amára nunca! Não podia ter fim diverso do que teve um amor, que nascera sob taes auspicios.

Has de permittir-me, meu amigo, que transcreva aqui as palavras *sentidas* de Canho, que as proferio de *joelhos* ao lado do corpo da *Morena* ferida. Admira este rasgo do sentimento épico e sensato do *gaúcho*, que não se pôde ler sem se sentirem as lagrimas acudir aos olhos :

« — Assim devia ser ! — balbuciaram seus labios frouxos. — Vivemos juntos, morreremos juntos, no mesmo dia. *Murzello*, nosso velho amigo, foi o primeiro ; deixou-nos esta manhã. Nós ficámos para vingal-o ; elle deve estar contente. (Porque não ? Si estava no céu... Vid. a pag. 172.) *Juca*, a esta hora talvez já esteja com o padrinho (quem era esse heroe ?) ; já terá conhecido o pae e o mano. A bala sem duvida traspassou-lhe o coração, porque não soltou um gemido, nem chamou por ti nem por mim ; foi mais feliz ; não soffreu como tu, *Morena* ! »

Conheces typo de *idiota* mais perfeito do que este Canho ? !

Continúa a *lamentação* do *bravo* e *músculo* gaúcho :

« — Foste tu *quem* te mataste, amiga, e para salvar-me! A bala em vez de atrazar a carreira te deu azas ; sentiste que me perseguiam, e voaste para me pôr fóra do alcance do inimigo. E nem um gemido, nem um signal por onde conhe-

cesse que estavas ferida ! Ah ! se eu adivinhasse ! Para que fugirmos ? Melhor era morrermos ambos, combatendo, e vingando o nosso *Juca* ! Eu só, não terei forças nem coragem ! Que vale um homem meio morto ? eu já morri no *Murzello*, já morri no *Juca* : quando acabar de morrer em ti, que fico sendo ? Uma cabeça sem corpo (nego ; um corpo sem cabeça como sempre foi) ; uma mão sem braço ! Então melhor é *dormirmos juntos no seio da terra.* »

Estás alagado em pranto, meu amigo ?

O segundo volume veio esmagar os mais resplandecentes castellos ; dissipar as mais brilhantes esperanças dos folhetinistas benevolos, concebidas por sympathia sem duvida ao autor, com a publicação do primeiro.

Um d'esses escriptores disse :

« O episodio, que constitue o romance de Manoel e Catita, acha-se apenas esboçado ; provavelmente no segundo volume, que ainda não appareceu, ficará accentuado aquillo que já se entrevê.

« Com que mimo e delicadeza é apresentada a travessa menina, que consegue domar a indomavel natureza do filho dos pampas !

Outro disse :

« O perfil de Catita, o lyrio do matto, apparece no meio d'aquellas contorsões, combates, perigos e lagrimas, como o vulto de uma estrella limpida resplandecendo na tempestade. »

Engano de ambos. Não foi a travessa menina quem domou a indomavel natureza do gaúcho ; o autor negou a este desgraçado Canho a miseri-

cordia de um sentimento sublime, despertado exclusivamente pela mulher; o gaúcho amou Catita, porque Catita mostrou compadecer-se da egua.

Tambem Catita não é o lyrio do matto, a estrella limpida resplandecendo na tempestade. É uma mulher vaidosa, que acceita a côrte de Romero, que com elle conversa á janella, e por quem se perde afinal.

É ainda astuta e velhaqueta, que pretende illudir o Manoel com os versos de sentido dubio ou duplo, que se applicam tambem ao castelhano :

« Ai, não fuja, não, meu bem,
« Que me mata esse desdem. »

Conclusão : não havia sinceridade no amor de Catita; não havia espontaneidade nem exclusivismo no amor de Canho. Miserrimas concepções! Cada qual mais triste e deploravel !

Disseram mais os escriptores referidos :

« Tratando de Bento Gonçalves, que, adivinha-se, terá de representar um grande papel no seu romance, José de Alencar dá-lhe um character épico e esculptural, cobrindo de veneração o grande homem do seu paiz.

« O perfil do coronel Bento Gonçalves, que vai formar a base primordial do segundo volume do *Gaúcho*, está delineado com mão de mestre. »

Engano de ambos. Nem Bento Gonçalves *representa um grande papel no romance*, nem Bento

Gonçalves vai formar a *base primordial do segundo volume do Gaúcho*.

O autor passa por cima do nome e das tradições, e, posso até dizer, da historia do grande brasileiro, como *gato por brazas*. Sempre o defeito característico ; despreza a fonte perenne, para ir pedir algumas gotas ao arroio estanque; deixa-se a historia e a natureza, e soccorre-se ao apoucado capricho e á imaginação exhausta.

« Quanto á parte historica, o autor foi mais sobrio do que desejava, e quiçá do que esperava o leitor; limito-me a atravessar de relance o prologo da revolução rio-grandense. » Foi *Senio* que acabou de falar.

Todos ficam boqui-abertos, menos o que escreve estas linhas. *Atravessar de relance o prologo!* Nem, ao menos, teve em consideração as previsões e as espectativas do publico para dar algum desinvolvimento á parte historica. Tudo quanto põe ligeiramente em scena com relação á revolução é incompleto, mingüado e deprimido.

« A isso o obrigaram seus escrúpulos; trinta e cinco annos, menos de meio seculo, não bastam para archivar factos e personagens tão ligados ainda ao presente pelos vinculos das paixões e da familia » eis a razão dada por *Senio*.

Uma cousa te digo, meu amigo, vem a ser : que poucos se julgarão com pulso para pôr a mão n'essa ceára, d'onde ha épicos fructos a colher.

Ninguem dirá que o *Gaúcho* não seja uma es-
piga.

Mas devo declarar-te com franqueza : os fruc-
tos pêcos e fanados só servem para mais sensível
nos tornarem o damno da abundantissima e excel-
lente messe, que se perde nos campos nataes, á
mingua de um segador idóneo.

O tempo no-lo trará de certo. Não desanimemos.

SEMPRONIO.

CARTA VII

Meu amigo.

Acabo de ler o *Gaúcho* e pergunto á memoria ou ao sentimento, si houve no decurso d'essa historieta rasgo que me deixasse duradoura impressão no espirito ou no coração. Embalde!

Nada, meu amigo! Nem um lance de mestre em 499 paginas! Por mais que se queira, não se encontra uma scena completa, que verdadeiramente commova e arrebate, ou deixe traços no animo do leitor que sobrevivam á leitura. Si tudo não é pallido e frio, e n'alguma cousa ha côres e calor, esse calor é incongruente, esse colorido é desvairado.

Senio não escreve para explorar o sentimento. Preoccupado inteiramente com os enfeites, com os arrebiques, com as exterioridades de inadmis-

sivel estylo, pouco se importa com pintar ou não a vida.

No ultimo livro, que é onde apparece certo movimento dramatico, situações ha que offereceriam ensanchas para um effeito commovedor ; entretanto, passam frias ou com calor mediocre ; o leitor adivinha, comprehende que o lance aspira a força, mas não o sente ; desperdiçam-se d'est'arte occasiões solemnes, d'onde uma penna proporcionada á altura das circumstancias poderia aproveitar mais de um brilhante successo.

Recuemos ao livro 3º. Sabes que *Senio* encarece aos quatro ventos o seu Canho. Forma d'elle idéa agigantada, que se perde nas alturas do zenith ; reputa-o typo, grandeza cabal — *organisação esculptural e athlética*.

Um folhetinista comparou o Gaúcho ao « Cid Campeador, que se destaca das paginas do livro, á semilhança dos bustos de marmore nas mãos artisticas de Pradier. » E a proposito : busto é de certo o Canho, isto é uma organisação mutilada, amputada, que de homem só tem o rosto, e longe está de exprimir a energia varonil em toda a sua inteireza.

São tantas as cousas a dizer que só um volume bastaria.

Vejamos como acorda aquelle coração « cujo despertar devia ser violento, uma explosão ; cujo

amor nasce no meio dos combates sanguinolentos « como nos refere o autor. »

Entre parenthesis : que combates sanguinolentos são esses, no meio dos quaes nos diz *Senio* ter nascido o amor de Manoel ? O leitor apenas e difficilmente os poderá presuppôr, não que o autor os tenha pintado para fazer vivo, natural e grandiosamente original o rebentar do affecto. O gaúcho não era mais que um *bombeiro*, qualidade que o impedia de empenhar-se em lutas serias; era um *espia*, e como tal o vemos escondendo-se no matto, fugindo ao ver troços inimigos, conduzindo cartas a Rosas, etc. Onde os combates sanguinolentos, no meio dos quaes brotou a paixão á Catita ?

Ah ! bem diversa se passou a transição. A paixão resultou de uma circumstancia accidental para elle — a de encontrar a Catita abrigando no regaço uma egua agonisante.

« — Morta ! — disse elle, precipitando-se.

« — Não ! balbuciou Catita.

« Os olhos do gaúcho, encontrando os da rapariga, não se desviaram, como outr'ora. Quem elles viram não era mais a mulher bonita e seductora, e sim um coração, que entendia e partilhava sua dôr; uma alma que n'aquelle momento solemne entrava na *santa* communhão de suas affeições. »
(Vid. pag. 129 e seguinte.)

Eis-ahi como nasceu a paixão do Hercules eunucho, [do preconizado centauro com coração de pomba-rola.

Depois d'isto elle não tem o primeiro abraço para Catita, mas para o alazão. « Só então abraçou o alazão, a *quem* na vespera julgára morto. » (pag. 130.)

No meio d'esse doloroso transe, vem o Lucas chamal-o, e parte, sem dizer á Catita : « Aqui te ficam as chaves » e *lá se foi ouvir*, tres discursos, um de Ortis, outro de Verdun, e o ultimo do forriel » (pag. 132.)

Apresentou, porém, certa duvida para não se guir os correligionarios, não em attenção á Catita, mas á *morena*, que estava enferma.

« — Porque razão não quer você ir comnosco, Manoel ?

« — Algum dos senhores abandonaria seu *irmão* e seu *amigo*, quando elle está a expirar ?

« — Acima de tudo a patria !

« — Minha patria é a campanha *onde corre meu cavallo*. »

Nada ainda de grande para com a moça, nem tambem para com a patria, como vês.

Por fim como houvesse extrahido a bala da ferida da egua, o gaúcho « apertou ao seio o corpo tremulo da moça e desapareceu.

Encontrou-a depois montada na egua.

— Manoel ! disse Catita.

— Viva ! balbuciou o gaúcho. (Pag. 145.)

Foi então que « Manoel colheu a flor dos seus labios mimosos, que soluçaram n'um beijo » Todo entregue aos seus cavallos e ás suas eguas desde creauça, saberia acaso o Canho que existia no mundo uma cousa a que se chamava — beijo ?

Soubesse ou não, eis como despertou aquelle immenso coração. Ainda procuro a explosão e não acho. Por um olhar, por um amplexo, por um beijo principiam quasi todas as paixões e até as mais comezinhas e triviaes. O que nos deu, pois, *Senio* de excepcional e magestoso no despertar do amor do Canho ?

Entremos agora no 5º e ultimo livro.

Ha duas situações energicas n'este livro, mas imperfeitas : a primeira, quando Manoel volta, creio que para casar com a Catita, e a encontra victima de sua perfidia ; a segunda, quando depois de haver assassinado o Castelhana, e de o arrojara ao abysmo, dá com a moça a fazer-lhe mil protestos.

Na primeira, lá andou o autor assim assim ; ahi talvez interesse ao leitor, posto que só empregando a linguagem do silencio. Ha muito quem seja tido por eloquente e até sabio, por guardar silencio.

Na segunda, falta o autor á logica, deixando

o gaúcho tolerar a mulher lançar-se á garupa da *morena* e com ella desapparecer na corrida desesperada pelo deserto a dentro.

Em situação nenhuma o Canho caiu tanto, como n'esta, da qual podia ter tirado o autor o melhor partido, que ella a isto se prestava.

N'aquelle auge, um homem de genio vertiginoso, de character arrebatado, não teria piedade para a mulher, que o trahira na primeira, na unica excelsa paixão de sua vida. Uma vez « abarcando na cabeça da moça as longas tranças negras, revoltas pelo sopro da tempestade » devia arremessal-a ao abysmo, onde se achava o Chileno. Pathetica verosimilhança haveria n'esse assomo de vingança bravia !

Senio desdenha, porém, a naturalidade para favorecer o romance.

Lá vai Catita correndo sob todos os mil azoragues do pampeiro, agarrada ao Canho ; e perdem-se ambos na immensidade do desconhecido. Vão viver muito bem, talvez, muito felizes nas esplendidas obscuridades do deserto.

Pobre Canho !

Ha um typo consequente : é o de Felix, que se suicida quando vê escapar-lhe o gaúcho, de quem elle morria de ciumes, por causa da Catita.

E o pampeiro ?

Quando conheciamos apenas o primeiro volume

da obra, censurámos a *Senio* a descripção minguada e caricata, que fizera do furacão do pampa. Agora que, no segundo, consagra especialmente um capitulo á pintura do pampeiro, apreciemo-lo.

Desenhando a savana ao pino do meio dia em seu primeiro volume, abstrahê de toda a creatura animada que habita n'essas solidões, e chega a dar a estas a denominação de *pasmo*, de *torpor*. Acha mais natural e verosimil surgirem os peixes á flor da agua no mar para denunciarem ahi a vida, do que correrem e relincharem os cavallo, pastarem as rezes, apparecerem veados e outros animaes, voarem aves no pampa, com o fim de deduzir d'ahi uma supposta immobilidade ou paralyisia para a natureza. Tudo por amor de um contraste!

Em quanto assim faz relativamente á savana, vemol-o cahir no excesso opposto fazendo « arremetterem no *pampeiro cem* touros selvagens (bastava *um* para dar idéa da braveza dos elementos) escarvando o chão; sentir-se o convólculo de *mil* serpentes, que estringem as arvores *colossaes* e as *estilhaçam* silvando (que arvores *colossaes* essas, que as serpentes *estilhaçam* com seu *convólculo*!); nivar a *matilha* a morder o penhasco *d'onde* arranca lascas *da* rocha (*do penhasco* ou *da rocha*?) como lanhos da carne palpitante das victimas: tombarem os tigres de salto sobre a presa com um rugido espantoso; finalmente ouvir-se o ronco

medonho da sucury brandindo nos ares a cauda enorme e o fremito das azas do condor, que rue com horrído estrídulo. »

Já *Senio* tinha dito : » O pampeiro é a maior colera da natureza ; o raio, a tromba, o incendio, a inundação, todas essas *terriveis* convulsões dos elementos não passam de *pequenas* iras, comparadas com a sanha ingente do cyclone, etc. »

Depois de assim pomposamente apregoado o pampeiro como a colera maior da natureza, ante a qual são *pequenas* iras as *terriveis* convulsões dos elementos, o que é que vai constituir a magestade original, a descommunal grandeza do phenomeno meteorologico ? O arremêso do touro, o aperto da serpente, o uivo do cão, o salto do tigre, o ronco da sucury, as azas do condor.

Ainda mais : o pampeiro é também a *cauda* da sucury brandindo nos ares !

E as *gargalhadas do raio* ? E a alma do Canho a *crispar-se* ? E as *tempestades* fugindo pavidas com medo do pampeiro, como um *bando* de *capiváras* ouvindo o *berro da giboia* ? ! !

« *Unicos*, no meio d'essa horrível subversão, aquelle homem e aquella mulher não *se apercebiam* dos furores da procella. » Estavam cadaveres, não ha que ver. O Canho não via sequer os relampagos cingindo de uma aureola fulminea o semblante da moça !

Não; « dentro de suas almas lhes tumultuava outra furiosa tormenta, que as devastava com sanha mais terrível que a do raio. »

Ainda assim não era motivo para se não *aperceberem* dos furores da porcella. Daria o autor mais verdade e força ao lance, si fizesse esse homem e essa mulher tirarem novas energias e novos estímulos da propria medonha luta, tendo porém d'ella clara consciencia.

Nota-se n'essa descripção luxo de palavrosidade, vigor de phrases retumbantes, *cyclones, athletas, gigantes, cobras, touros, tigres, cães*, e até demônios, que^o vem do bárathro, porém na verdade muito pouca cousa do real desabrido embate da materia.

Depois de se haver admirado a descripção do furacão por Audubon, não póde ler-se sinão para ficar-se contristado, mórmente si se é brasileiro, a descripção do pampeiro por *Senio*.

Meu amigo: não quero mais alongar-me n'esta fatigante analyse.

Amanhã dar-te-hei minha ultima palavra sobre o *Gaúcho*.

CARTA VIII

Meu amigo.

Viste que o *Gaúcho* não pôde pretender as honras de romance de costumes, fim que aliás aspira, merito de que faz alardo.

Senio não se parece com John Crevecœur, autor do *Agricultor*, obra, onde « paizagens, costumes, linguagem, sentimentos, tudo é essencialmente americano; onde não se encontram sómente os objectos, mas também as sensações e as idéas de um paiz recente. »

Não se parece com Washington Irving, que apesar de « dever seu renome á imitação graciosa da litteratura ingleza » apesar de « só para a Inglaterra dirigir seus pensamentos » como a critica o atacasse, penetrou nas tribus bravias, explorou e estudou as florestas, os campos, os rios, e deu-nos

o seu magestoso livro — *A planície* — (*The Prairie*).

Menos se parece com Fenimore Cooper, como já se disse, o autor do — *Ultimo dos Mohicanos* — obra para a qual debalde procurarão um paralelo em toda a bibliotheca de romancistas. »

Menos ainda se parece com Audubon, que um critico colloca superior a Buffon, e com o qual « mais variado que Irving, mais colorido e puro que Fenimore Cooper se completa o que se pôde chamar a primeira epoca litteraria dos Estados-Unidos. » *P. Chasles*.

Transportemo-nos.

Senio tambem se não parece com Walter Scott, « que soube haurir nas fontes da natureza e da verdade um genero desconhecido ; allia á minuciosa exactidão das chronicas a majestosa grandeza da historia, e o interesse instante do romance, genio poderoso e curioso que adivinha o passado, pincel verdadeiro que traça um retrato fiel por uma sombra confusa, e nos força a reconhecer até o que não vimos ; espirito flexivel e solido que se impregna do sêllo particular de cada seculo e de cada paiz como cêra branda, e conserva essa marca para a posteridade, como bronze indeleavel. » *V. Hugo*.

Não se parece com Chateaubriand » que deu ás paixões innocencia que ellas não comportam ou

que não tem sinão uma vez. Em *Atala*, as paixões são cobertas por longos véos brancos. »

Não se parece com B. de Saint-Pierre que no seu *Paulo e Virginia* « sabe escolher o que ha mais puro e opulento na lingua ; cujo estylo, se assimelha a esse famoso metal, que, no incendio de Corintho, se formára da mistura de todos os outros metaes. » *J. Joubert.*

Não se parece com Balzac, que « toma corpo a corpo a sociedade moderna, arranca a todos alguma cousa, a uns a illusão, a outros a esperança, a estes um grito, áquelles a mascara ; que esquadrinha o vício, disseca a paixão ; que cava e sonda o homem, a alma, o coração, as entranhas, o cerebro, o abysmo que cada um possui em si mesmo. » *V. Hugo.*

Todavia de uma grande obra de Balzac — *Le Dernier des Chouans* — obra que prima « pelo pittoresco, pelo cunho dramático, pelos caracteres verdadeiros, pelo dialogo feliz » diz Sainte Beuve que « a imitação de Walter Scott e de Cooper é evidente. » E a Sainte Beuve chama não sei si Paulo Raynol, que agora bem me não lembro, « eminente juiz das cousas do espirito. »

Com quem se parece, pois, *Senio* no seu *Gaúcho* — por ventura arremêdo remoto, caricato e illógico do *Homo* e do *Ursus*, do *Homem que ri* ?

Não seria difficil dizêl-o, mas não o quero fazer,

limitando-me apenas a dizer com quem penso que *Senio* se não parece ; e não é pouco.

O que fica fóra de toda a duvida, quanto a mim, é que o *Gaúcho* não passa de uma producção cache-tica, de que a litteratura brazileira pouco se deverá lisonjear.

« Ha duas maneiras de ser sublime — diz um critico francez : — pelas idéas ou pelos sentimentos. No segundo estado tem-se palavras de fogo que penetram, que arrastam. No primeiro não se tem sinão palavras de luz, que pouco aquecem, mas que deslumbram. » No *Gaúcho* o sentimento é frouxo e frio, a idéa descórada e infeliz ; é por isso que o estylo nem deslumbra, nem arrasta.

Si estudamos o *Gaúcho* em seu caracter *historico*, tanto peor ; é tudo vago, indeciso, maxime insignificante. Lendo-o, não se fica tendo uma idéa da revolução rio-grandense. Não ha um traço vigoroso que se deixe demorar no animo do leitor. A revolução apparece, em uma attitude fugaz, fungivel como a sombra do quadro — a luz pertence aos cavallos, ou aos arroubos da imaginação delirante.

Entendeu *Senio* que, citando taes e taes nomes, que figuraram no movimento, e dizendo que este caminho vai ter a Jaguarão, aquelle a S. Borja, tinha, preenchido e satisfeito a parte historica da obra. Erro ou illusão !

O espirito do tempo, o cunho varonil e incisivo do acontecimento, sua acção moral ou politica, tudo deixa addiado para d'aqui a um seculo talvez « quando já os personagens não se achem tão ligados ainda ao presente pelos vinculos das paixões e da familia. »

Que familia, que paixões ? Pois tem alguma cousa que ver com isto o escriptor profundo, consciencioso, o critico justo e severo, que não transige com especie alguma de interesse, e só se dirige a attingir o alvo excelso da verdade historica ? Frivola *gaze* esta que não encobre os defeitos, as nodosidades do arcabouço repulsivo !

Falando de Alexandre Herculano, como romanista-historico, diz um dos bons talentos criticos modernos da Peninsula : « Nos romances historico-nacionaes, nunca tanto como alli talvez, se eleva o escriptor a uma idealisação característica, pessoal, critica e philosophica.

« Em geral fica com Walter Scott na chronica romantizada. E splendidamente romantizada. A historia é escrupulosamente tratada : estudam-se a epoca, os costumes, as tendencias, as ambições, os homens. »

Fez acaso outro tanto *Senio* no seu *Garucho*, para pretender com razão um logar na ordem dos romancistas historicos ? Si acaso se não acha ainda inaugurada no paiz a escola, não ha de ser de

certo a obra de *Senio* que servirá de modelo, tão certo é faltar-lhe a possança e a firmeza de acção e de critica imprescindiveis em trabalhos taes de iniciativa no genero.

Si conchegamos o *Gacúho* ás formulas geraes da plastica, aos preceitos da arte e do bello, ao purismo da linguagem castiça, não se ressent elle de menos deslizes com feições de defeitos que difficilmente se poderão escusar.

A neologismomania pullúla e palpita a cada pagina, infastia. A titulo de enriquecer-se a lingua, já de si tão opulenta, inventam-se vocabulos por mero arbitrio. A prevalecer o abuso, quem se entenderá d'aqui a pouco ? O direito, que tem *Senio* para introduzir na lingua vernacula termos novos *ex auctoritate qua scribit*, muitos tambem o teem; e onde iremos parar, si todos esses se deixarem dominar pelo mesmo erro e vaidade de inventarem por conta propria ?

A contar da *Diva* para cá, justamente a obra que assignala o principal periodo de decadencia de *Senio*, não ha trabalho seu que se possa ler, de recheado, que vem, de quanta innovação lhe occorre fazer, como si isso denunciasse grande merecimento intellectual, e demandasse alto esforço e superioridade no escriptor ! De um verbo deriva *Senio* um substantivo ; de um substantivo deriva um verbo — e eis a que se reduz a grandiosa pro-

creação philologica de *Senio*. Quem é que não poderia fazer outro tanto, sem, de mais a mais, suppôr ter descoberto a polvora, ou se julgar por isso com jus ao respeito e á admiração de presentes e pósteros?

E que razão de necessidade poderia determinar taes innovações? Por ventura *Senio* cria idéas tão sublimemente originaes, que não encontre na inexgotavel riqueza da lingua nacional termos que lhes correspondam e que as exprimam? Serão essas idéas creanças de septe braços para quem seja mister talhar camisas de septe mangas? Não será difficil na verdade deparar em nossas ultimas lettras com aleijões de tal ordem.

Em um caso irremissivelmente seria preciso inventar uma lingua propria: no de querer fazer o homem entendido em seus mais reconditos phenomenos psychicos pelos cavallos, e de entendel-os elle egualmente; mas então inventem uma lingua nova, e não queiram aviltar na infima funcção a illustre e heroica lingua dos Barros e dos Vieiras.

Longe me levaria esta ordem de considerações, e eu tenho pressa de terminar a série, apesar do muito que me fica ainda por dizer. Aguardarei outra occasião, em que farei a apreciação da *Diva*, da *Iracêma* como romance typico-indiano-brazileo, e da *Pata da Gazella*, se antes d'isso nos não der

Senio cousa *mais nova*, como promettem os arautos e passavantes.

Segundo vês, meu amigo, seja encarado o *Gaúcho* sob o aspecto, ethnographico, ou seja-o sob o esthetico, ou philologico, urge que os que sinceramente se interessam pelo lustre das patrias lettras façam cruzada para que elle não consiga abrir escola.

Discutamol-o entretanto, e ao correr da penna, em terreno diverso, isto é considerado como romance de *phantasia*, segundo te prometti em minha primeira epistola.

Não condemno este genero da litteratura romantica. O *Han d'Islandia* é horriavelmente bello. A *Ondina*, de Fouqué, é sublime. Tambem não deixa de ser interessante o *Diabo côxo*, de Lesage, posto que plágio do *Diablo kujuelo*, de Guevara. E muitos outros, que ahi fazem as delicias dos *dilettanti* da litteratura do impossivel e do sonho ou da fabula. Não condemno pois *in limine* o romance de *phantasia*.

Parecendo-me, porém, que o romance tem influencia civilisadora; que moralisa, educa, forma o sentimento pelas lições e pelas advertencias; que até certo ponto acompanha o theatro em suas vistas de conquista do ideal social — prefiro o romance *intimo*, *historico*, de *costumes*, e até o *realista*, ainda que este me não pareça caracteristico dos tempos que correm.

Em uma palavra prefiro o romance *verosimil, possível*, quero « o homem junto das cousas » definição da arte por Bacon.

E é justamente por isso que o *Lazarillo de Tormes*, de Don Diego H. de Mendoza, exerceu tão consideravel importancia não só na historia politica da Hespanha, sinão tambem na historia litteraria de toda a Europa — como diz Viardot. « O pequeno Lazaro de Tormes é um engeitado, que passa de senhor em senhor, que se vinga de os ter servido exprobrando-os desapiedadamente, e que, em cada condição nova, faz a critica amarga de uma classe da sociedade. » E' um monumento em nove capitulos.

Mas o *Gaúcho* não é um romance de phantasia, nem pensa em tal, desde que localiza sua acção n'um theatro verdadeiro, e n'ella pretende offerecer a photographia dos costumes de uma sociedade conhecida e contemporanea, dando ás pessoas e ás cousas seus proprios nomes.

O *Gaúcho* pretendia ser de costumes, mas depravou-se na aberração. « A pretensão de excessiva novidade não póde dar em resultado sinão uma triste mistura de *comedia grotesca* e de *grandeza phantastica* que se não encontra em livro algum » diz Philarète, apreciando as *Viagens* d' Herman Melville. Dir-se-hia que o profundo critico francez talhou n'estas palavras a carapuça de *Senio*.

Terei sido acaso severo, meu amigo ? Não, de certo, pelo que me parece.

E' preciso dizer abertamente a *Senio* que poucos podem ser Dumas ou Voltaire. A fertilidade proveitosa só é partilha dos genios. *Non omnia possumus omnes* : e a Coryntho não vai quem quer.

Os graves encargos de conselheiro de Estado, de politico, de advogado, de parlamentar, de opposicionista, e de muitas cousas mais, não permitem aos talentos litterarios produzir sinão abôrtos, se querem dar creanças em menos de nove mezes.

Quando *Senio* era simples advogado, e não queria campar de philologo abalizado, politico profundo, nem concebêra ainda a vaidade de passar espichas nos classicos e de arvorar-se em mestre de escola, tudo ia bem.

Chegava-lhe o tempo para applicar-se ás letras amenas, compôr seus trabalhos com vagar, corrigil-os, á luz do gosto e do bom senso, até onde este lhe chegava tambem. A prova temol-a nós no *Guarany*, na *Viuvinha*, e no *Demonio Familiar*. *O tempora !*

Hoje, porém, como tudo está mudado ! Os elogios immoderados apodreceram cêdo o talento util, fazendo-o infunar-se da presumpção de ser *genio*. Prejuizo para a litteratura natal ! porque em vez de recolher mais duas ou tres producções,

dos quilates da *Viuvinha* ou do *Guarany*, temos uma bagagem de volumes, que não valem o arroubo dos — *Cinco minutos*.

Metta a mão em sua consciencia, e diga *Senio* si não temos razão.

Mas nada de desacoroçoar. E' ainda occasião de recuperar o tempo gasto em pura perda, e reparar o mal que tem feito ao seu nome e ás letras brasileiras.

Tenho concluido, meu amigo. Pede por mim desculpa ao publico, e a *Senio* que me não queira mal.

SEMPRONIO.

CARTA III

DO ROCEIRO CINCINNATO A SEMPRONIO

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1871

Querido amigo.

Forçaram-me a trocar as politicas pelas litteraturas. Em qualquer d'esses campos, sou eu um curioso muito inválido, mas enfim tudo serve : quem não póde brandir clava, descarrega piparote, e as minhas aspirações não sobem a mais.

.....
Agora, algumas palavras mais, sem applicação, como simples generalidade, e em que só repetirei o já dito pelos reguladorès do gosto.

Nada, na arte de escrever, demanda mais cautela do que o uso dos tropos, figuras e imagens. Os mais sublimes e patheticos passos dos mais admirados autores, em prosa e verso, acham-se expressos no estylo mais simples e sem figuras. Póde, por outro lado, abundar uma composição em ornamentos estudados, em linguagem artificiosa, esplendida, figuradissima, e ser no todo affectada e glacial. Quem não falar ao espirito e ao coração, por mais gymnasticas de estylo a que se abalance, se este

fôr ostentoso, esquisito, presumpçoso, improprio ou obscuro, poderá lançar poeira aos olhos do vulgo, mas nunca aprazer a juizo dos competentes.

As imagens e figuras acceitaveis hão de adaptar-se naturalmente ao objecto : suggere-as a imaginação, quando altamente excitada, produzindo metaphoras e comparações ; suggere-as a paixão, quando o peito se commove, gerando então prosopeas e apóstrophes. Está perdido quem deixa o curso do pensamento para se ir á caça das figuras ; não apanha leões nem veados, mas sombras impalpaveis e ridiculas. — Erra quem pensa que ornamentos de estylo se cosem á composição como a gola á casaca. Eis como o Visconde de Seabra verte um trecho da *Epistola aos Pisões* :

A começos magnificos mil vezes
se alinhavam de purpuras remendos,
que ao longe brilham, como quando os meandros
da agua que gira pelo ameno prado,
de Cynthia o bosque, as venerandas aras,
o Rheno, ou o arco pluvial, se pinta..
mas era do logar improprio o quadro.

Os ornamentos verdadeiros não são arrebiques, ou esforços de imaginação enferma ; devem correr no mesmo álveo por onde se desliza o pensamento. Ha de se falar como se sente, e não pedir emprestado o effeito. Quando *invita*, a *Minerva* vingá-se.

E por sobremesa, para gratificar o teu paladar delicado, lê agora comigo este final do cap. 3º do liv. IX de Quintiliano : « Autores, que até os argumentos dão por figuras, é fugir d'elles. Estas, mesmo quando verdadeiras, se adornam o estylo, postas a proposito, tornam-se mais que ineptas, empregadas sem moderação. Taes ha que se julgam summos artifices, porque, sem curarem da essencia das cousas, nem da solidéz dos pensamentos, amontoam palavras sem sentido, e ridicu-

lamente se empenham em procurar gesto onde não ha corpo. Até no uso das cousas legitimas, é mister cautela : a expressão do rosto, o vibrar dos olhos, muito ajudam ao orador ; mas se o vires contorcer esquisitamente a bocca, e trazer testa e olhos em movimento desesperado, deitas ás gargalhadas. A oração tem tambem a sua face natural ; nem immobilidade cadaverica, nem o movediço da carêta. Nimio cuidado no palavrório gera desconfiança ; e sempre que se ostenta artificio, tudo parece mentira. »

Caro Sempronio meu, tu has de reconhecer sem duvida que que não é possível ser mais brando, mais docil, mais submisso do que eu o sou para com *Senio*. Desde o principio d'este dize-tu direi eu, que o trato com as fórmãs mais blandisonas e mellifluas, e não alcanço nada ; quanto mais molle acha, mais carrega. Tomára eu que tu me ensinasses o modo de o amansar ; eu bem procuro fazer-lhe a vontade, e estou até prompto para proclamar que Deus, que se não cançou em fazer o mundo em uns poucos de dias, levou depois muitas semanas para *invental-o* a elle, e ficou estafado ; mas nada : pelo que collijo das *Palestras*, dictadas pelo *Senio*, e editadas pelo companheiro, o irado *Jove Tonitruante* não larga da dextra o trisulco. Estou bem servido !

Ora escuta aqui uma historia :

Havia na Bahia um homem, chamado o Sr. Gabriel, muito mal encarado, cujas delicias eram bater na pobre mulher. Dous annos supportou a infeliz a sua cruz, levando quotidianamente boa conta de pauladas á tóa.

— Ah ! tu deixaste-me esfriar o jantar... Toma lá.

— Não deixei, menino, que está bem quente.

— Ah ! tu respingas ! toma lá.

E assim aproveitava todas as razões para repetir a anti-phona. Deu-lhe uma amiga um conselho : « Diga teu marido o que disser, não contraries. Mande o que mandar, faze logo. Assim lhe tirarás os pretextos. » Chega o Sr. Gabriel :

— Maria, descalça-me as botas !

— Prompta.

— Maria, está aquella janella aberta para entrar o sol?
(Era noite.)

— Eu vou fechal-a.

— Maria, dà cá aquelle chicote.

— Elle aqui está.

— Maria, está muito calor ; vai fazer-me a cama no quintal !

Foi a mulher, e fez o que se lhe mandava. Deitou-se o bom do homem, e, passado um instante, levantou-se a bater-lhe.

— Que tens tu, meu maridinho ?

— Ainda m'ò perguntas, cachorra ? Foste-me pôr a cama logo por baixo da estrada de Santiago : se por lá tropeça um macho e cai, vem-me logo cair no toutiço.

Assim parece acontecer comigo. Se eu não estivesse certo do meu sexo, julgar-me-hia mudado em D. Maria ; todavia, para teu socêgo, asseguro-te que tens sempre em mim

O teu velho e cordial amigo

CINCINNATO.

CARTA IV

CINCINNATO A SEMPRONIO

Meu illustre critico.

Recebo a tua carta, interessante como quanto sai da tua penna. N'ella me dás a noticia de que applicarás mais algumas horas vagas ao exame das producções litterarias de *Senio*, com o que sem duvida teremos todos muito que aprender.

Com a tua carta, recebo a de um nosso distincto amigo

commum que, referindo-se tambem a certo escriptor (quem seja, não vem ao caso) se exprime d'est'arte: « Folgo com um tão completo desbarato da fôfice, da pedantaria, do orgulho petulante, e das bullas falsas... Com effeito sempre lhe achei ares excêntricos, fórmas hybridas, contornos monstruosos, planos disformes, lavor irregularissimo, míngua de gosto e senso artistico, ambição impotente de effeitos ridiculos. Depois, vindo a vez do politico, manifestou-se-me elle um ambicioso vulgar, um acabado especulador, que armava tão sómente ao proprio interesse, e que se desmascarou, no dia da prova, etc. etc. »

Mas emfim, isto nada tem com a materia que tratamos, e portanto continuemos com a anályse das *Palestras*; e preciso, antes de tudo, pôr bem claro um ponto. Saem estas palestras de debaixo do telhado de *Senio*; assume a paternidade d'ellas um senhor homem que se senta á mesma carteira que o primoroso escriptor; esta, e outras circumstancias me convencem de que, embora o estylo seja exclusivo e característico do dito senhor homem, as partes da oração são-lhe ministradas pelo companheiro *Senio*. É conseguintemente com este, que eu me entretenho: se tivesse a persuasão de que o senhor homem era o autor do que copia e aduba, passaria de largo respeitosaente, e silencioso deixaria brilhar á vontade.

O finado Senador Theóphilo Ottoni narrava com summa graça numerosas particularidades dos usos e costumes dos selvagens do Mucury. Lembro-me bem de lhe ouvir esta história, — « Para um Botecudo, toda a sua idéa de superioridade e prioridade funda-se no vocabulo: *Capitão*. A mim chamam-me *Capitão Pogirum*, que quer dizer: Homem de posição elevada e de mãos brancas. A um Francez, do Mucury, chamavam *Capitão Ouioui*, por que era de raça branca, e repetia frequentemente a palavra *oui*; e assim os mais. O curioso porem é que o termo applica-se não menos a cousas inanimadas ou não humanas; por exemplo: de um renque d'arvores, a primeira é a arvore-capitão; no delta formado

por aves de emigração, a primeira é o passaro-capitão; de uma vara de cochinos o que vai adiante é o *porco-capitão*. »

Sempre me lembra o Senador Ottoni, quando ouço d'estas; e, longe de contrariar a asserção, concordo em que *Senio* é o orador-capitão, o advogado-capitão, o politico-capitão, o litterato-capitão, o Gaichista-capitão, o jurisconsulto-capitão, o laureado-capitão, o filho que dá orgulho-capitão, o caracter capitão, finalmente o centurião, o capitãozarrão, o capitão general dos capitães. Que mais querem? Prestemos-lhe todos este *preito e homenagem*.

.....

Teu obediente criado

CINCINNATO.

CARTA V

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1871.

Caro amigo.

Passsei hontem o dia em Andarahy, e por isso não pude palestrar contigo. Sai agora d'aqui o Ticio, que me trouxe a 2ª e 5ª. *Palestra*, publicadas hontem e hoje.

Lemos juntos aquellas duas peças de architectura, e discutimos largamente se era licito tomar em consideração escriptos redigidos com fórmas tão baixas, que é duvidoso merecerem resposta. Estas pugnas litterarias tem seu que do duello: acceitarias tu um repto para te bateres, não com armas licitas,

mas com punhados de lodo ? Eu já nem me presto a copiar as palavras e expressões, que esta casta de adversarios julga admissiveis em taes polemicas ; embora seja simples transcripção, ha certo pudor que veda reproduzir com a nossa penna lingua-gem que só se aprende nas tabernas e nos açougues. O sal áttico d'estes senhores, é sal de cosinha, e do mais ordinario.

O idioma é em todos os generos tão opulento que nada houvera mais facil do que a uma insolencia responder com dez insolencias, a uma brutalidade com cem brutalidades ; mas ainda quando o adversario nada mereça, merece muito o publico, e a nossa propria dignidade.

Depois de lidos estes dous artigos, tinha um de tres arbitrios a tomar :

1°. Responder na mesma afinação, ou meio tom acima. Seria seguir um vergonhoso exemplo ; transformar controversia em pugilato ; dêsrespeitar o leitor e a mim mesmo.

2°. Em vista de tamanho descomedimento, guardar silencio, por não julgar decente polemica de especie alguma com taes contendores. Seria deixar campear impune o desacerto boccal, e autorisal-o a proclamar irrespondiveis os seus delirios.

3°. Fechar olhos a tudo quanto em taes artigos reveste a fôrma brutal, extrahir d'elles lealmente o que aspire a foros de argumentação, e aquilatal-a, como se fosse proferida com decencia e compostura, e por quem tivesse em mente, não a injuria, mas a apuração de doutrinas controvertidas. Por exclusão de partes, entendi que era esta a marcha que eu tinha de seguir.

Deixarei pois, de boamente, a Senio a gloria do seu vocabulario. Não reciprocarei os *piegas*, *Mainante*, *salsinha litterario*, *charlatão*, *casmurro*, *palhaço*, *critiqueiro*, *cacaseno*, etc., etc. Aceito tudo, e pago-lhe, dizendo que nada d'isso me demove da posição de justiça e plena rectidão em que me colloquei, nem me autorisa a represalias, que *em taes termos* seriam indignas do publico, de mim... e do proprio Senio.

Não ha quem tenha esquecido a luta entre J. A. de Macedo

e Bocage, no fim do seculo passado. Aquelle começou a sua excellente satyra por estes versos :

Sempre, ó Bocage, as satyras serviram
para dar nome eterno e fama a um *toló*.

A satyra monumental em que Bocage analysou aquella, principiou assim :

Satyras prestam, satyras se estimam,
quando n'ellas calumnia o fel não verte...
quando forçado *epitheto affrontoso*
(*tal que nem cabe a ti*) não cabe áquelles
que já na infancia consultavam Pliebo.

Eis-ahi, ao menos n'este ponto da satyra, um bello exemplo. Bocage tinha um arsenal provido : quem lhe chamava *toló*, dava-lhe o direito de redarguir com igual energia : parvo, nescio, asno, tolambana, basbaque, asneirão, estólido, fátuo, papalvo, parvoalho, inxovêdo, inepto, insensato, parvoeirão, tolaz, patau, simplorio, sandêo, tolão, simpleirão, estulto, ignorante, lorpa, zote, bestial, pateta das luminarias, amente, mentecapto, lunatico, tresvariado, demente, tonto, parvoinho, alarve, alvar, animal, bobles abobles, bolonio, camelo, caturra, orate, despropositado, estouvado, estúpido, patola, e mais duas duzias de variantes, que se aprendem na praça do Mercado. Tal não fez : começou logo reconhecendo, não obstante a ira que o inflammava, não ser aquelle epitheto applicavel a quem lh'o applicava ; como não faria outro tanto, eu, em quem taes violencias não geraram agastamento, mas simples compaixão ?

Deixarei pois aquellas energias de linguagem para quem precisar lançar poeira aos olhos ; eu, que só preciso raciocinar sem vituperios, dispenso esses tristes recursos da impotencia.

Pelo que vejo, *abandonaram* ao braço secular o poder pessoal, o orador, o estadista, o escriptor. Só defendem o romancista. Vamos a isso. Sempronio consagrou 40 paginas á analyse do *Gaúcho* ; não se atreveram com elle : eu rabusquei

na vinha que o habil vindimador deixára, consagraudo apenas duas cartinhas ao meu supplemento de analyse, e é sobre mim que Senio cae desapiedadamente, por me saber mais fraco. Faz lembrar Cesar em Dyrráchio, investindo o campo de Torquato, por suppôl-o mais facil de derrotar do que se atacasse as forças de Pompeo. Resigne-se cada um á sua sorte, e vamos a isso.

É um tanto difficil conquistar attenção sobre assumptos já caçados, e que naturalmente saciam. Sempronio fez uma primorosa analyse do *Gaúcho*; eu comecei-lhe um insignificante additamento; agora o tal Senio disseca-me a mim; eu vou dissecar a sua dissecção..., de modo que isto vem a ser analyse da analyse do additamento á analyse da obra. Fôra mister muito mais alto merito litterario em mim, e no meu fustigador, para ser isto supportavel; todavia cumpra-se o dever, inteiro e com lealdade.

Teu velho amigo,

CINCINNATO.

CARTA VI

DE CINCINNATO A SEMPRONIO

Rio, 9 de Novembro de 1871

Respeitavel Sempronio:

Tenho a estulta manha de muitas vezes discursar de alhos quando se trata de bugalhos; e se me cae a talho de foice uma leitura que me quadra, transcrevo logo, embora venha

despropositada; e como d'isto já agora me não emendo, porque quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita, lá vae uma das taes leituras, sem atilho nem vencilho.

Celebrava-se antigamente em algumas egrejas do Norte, por fins de Dezembro, uma festa denominada *Libertas decembrica*, ou, mais commummente, do *Papa fatuorum*. No tempo dos officios divinos, saíam da cathedral os clérigos emmascarados, ou em trajos mulheris, ou vestidos de bôbos e chocarreiros, dançando e saltando e correndo, com grandes alaridos. Juntos no côro, cantavam cantigas deshonestas, faziam dos altares mesas, com grandes comesanas e galhofas, deitavam solas de chichellos nos thuribulos, e com fétido fumo incensavam as paredes, e com outras sacrilegas extravagancias, procediam á eleição do seu Pontífice, que tinha por título *O Papa dos fátuos*. Foi continuando este barbaro escandalo, até que, em 1444, os theologos da faculdade de Pariz, com a circular que dirigiram aos prelados de França, e que depois foi dada á luz por João Savaro, extinguiram a festa do *Papa fatuorum*. Fizeram muito bem, e estou convencido de que nunca mais se restabelecerá o ridiculo protopapado.

Emfim, deixemos os assombrosos costumes da idade media, tão outros dos actuaes, e continuemos a nossa pratica litteraria.

Uma folha d'esta capital, de aspirações adiantadissimas, dá ao orbe intellectual a fausta noticia de que ás suas columnas coube a gloria de serem escolhidas para uma nova brilhatura romantica do Sr. José d'Alencar, o conservador. Ha de chamar-se-lhe... *O Til!* e justificar a qualificação, já dada ao seu autor, de chefe da litteratura brazileira. Podes imaginar com que anciedade é esperado o novo parto da fecunda musa, para gloria nacional, orgulho e desvanecimento da patria (*sic*).

— Fiquei com o espirito tão desenxabido, pela insipidez da materia, que para o consolar peguei n'um livro ao acaso, e caime debaixo das mãos a *Euphrosina*. Findo esta carta com uma transcripção d'ella, como com outra transcripção principiou,

apezar de nem uma nem outra ter a mínima ligação com o assumpto, porque emfim eu não creio que isto sejam umas galés, ou que fossemos condemnados a não nos occuparmos senão de um. Diz o bom do classico :

« Guarde-vos Deus de ira do senhor e de alvoroço do povo — de doidos em lugar estreito — de moça adivinha e de mulher latina — de pessoa signalada, e de mulher tres vezes casada — de homem porfioso — de lodos em caminho e de longa enfermidade — de official novo e de barbeiro velho — de amigo reconciliado, e de vento que entra por buraco — de hora minguada e de gente que não tem nada — de physico experimentador, de mathematico doutor, e de asno ornejador. »

Recebe as expressões da respeitosa admiração do teu reverente amigo,

CINCINNATO.

CARTA VII

DE CINCINNATO A SEMPRONIO

Rio, 24 de Novembro de 1871.

Illustrado amigo.

Recebo a tua preciosa carta, de 10 do corrente, na qual me dizes que talvez te divirtas com o *testa de ferro* de Senio, parecendo-te porém mais methodico esperar que elle despeje o seu vasto arsenal de conhecimentos, expressos em linguagem apropriada. Accrescentas : « Far-se-ha então uma apreciação synthetica, e pôr-se-ha a nú a intelligencia do critico. Cre

tu que o *Gaúcho* me offerece materia para outra longa série de cartas, e não estou longe de escrevê-la. Entretanto, para mudar de assumpto por agora, vou entreter-me com a *Iracêma*. »

Escuta cá, meu amigo. O anonymo das *Palestras* declarou depois que depunhã a mascara, com o que ficou mais anonymo que d'antes !

.....
 Já esmerilhei as criticas do pimpão. Prometteu esmagar-te a ti, e a mim ; mas depois subverteu-se pelo chão abaixo, dizendo apenas que ia fazer uma viagem, e ha pouco accrescentou que estava já de volta, e aparelhado para amarrotar-nos. Ficámos com o juizo suspenso, o que é muito incommodo, visto que um juizo pendurado tanto tempo, acaba por cançar. Roeu a corda ; remetteu-se ao silencio, segundo a doutrina da escola Senial. *Promette et tenir sont deux*. Tambem não vae longe o dia em que o Sr. José de Alencar ameaçou com a horripilante publicação de um livro do futuro, que ficou para as kalendas gregas, como as criticas do Sr... o anonymo.

Visto, porém, que o senhor quem quer que seja se esbofa por convencer-nos de que as suas estupendas lucubrações são realmente suas, e nenhuma necessidade vejo de o desmentir, acho mais curial que de ora avante o deixemos, tu e eu, em santa paz. Já demonstrou o que sabe e o que vale aquelle senhor homem. Se o senhor homem imagina que, *por si*, tem direito de ser por nós contrariado, engana-se de meio a meio. Se elle é elle, *parce sepultis*. Não contribuiremos para as suas glorias, nem mesmo *Erostráticas*. Fica-lhe campo livre para repetir, sem receio de mais resposta, as suas brilhaturas.

Quem está na berlinda não é nem poderá nunca ser nenhum phantastico senhor. Poderia tolerar-se o officio de *caçatigres*, mas nunca o de *mata-carochas*. Sempre suppuz que alguem assignava de cruz o que o Espirito Santo lhe dictava, ou que pelo menos esse alguem tocava as suas variações sobre o thema do mestre, de cuja alta intelligencia julgavam todos

dimanarem aquell'outras preciosidades. Teima-se em que estas não são authenticamente do inspirado; n'esse caso, faço meia volta, e passe por lá muito bem o delicado Palestreiro. Algumas outras decididamente *authenticas* hei de achar. O Imperador Justiniano deixou-nos nas suas *Constituições* as *Authenticas*; por fortuna da humanidade tambem nós temos as nossas *Authenticæ seu Novellæ Constitutiones domini nostri Alencaris, maximi magistri atque sacratissimi principis*. Parabens á patria: estas *Authenticas Constituições* (visto que o *oes* tem um *til*) chamam-se o *TIL*.

Tu, que estás longe, talvez queiras andar em dia com a monumental historia d'este monumento; eu te conto o que sei.

.

Eis-ahi tens tu o que seja a carta introductoria do novo romance *O Til*: como sempre, uma baforada, uma arrogancia, uma injuria.

Segue-se falar no começado, apregoado, assoprado, engrandecido, celebrado, hyperbolizado, encarecido, exaltado e enthronizado romance. Está-me caindo da penna um verso de Boileau, mas não quero, não senhor.

Teu respeitoso amigo,

CINCINNATO.

NOTAS

SOBRE AS CARTAS DE CINCINNATO

Os ligeiros extractos que temos feito e ainda para diante faremos de cartas de Cincinnato quer a Sempronio quer ao cidadão Fabricio sobre esta questão litteraria, mal dão idéa do quanto ellas valem na sua integra.

Sendo em geral escriptas com summa graça, algumas ha, para não dizermos todas, na altura de servirem de modelos de polemica pela erudição bem digesta, sal áttico, senso critico e pureza de estylo em que primam.

Tel-as-hiamos de boamente trasladado inteiras das imperecedouras QUESTÕES DO DIA para as paginas do presente livro se para tanto não fosse mister dar a este proporções que não entraram no plano da impressão.

SOBRE AS CARTAS DE SEMPRONIO

CARTA I, PAG. 3

Além do *Guarany* de Gustave Aimard podem ser consultados sobre os costumes do pampa o interessante livro de d'Orbigny, *Voyage pittoresque dans les deux Amériques*, p. 291 e seguintes, e a formosa historia de Mme Eduarda M. de Garcia, *Pablo ou la vie dans les Pampas*.

Cabe aqui agradecer ao meu joven amigo Francisco Magarinos de Souza Leão o grande serviço de haver collocado á minha disposição para cima de 50 volumes de autores conceituados que tem escripto sobre os costumes e povos de ambas as Americaricas.

Especialmente a litteratura indiana pôde contar n'esse esperançoso joven um apreciador estrenuo.

CARTA II, PAG. 9

A respeito do *Far-West* de que se trata no final d'essa CARTA, copiamos do bello livro de Xavier Eyma que se nomeia *Les Peaux-Rouges*, as palavras com que abre o dito livro, e são estas :

« Le *Far-West*, en Amérique, représente matériellement, ou plutôt géographiquement parlant, des vastes contrées qui on semblé longtemps impénétrables au travail et à tout le cortège de la civilisation. A la vérité, on ne croyait pas avoir besoin d'aller trouver de sitôt, jamais peut-être, les solitudes grandioses de ces forêts que la hache des pionniers a ravagées, de ces prairies, abri de troupeaux sauvages, et que la charrue a labourées et fertilisées, de ces fleuves et de ces lacs majestueux dont les flots se sont ouverts sous la poue des steamboats.

« Plaçons-nous au point de vue des premiers colons qui vinrent peupler l'Amérique du Nord, et demandons-nous si leur regard a pu être assez ambitieux pour oser, alors, pénétrer à travers ces terres inconnues et atteindre des bords de l'Atlantique aux côtes du Pacifique, de l'embouchure du Delaware à l'embouchure du Colombia, d'une limite à l'autre d'un continent tout entier.

« Non certes! derrière la borne du champ cultivé, à dix lieues tout au plus des bords de la mer, a dû commencer, pour les hommes de cette époque, le *Far-West*, c'est-à-dire l'inconnu, le mystère, l'œuvre et la conquête de l'avenir.

« Le *Far-West* a été comme ces horizons que dessine en pleine mer à l'œil du voyageur la jonction illusoire du ciel avec les flots, et qui semblent marquer le terme du voyage. A mesure que le navire s'en approche, cet horizon s'éloigne; on se trouve au point où le regard s'arrêtait tout à l'heure comme à la limite extrême du monde, et la ligne est encore là, toujours à la même distance, comme si elle avait reculé avec une vitesse uniforme à la marche du navire. Puis enfin, derrière ces brouillards insondables, se dresse tout à coup la terre qu'on poursuit, et le mystère disparaît. Ainsi en a-t-il été du *Far-West* en Amérique. Il a reculé devant

la civilisation à chaque pas que celle-ci faisait. Il est évident que ce qui a été le *Far-West* pour les fondateurs des colonies est aujourd'hui un pays riche, cultivé, sillonné de railways et de steam-boats.

« Ce qui était le *Far-West* il y a cinquante ans, il y a trente ans, il y a dix ans, ne l'est plus aujourd'hui.

« Pour mieux dire, le *Far-West*, à le prendre dans sa signification primitive, n'existe plus. Il impliquait une terre à découvrir, elle est découverte ; un mystère à pénétrer, la lumière en a illuminé toutes les ténèbres ; un continent à ouvrir aux conquêtes et aux bienfaits de la civilisation, de l'embouchure du Delaware à l'embouchure du Colombia, la circulation est assurée, sinon encore facile. »

Já sabe Senio o que é o *Far-West* ?

OBRA
DE J. DE ALENCAR
A IRACÊMA

.

SNR. REDACTOR DAS « QUESTÕES DO DIA »

Do excellente escriptor Sempronio recebo, com outras, a carta inclusa, destinada á publicidade, e não posso enviá-lha, desacompanhada de duas ponderações.

A primeira é que, dignando-se V. acceitar as minhas garantias, poderá parecer vaidade ou insania transcreverem-se nas mesmas paginas encomios á minha pessoa, aliás exclusivamente devidos á cega benevolencia de protectora amizade. Repito porém o que já tive precisão de reflectir, e que me servirá de salvaguarda, se porventura alguma outra vez me achar em eguaes condições : Vejo-me entre a espada e a parede. Que fazer ?

— Deixar de publicar estes escriptos? Seria defraudar os leitores d'estes modelos de critica; abusar de honrosa confiança; corresponder a uma delicadeza com uma Vasconcellice.

— Publical-os, operando-lhes alterações e córtés? Seria desfigurar a producção; arvorar-me em censor, sem direito; superpôr a minha penna rude á aparada de quem a maneja muito melhor do que eu.

— Dal-os á luz, intactos? Por exclusão, é o unico expediente licito, supplicada, como fica, para este e todos os casos analogos, a desculpa do leitor, a quem rogo me considere sujeito então a força maior.

Venhamos a outro ponto.

Na carta que vae ler-se, abaixa-se *Sempronio* a tomar em consideração, embora seja para esmagal-o, ao *Palestreiro do Diario do Rio*. Está longe o conspicuo escriptor. Pensa elle, como todos tinham pensado, que eram ou dictadas ou insuffladas por *Senio* as tristes *Palestras*, que lhe imitam o estylo; que lhe reproduzem a *argumentação*; que se sabe sairem de debaixo do mesmo telhado e de sobre a mesma mesa em que *Senio* escreve.

Foi exclusivamente esta convicção que levou a mim e a *Sempronio*, a descermos ao ponto de discutir com o *Palestreiro*, guardadas sempre as devidas distancias de linguagem, isto é, brandindo nós espada de aço contra espada de canna temperada em lodo.

Surge porém um *quidam*, encoberto sob o pseudonymo *Vasconcellos*, bradando ser elle, e não *Senio*, o autor da *Nova Tripa Virada*, e a reclamar para si certo privilegio, de que affirmam usava uma Viscondessa da Lourinhã.

Quer, a toda a força, celebrar-se; é o que os Francezes chamam *réclame*; quer que façamos falar n'elle; quer que annunciemos aos taberneiros o seu escriptorio de advocacia. Perde o tempo.

Quanto a mim, já avaliei a importancia do critico, e pode esbofar-se, que lhe não darei mais attenção a quantas ineptias escrevinhar, em linguagem de prostibulo ou de *açougue*. Nada, não senhor. Eróstrato era um parvo obscuro, a quem atormentava o delirio da celebridade. Queria immortalizar-se fosse como fosse, e com o petróleo de Epheso queimou aquelle *Rochefort o Velho* uma das 7 maravilhas do mundo. Isso foi lá com elle; mas eu, simples cidadão, e respeitador da lei, curvo-me á que promulgaram os Ephesianos, quando prohibiram expressamente que se proferisse o nome do incendiario. Por isso, sorrindo, o vejo voltar ao *Diario do Rio* (ha folhas, que, em se lhes pagando, publicam tudo; tomam a sua missão por uma tigella da casa jornalística), fazendo-me tregeitos e visagens, e dizendo que o Sr. José d'Alencar E' SOL (de quem já obteve, e aspira a mais... certo calor que nós sabemos), e

outras bajulações tão nojentas como as diatribes com que sonha fulminar-nos. Coitado, *requiescat in pace*.

O que é lamentavel, porém, é que Sempronio se curvasse a enxergar semelhante escrevinhador, a quem faltam todos os dotes de sciencia, consciencia, intelligencia, gosto, estudo, educação, e senso commum. Entretanto, submetta-se Sempronio aos ossos do officio: isto é o «*Lembra-te que és homem!*» do romano triumphador. Quando o general victorioso, ia revestido da *tunica palmata* e da *pintada toga*, corôa de louro na fronte, ramo de louro e eburneo sceptro nas mãos, pouco importava que ao pescoço levasse uma nomina contra a inveja: atraz d'elle, no carro magnifico de marfim, puchado por 4 alvos corseis, ia um escravo êbrio, descompondo-o e insultando-o, e desde o Campo de Marte até á Porta Carmental e ao Clivo Capitolino, confundia-se a voz do truão com o *Io triumphe!* das multidões.

Cada um occupe o seu lugar, e Sempronio triumphe!

Desde que, porém, nos querem convencer de que *Senio* não é o autor das *Palestras*, persuado-me que o distincto escriptor fará devida justiça a si mesmo, condemnando ao desprezo a insolente, analphabeta e chata escripta de um V.

Sempronio vae encetar o estudo da *Iracêma* e da *Diva*. Acaba de sair á luz uma sequencia de producções estupendas, incontestavelmente do Sr. José de Alencar; para que se ha de brigar com phantasmas, quando ante nós temos o corpo?

Ahi está fresquinho o impagavel *Til*. Temos o 2º tomo do *Tronco de Ipê* (que os thuribularios do costume já proclamaram famoso, eloquente, de fórma rara e mais que apreciavel etc., nada menos). Ha muito por onde esmerilhar, sem que se nos saia ao encontro com hesitações sobre authenticidades.

Peço desculpa de haver dado a estas linhas de introdução e justificação maiores dimenções que projectava, e permita subscrever-me

EPISTOLA Á PARTE

SEMPRONIO A CINCINNATO

Inclito amigo.

Tenho sido de uma descortezia atroz.

Tres cartas tuas até hoje sem resposta ! E que cartas! onde a liberalidade mais cavalheirosa confunde o ignorado escrevinhador de provincia! tres primores de engenho e de arte, padrões de vernaculidade, erudição e atticismo.

Mil perdões.

Tu tambor, enquanto eu marechal do exercito ! Não te lembres d'isso.

Eu, sim, é que me apresso a reconhecer em ti o mestre, capaz de me dar lições, ricas de ensino para viagens de instrucção n'este labyrintho inextricavel da critica. Não sou senão justo, prestando-te do coração o culto a que teem indisputavel di-

reito os teus multiplos e fecundissimos talentos, as tuas graciosas e castiças lettras.

Acabo de chegar do arrabalde, onde a minha deteriorada saude me deteve cêrca de quatro mezes. Tranquillisa-te, porém ; estou disposto e preparado para a esgrima.

Vi as minhas frandulagens sobre o *Gaúcho*. Agradecido.

Mal pensára eu, quando tive de escrevêl-as, a instancias reiteradas de um amigo que chegára havia pouco da campanha do Rio Grande, que Senio, em resposta e sem ter em consideração a excellencia do intuito, nem o comedimento e selectos modos da minha compostura, viria, arrojado e infrene, assacando-nos d'estas fidalguissimas amenidades :

« Tomo, para começar, a 1^a carta em que Cincinnato, á laia de amigo, se dirige a um Sempronio, AMBO FLORENTES, não na idade, poisque o de lá ainda está na espiga e o de cá já chegou ao sabugo, mas com certeza ARCADES AMBO ; e bom será que se saiba que ha diversas especies de ARCADIOS, sendo estes dous d'aquelles de que trata Juvenal sat. VII v. 160 : QUOD LÆVA PARTE MAMILLÆ SALIT JUVENI ARCADICO, quando faz allusão a certos ORELHUDOS de bom volume, que pastavam a relva da Arcadia. »

Diz uma autoridade em lettras : « Quando a

alma é elevada, as palavras vem do alto, e a expressão nobre acompanha sempre o nobre pensamento. » Faze a applicação.

Orelhudo só pôde ser filho de *burra*. Ora d'esta especie de animal nunca figurou, que eu saiba, na minha, posto que plebléa, estyrpe. Para onde se voltou, pois, Senio, quando quiz achar a finissima allusão?

Á vista de tão polido exordio hesitei, a principio, como tu, se devia ou não travar contenda com quem assaz mostrou só saber tornear á *gaúcha*.

Ora, nunca me empenhei em taes lutas — verdadeiros exercicios barbaros. De meus paes, de meus mestres, da boa sociedade, da civilisação (da nossa civilisação que não *babuja*, como a de Senio) aprendi a pleitear com as armas do pensamento — pela palavra, esse escudo sonoro, e pela penna, essa tersa lança do brioso lidador.

Mas deixar de accudir á intimação! isso nunca. Dou-me tambem por citado, e venho á lide para discutir, se o quizerem, e nunca para... rebaixar-me. É falar em bom portuguez.

Quizesse eu combater á *gaúcha*, nada mais facil, apezar da minha falta de habitos, de gosto e de aptidão, confesso-o, para esta especie de pugna gentilica: o amigo, de quem acima te falei, tem ainda em seu poder um rebenque e umas chilenas, que de bom grado me prestaria; e até um

Juca acharia eu defronte de mim para o cavalgar.

Mas renuncio para outros a gloria de sobresaír n'este páreo. O publico da cidade, que não confunde, como Senio, o homem com o bruto, vae tendo o bom senso de antepôr ás corridas ferozes as nobres justas do raciocinio, unicas que instruem e dão triumpho sem molestarem.

Para prova de que estou disposto a discutir, vou occupar-me com a continuação da gaúchada de Senio.

« *Prometto continuar — diz elle — logo que regresso, pois que para concluir a tarefa, quiz tomei sobre os hombros, inda me resta debicar um pouco o Sr. Sempronio, que tambem se metteu a criticaço, e pinoteou pela campanha da litteratura, para mostrar ao vivo como comprehende o cavallo do Gaúcho.* »

Duas observações :

1.^a Senio não abandonou ainda o estylo equino. Vae-lhe a phantasia tão recheiada de visões hipicas, que as imagens que lhe occorrem não são de outro genero. *Pinoteou* pela *campanha* da *litteratura*. Que gentileza de metaphora ! A *litteratura* convertida em *campanha*, onde se *pinoteia* ! É da mesma ordem da civilisação que *babuja*. Descobriu-se o Chiarini da *litteratura*.

2.^a O que eu disse foi como comprehendia o cavallo *do pampa*, e não o cavallo *do gaúcho* ; são idéas bem differentes. É preciso que Senio, por

amor de si mesmo, tenha presente o seguinte : que á improbidade litteraria dos *palestresiros* jesuitas deveu Pascal em grande parte o seu majestoso triumpho.

Accrescenta o nosso fidalgo oppositor :

« Ora, Sr, Sempronio ! Vá esbrugar os seus indios do Jaguaribe, e quando lhes tiver tirado o cascão, etc. »

Boa duvida ! Grande achado !

Que os taes *indios* tinham cascão, e do mais espesso, foi o autor o primeiro que o declarou, alto e bom som. Leiam a nota 1ª no final do vol. 1º.

Sempronio, provinciano bronco e obscuro, nunca pretendeu ser tido por grande cousa, por formador de escola, litterato inatacavel, philologo inerrante, sabio illuminado. De taes velleidades não se accusa. Escreveu, garatujou aquillo por mero desenfado. E ficará em excesso agradecido ao pio leitor, ao proprio Senio, se se dignar indicar-lhe os erros, porque não sendo elles irremediaveis, promette tentar emendal-os conforme puder na 3ª edição, caso resolva dal-a. Chateaubriand, docil ás lições dos criticos, nunca se desprezou de corrigir suas obras. É elle mesmo quem nos confessa que, sendo reimpressa a *Atala* onze vezes, se confrontassem essas onze edições, apenas encontrariam duas inteiramente simi-

lhantes. É que pelo menos dez vezes, a *Atala* teve *casção*. Antes quero pensar com Chateaubriand do que com Senio (perdôe-me elle a preferencia), que emperrou, emperrou.

Sempronio estava uma vez muito caladinho no seu canto, quando recebeu o 1º numero da *Republica* (diario que se publica n'essa côrte) trazendo um formoso e obsequiosissimo juizo critico sobre os *indios*. Era da penna do Sr. Silva Maia, cavalleiro que o autor não tinha nem teve ainda a fortuna de conhecer.

O Sr. Silva Maia, julgando da acção, dizia o seguinte :

« É esta porventura um pouco arrastada e longa, e interrompida não poucas vezes por incidentes, talvez alheios ao seu movimento e desenvolvimento, etc. »

Sempronio toma o livro, folheia-o, medita, e conclue confessando á sua consciencia, como ao publico o declara agora, que o Sr. Silva Maia tem carradas de razão. Eis-aí.

Acceitar com reconhecimento e gaudio salutaes instrucções e advertencias, por mais elevada que seja a posição que se occupe, sempre foi proprio do escol dos espiritos. O que me parece triste, e das mediocridades desabridas, é perseverar voluntaria e obstinadamente no erro por amor de preconceitos vãos.

O mundo é uma escola, onde se pratica, não o elogio, senão o ensino mutuo, com esta circumstancia porém — que não ha *magister super omnes*.

Firme n'estes principios é que Sempronio irá tambem esbrugar e dissecar a *Iracêma* e a *Diva*, que, segundo alguns, teem molestia na pelle (elephancias de estylo), e, segundo outros, talvez mais bem avisados, o principal defeito está em alguma mielite ou alguma viciosa disposição da espinha (destemperos de acção e de caracteres), d'onde vem os corcovos e as suturas osseas, que lhe dão a figura de monstregos.

Notarei : nas delicadas operações, que vou continuar, nunca os erros, as fragilidades, os arru-bos disformes, os caprichos frivolos do autor farão Sempronio deixar de ter para com Senio as attenções devidas á sua idade, posição social, admiraveis talentos, illustre pessoa, e particular caracter. Senio precisa mais de ter quem lhe diga certas verdades proveitosas do que de pão para a bocca. Hei de dizer-lh'as, apoiado na minha boa fé, em meu desinvoldido espirito de rectidão.

Não é de hoje, não é no interesse de quem quer que seja, que reajo em nome das lettras nataes. As minhas cartas sobre o *Gaúcho*, posto que só agora publicadas, foram escriptas ha perto de um anno, e, o que é mais, estiveram todo este tempo ahi na côrte. Sei que de tudo isso tem Senio noticia.

Repito : estou plena e profundamente convencido de que, procedendo assim, presto serviço ao Brazil. A critica, que se preza de justa e independente, é inquestionavel agente do progresso ; põe diques (deixem lá falar) aos extravasamentos das imaginações superabundantes, alimenta e aguça os estímulos productivos, apura o licor das boas fontes sem estancar-as.

Não são mais brasileiros do que eu, os que só teem o incenso que embriaga, e nunca uma palavra de judiciosa e firme admoestação. Muita vez o applauso é desserviço, e quando perenne, converte-se em nojenta e nociva idolatria. Admira que os mesmos que alardeiam querer espancar o chamado *fetichismo politico*, estejam alimentando o *fetichismo litterario*, real, funesto e enervador.

Serão da injustiça mais injuriosa e acerba, se me tacharem de iconoclasta de imagens da terra ; o que faço é, do fundo da minha obscuridade, apontar a eiva ao idolo, e pedir que o reparem, para que não caia aos pedaços.

Quem souber commover-se e orgulhar-se com as grandes cousas da patria não o ha de saber melhor do que eu ; estão enganados ! Quando J. de Alencar, simples neophyto nas letras, escrevia desabridas *cartas* contra um Brasileiro, em todos os sentidos illustre e respeitavel, verdadeira gloria do Brazil, o conselheiro Gonçalves de Magalhães,

alguem o chamou de *iconoclasta de imagens da terra*? Pelo contrario : houve de sobra quem o applaudisse e acoroçoasse. É' que ha homens que nascem sob um signo inteiramente feliz : J. de Alencar é d'estes.

Pois bem : não faço mais do que seguir o edificante exemplo de J. de Alencar.

Fico com o escalpello sobre a *Iracêma*.

Teu amigo e admirador sincero,

SEMPRONIO.

CARTA I

Meu respeitavel amigo :

Visto que estas cartas se devem entender continuação das outras sobre o *Gaúcho*, não me deterei em nova exposição de motivos. Encontrarás nas primeiras com que supprir a deficiencia das ultimas. Entro, pois, sem mais tardança na materia.

Representa o *Gaúcho* o ponto extremo da decadencia de Senio até hoje.

D'entre todas as obras da serie que encetou sob o novo pseudonymo, nenhuma, quanto a mim caracteriza melhor o esvaecimento das illusões juvenis ou viris, a sua litteraria senectude.

Acha-se o autor de tal fórma identificado com este sentimento, tão regelada, despovoada e erma conhece a sua phantasia, tão decrepita a flor dos sonhos outr'ora vivazes e resplandecentes, — que

o appellido que adopta é o de *Senio*. Confessa-se velho, quando a litteratura natal tinha o direito de o suppôr moço ainda. Triste destino o da patria !

Estas nossas conjecturas não são arbitrarías. Deprehendem-se das phrases repassadas de angustia, de acerba descrença que precedem a *Pata da Gazella*, e se repetem *ipsis verbis* no *Gaúcho*, e talvez se reproduzam ainda *ipsis virgulis* no *Til*, pomposamente annuciado e com antecedencia applaudido como um primor. Dir-se-hia que o autor, persistindo em não desligar das obras tão solemne e significativa confidencia, quer fazer crer que o sopro, que acaba de lhe crestar as mais intimas e pulchras illusões da phantasia, desceu-lhe devéras certo ao coração, onde foi afogar-lhe a fé mais viva, e derrocar-lhe de uma vez para sempre os mais esplendidos e agigantados castellos !

Mas se o *Gaúcho* exprime o ponto extremo, a *Iracêma*, com que me vou occupar, é, pelo contrario, o ponto de partida da quêda do astro, que descamba em marcha rapida para o occaso, quando não espargira ainda luz sufficiente para que se presumisse ter já chegado ao zenith.

Não encontraremos, pois, aqui aquella copiosa messe do *Gaúcho*, capaz de fazer, por si, a eterna fortuna de um vindimador habil, paciente e des-

frutador. Todavia teremos já muito que respirar. O campo promette.

Qual a razão da differença de feição e de organização, entre os dous filhos do mesmo progenitor? Explica-se bellamente : são seis annos antes de decadencia que vão do primeiro ao ultimo.

Este, posto que ataviado das lentejoilas de um estylo deslumbrante e fallaz, logo á primeira vista é a mole de disformidade, que nada póde disfarçar ou illudir, porque o volume é descommunal e enorme. Com o primeiro já se não dá o mesmo; é preciso que o observador consciencioso se approxime de perto, e estude aquelle character esquisito e todo de mera criação phantastica. Mas não vacilleis, receiando acaso não achardes com que cevar a boa critica. Pelo contrario encontrareis sem grande custo as tortuosidades ou as depressões da debil e pallida creatura.

Sabes, meu amigo, que a *Iracéma* tem a pretensão confessa de realizar o typo da poesiabrazileira! O autor, na carta final dirigida a um amigo, assim se exprime : « *Este livro é, pois, um ensaio ou antes amostra. Verá realisadas n'elle as minhas idéas a respeito da litteratura nacional, achará ahi poesia inteiramente brazileira, haurida na lingua dos selvagens.* »

Se a carta precedesse a obra, o leitor entendido teria de cair das nuvens, lendo esta. Ella importa-

ria o esmagamento formal da expectativa concebida com a pomposa promessa do autor.

Como, porém, a carta segue o volume, e só pôde ser lida quando já o leitor deve ter formado idéa mais ou menos aproximada d'esse poema *in anima prosaica*, involuntariamente sobr'estará, e attonito e perplexo inquirirá a si mesmo :

« — Pois é esta a poesia eminentemente brasileira, offerecida como padrão de belleza e de verdade? »

Não se dissipam as mil hesitações. O leitor fecha o livro e perde-se-lhe a mente n'um mar de conjecturas. O que elle sente distinctamente é que tem o espirito cançado e oppresso, depois da leitura da obra-modelo.

A poesia do selvagem deve ser simples, e aquella é um artefacto de multiplas combinações.

Deve ser singela, e aquella ostenta vaidoso aparato.

Deve ter certo cunho de energia, certa expressão de braveza, e aquella tem a feição e o requebro de uma poesia flaccida e feminino.

Deve ser espontanea, desigual nas suas fórmas, e aquella é forçada, que se mede e bate a compasso.

Deve arrebatar, e aquella acabrunha e prostra o espirito.

Como! Pois alli pôde estar o selvagem brazi-

leiro? Em vozes taes a sua linguagem? N'aquella tibieza a sua masculinidade? N'aquelles frigidos os seus fogosos sentimentos?

A *Iracêma* foi localizada nos sertões do Ipú, d'aquem Ibyapaba. Deixando, portanto, a savana, parece que tive de dar um salto mortal: não é assim, meu amigo?

Pois nem por isso. A transição foi facil, embora desnatural. Os extremos tocam-se.

A impressão, que experimentei, ao entrar no pampa, segundo os desenhos desvairados de Senio, foi a de quem penetrasse n'um cemiterio. Lombrome até que Senio compára a savana com a vasta *lápida*.

E sim. Surprehende-se ahi a raça humana rebaixada á ultima degeneração animal — abysmada, desaparecida, morta. O pampa é uma necrópoli.

Se, porém, das solidões do pampa retrahindonos um pouco vamos ter ás solitarias florestas e planicies dos tabajáras, o espectáculo muda, a impressão é diversa, sim, mas congenita. As extensissimas paragens que rios bordam e florestas delimitam, figuram leitos de um hospital immenso, sombrio e merencorio! Contempla-se alli seis annos antes, ainda a raça do homem, victima de morbidez e consumpção.

Ora entre o hospital e o cemiterio só ha um passo:

« *Bem poucos passos vão da vida á morte* » diz o poeta. O que ha de notavel a fazer aqui, é dar esse passo... para traz.

E sim. Nas savanas austraes, homens e cavallos identificam-se, confundem-se, vasam-se uns nos outros ; nas extensões do septentrião os homens, posto que selvagens, o que quer dizer — a personificação do arrojo, da petulancia, do ardimento da correnteza ou do vórtice — tresandam a effeminação e a molleza e não são mais do que a negação completa da gentileza tradicional de Ararigboia ou de Jaguarary !

Resumamos : Da raça colossal do norte fez J. de Alencar um... enfermo; da raça esculptural do sul fez Senio um... cadaver ! O que resta — dize-me tu — d'essas immensas e originaes grandezas, d'essas pomposas e estupendas herculeidades, nunca assaz exaltadas, do Brazil ?

Tão intensa e verdadeira é a pena que me punge, ao meditar um pouco sobre estes estranhos caprichos da sorte, que a afflicção me vence e cae-me a penna da mão.

SEMPRONIO.

CARTA II

Volto ainda á faíña trazendo o animo contristo. Como porém, o caso é de consciencia, tudo soto-ponho, e vou para diante.

Disse-te na minha precedente (se bem me lembro) que na *Iracêma*, o absurdo, o paradoxo, quer de substancia quer de fôrma, não fere logo a vista, como no *Gaúcho*. Ter-me-hia acaso enganado?

Affigura-se-me que o autor não passava ainda então por cima de certas decencias litterarias. *Guardava as apparencias*. Como que lhe fazia peso uma cousa que se chama — *opinião*, que elle se interessava antes em attrahir para apoio seu, do que diligenciava concitar em seu desfavor.

É que a sua reputação não estava consolidada. Aquelle nome ainda não era um prestigio, um oraculo, como hoje. Os creditos, que se esboça-

vam, podiam ser varridos e apagados pelo sopro de qualquer accommettimento feliz. Não existia o forte partido, que mais tarde apavorasse e tornasse *in limine* impossivel a manifestação de toda critica, por mais espontanea e consciênte de sua serventia que fosse. Por isso refreava o autor, como podia, as petulancias da insolente phantasia.

Tenha, porém, o leitor da *Iracêma* olhares desinteressados e perscrutadores, e attente para estas flores magicas ; ha de perceber o fervilhar do verme, ameaçando corroer-lhes a juvenil corolla.

A planta está em plena primavera, e no seu matiz se adivinham pégadas do anticipado outomno. Mais tarde nos primeiros fructos, conhece-se que já trabalham estragos de corrupção. Aquella, deslumbrante florescencia, aquelles fulgidos pomos não passam de productos de uma vegetação, cuja seiva, uma vez em contacto com os gazes deleterios da trefega phantasia, principia a contaminar-se.

O escriptor propende para a aberração ; a enormidade o tenta. Queres a prova ? Eil-o mais logo a offerecer-nos na donzella do salão selecto a creação brutescas da amante que esbofeteia o objecto das suas affeições, e a quem só verdadeiramente ama depois que se sente por elle injuriada e aviltada, depois que d'elle apanha, como se fôra

vil escrava — é a *Diva*; ou então um pé nojento, abominavel, immundo, servindo de protogonista da obra, causando horror e asco ao pio leitor, e que dirias uma baixa miniatura excogitada do Quasimodo — é a *Pata da gazella*; ou então o hippocentauro chato, informe, indecoroso, repulso, como typo de costumes brazilios — e temos finalmente o *Gaúcho*.

Eis-nos na actualidade. O escriptor tem chegado à phase mais coruscante e mais elevada do seu imperio de vaidade e anomalia; isto é, tem attingido o periodo decisivo da mais formal decadencia.

É o chefe da litteratura brazileira, um *genio* talvez, porque crea a torto e a direito, seja o que fôr, não importa o que; crea visões; crea deformidades; crea uma linguagem nova; crea vocabulos já creados, velhos, encanecidos! Quando eu leio que no seculo XVII a primeira condição do candidato a *genio* consistia em quebrar copos *na taberna do deboche*; que no seculo XVI o *homem de genio* esgrimia maravilhosamente, embriagava-se todos os dias, e sujava de tinta e de vinho as paginas do seu Pindaro; quando leio que Molière, Calderon, calmo e sereno, prazenteiro e modesto, Cervantes ingenuo e natural, Shakespeare, que não o era menos, não realisava, nenhum d'elles, o typo do *genio*, e a « todos se

fechavam ultrajantemente as portas da gloria » comprehendendo então que se possa no seculo XIX ser tido como tal, por pintar-se a natureza inanimada com a feição da imbecilidade ou da loucura ; por fazer-se de grandiosas e gigantes raças vis caricaturas ou repugnantes monstros ; por converter-se a lingua mais opulenta n'uma saccola de pedinte !

Estamos em pleno imperio dos Marc Lasphyse, dos Dubartas, dos Jodelle « triste innovador, adorado do seu tempo. » Com este Jodelle *innovador e adorado do seu tempo*, bem se vae parecendo J. de Alencar.

Hoje em dia entre nós, o candidato a genio deve fazer versos escabrosos e horripilantes, comedias hybridas, discursos tumidos, anasarcos, romances loucos. O que se exige de mais peso, é certo apparente arranjo na estructura para illudir os incautos, e poder, impune e liberrima, cabecear á vontade a idéa mais paradoxal. Os romances, repassados de sabor local, adubados do mais fino sal attico, sensatos, naturaes, moralisadores, que são uma fiel photographia da nossa sociedade, esses com que cada dia nos dota a penna habilissima de Macedo, não são da iguaria, que mais gratifica o paladar. E o Brazil tem um patriarcha e uma litteratura ! O que o Brazil infelizmente tem é um baixo imperio nas lettras. Isto sim.

Admira-se, exalta-se a imaginação de J. de Alencar. Admiravel é, não ha duvida ; agora exaltavel, isso é que não.

Deve-se festejar e applaudir a imaginação que reproduz com encantos novos e novas vivacidades os grupos, os accidentes, as attitudes, as scenas da natureza ; que faz esses grupos interessantes, esses accidentes pittorescos, essas attitudes graciosas, essas scenas animadas e felizes. Isto é imaginar, no uso rigoroso e didactico da expressão. D'ahi vem que, quanto mais se apropria o escriptor dos matizes variados da criação, ou das sensações e phenomenos da vida, e tanto mais fielmente os retrata ou reproduz, impregnados do cunho da sua pessoal idealisação, tanto mais se diz ser elle *original*, tanto mais *genio*.

« Abusa-se da elasticidade de linguagem, quando se ousa falar de *intelligencias creadoras*. Em definitiva não ha criação ; reproduzir, imitar, eis quanto nos cabe. Se Homero, Cervantes, Ariosto, Byron, tivessem vivido encerrados n'um ergastulo, o que teriam podido imaginar? Que criação teriam dado ao mundo? » Logo, a natureza em primeiro lugar, e depois, complexa e completa observação — eis os dois elementos, as duas possantes azas do genio.

É consequente com estes principios que o escriptor define a memoria na esphera da esthe-

tica « — thesouro de lembranças, cuja indigencia importa o que se chama o *idiotismo*, cuja confusão dá em resultado a *extravagancia*, cuja riqueza e plenitude constituem o *genio*. »

Não sou relógio de repetição, como dizes tu ; mas nunca é ocioso adduzir certas considerações adequadas ao assumpto. Perdôa, pois, a diffusão.

Paulo e Virginia é um monumento na litteratura, justamente porque o theatro descripto, e amor sonhado, a ingenuidade, a pureza, o devotamento dos typos estão na propria natureza, dentro das suas amplissimas raias e multiplas possibilidades.

Atala é um primor, justamente porque os sentimentos, os suavissimos entrecchos, a paixão placida e morna, as manhãs e as tardes bravias e bellissimas, a expressão particular dos caracteres, a feição geral do conjuncto, tudo é condigno e proprio do mundo e das circumstancias do assumpto, que faz o poema.

O *Guarany*, de J. de Alencar, agrada algum tanto e interessa ao leitor, justamente porque as descripções parecem brasileiras. A natureza allí não pecca por tão demasiado artificial, como no *Gaúcho*. O leitor acha no indio modos, brio, imperterrito valor, sagacidades e recursos varios, dedicação sem limites, que não destoam de uma raça, que as florestas embalaram no seu berço

liberrimo de trepadeiras e de folhagens, que os calores do equinoccio retingiram, e a cuja tempera os riscos das vicissitudes, as emboscadas do inimigo ou da fera, as conspirações da natureza deram a tensão mais apurada e ampla.

Pery parece-se com o Indio do Brazil. Ressumbram do seu todo, que é o ponto commum entre duas nacionalidades, da mesma sorte que a *Evangelina* de Longfellow, energia barbara e affectos, digamo-lo assim, cultos, que encantam. Selvagem, realisa o prodigio; adventicio de uma sociedade civilisada, pratica virtudes limadas.

N'esse tempo o demonio da vaidade não tentára ainda J. de Alencar. Elle não pretendia então, (pelo que parece) conquistar nomeada senão como escriptor de cunho nacional, e não a de genio *creator*, no sentido em que alguns hoje o consideram e que é licito ajuizar pelas suas ultimas obras. Tinha, seguramente, por muito honroso e acertado voltar-se para o espectaculo grandioso da natureza, e pedir-lhe alguns traços de seus paineis de eterna poesia, alguns ligeiros matizes da sua pomposa e perenne efflorescencia.

Eis que uma nuvem de desgraça empana esse nome e a face resplandecente da litteratura natal, que espargira tão auspiciosos brilhos. O escriptor, longe de cultivar a mina, que a natureza tornára capaz de enriquecer um mundo, longe de exerci-

tar-se e aprimorar-se no genero, despreza-o, talvez por consideral-o sedição ou commum ?

Franklin, Washington, Jefferson, Governador Morris, Quincy-Adams, teem medo da imaginação « dom magnifico e perigoso. » « Em face das verdes savanas, das florestas virgens, dos lagos que são mares, dos rios cujas margens escapam á vista, as masculas virtudes dos heroes puritanos engrandeceram, e sua imaginação permaneceu muda. » J. de Alencar, porém, espirito então ainda novo, ainda não feito, e quiçá inexperiente, dá costas á mansão virgem, que nada pôde egualar na sua majestade esplendorosa, e deixa-se arrastar para o ponto procelloso — indicio certo de proximo e cabal naufragio — com que lhe acena o clarão carregado da turbida phantasia. Sua primavera foi fugaz. O *Guarany* não tem irmão. As faculdades creadoras estão embotadas e corrompidas; José de Alencar está *Senio*.

Quando correu que elle tinha em mãos uma obra destinada a dar o padrão da poesia *verdadeiramente brasileira*, os leitores, que o haviam apreciado no *Guarany*, tiveram de sentir grata commoção.

Pareceu-lhes que o typo não estaria muito longe; só, sim, despojado, estreme de toda mescla de elemento estrangeiro, a coisa realisaria o puro ideal da poesia nativa. A decepção foi tão esma-

gadora, quando appareceu a obra, como lisonjeira tinha sido a expectativa alimentada durante a desesperadora gestação.

Se por litteratura nacional se deve entender aquella em que « se reflecte o character de um povo, que dá vida ás suas tradições e crenças, a harpa fremente em cujas cordas geme, como um sopro, a alma de uma nação, com todas as dôres e jubilos, que, atravez dos seculos, a foram retemperando ; » se « cada povo tem suas paixões como cada individuo, e essas paixões constituem a alma de cada poesia ; » parece de bom aviso, que o candidato a realisador do typo da litteratura *propriamente brasileira*, quando já não era possivel estudar no vivo as paixões de uma raça quasi desaparecida, ou, pelo menos, decaída da sua primitiva grandeza, se voltasse para a historia e para o estudo dos mestres, feito sobre o Indio colonial, e d'ahi apanhasse a expressão complexa e fiel d'este, seus costumes, suas inclinações, sua poesia emfim.

Já havia alguns modelos realisados sobre o thema indigena. Santa Rita Durão, Basilio da Gama, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, tinham quasi todos batido nas mesmas sendas. Não, não podiam haver tomado a nuvem por Juno esses illustres engenhos, alguns dos quaes tiveram occasião de estudar o Indio em original. Podiam

falhar ou desvairar-se os pormenores, nunca porém a essencia, de modo que devesse ser condemnada a velha escola como apocripha.

Dir-se-hia, pois, com justo fundamento que a escola estava inaugurada, a incognita descoberta, resolvido o problema. Fôra licito acreditar que não restava n'este ponto, a quem ambicionasse colher novos laureis para si, e proporcionar novo realce á patria, mais do que alargar esses caminhos, afastar o mais possivel esses horisontes, para que surgisse na maxima plenitude a inexaurível mansão de encantos. Não é o que faz J. de Alencar.

Principia, contrapondo-se aos mais autorizados mestres. Sem nunca haver tido occasião de estudar efficazmente o elemento de que se presume conhecedor, nutre a vaidade de suppôr que achou o character d'este na sua mesa de estudo e sem duvida mediante os subsidios, devidos aos mesmos escriptores, contra os quaes rompe.

« O conhecimento da lingua indigena é o melhor criterio para a nacionalidade da litteratura, » diz-nos elle na sua carta final. Ora, como ha de conhecer essa lingua quem não penetrou nas tribus, quem não se achou em contacto com o povo, quem a não estudou nos tempos primevos, porque era impossivel fazel-o, nem mesmo nos tempos actuaes em que já o verdadeiro character indigena

decahiu e se corrompeu? Ha de forçosamente estudal-a nas obras e dictionarios que nos deixaram os nossos predecessores. Pois bem: elle acha que « de quantas producções se publicaram sobre o thema indigena, nenhuma realisava a poesia nacional; » e quanto aos dictionarios é o primeiro a tachal-os de « imperfeitos e espurios. » Ao proprio G. Dias nega o condão de realisador da poesia americana. Diga-nos quem puder e quizer: onde foi J. de Alencar buscar esse molde de poesia selvagem, fóra dos dictionarios, que « são espurios, » fóra das producções publicadas, que « não a realisam, » fóra dos modelos dos mestres que « só exprimem idéas proprias do homem civilisado, e que não é verosimil tivesse no estado de natureza? » No seu gabinete de improvisador.

Ah! justamente por não havel-o encontrado em parte nenhuma foi que elle adoptou e nos offereceu como o verdadeiro padrão essa poesia pedantesca e diffusa que se esparrama nas paginas da sua *Iracêma*.

Meu amigo, estou-te escrevendo estas cartas por honra da firma. Se já m'ò promettêra a mim mesmo, e se ultimamente t'ò prometti tambem a ti... o promettido é devido. Mas, á fé, que estudos em que só se teem de apreciar desaires e não sublimidades e formosuras, cançam afinal, e não podem deixar de levar á monotonia.

Quando rabisquei, ha mezes, as minhas cartas sobre o *Gaúcho* estava com disposição para a coisa. Tambem era a primeira ceifa, e em que campo! Era dar para a esquerda e para a direita, e cair espiga. Mas tambem pelo muito que se vindimou, sobreveiu o tédio para a repetição das operações.

Se aquellas cartas tivessem sido dadas á imprensa em tempo, já a analyse da *Iracêma*, da *Diva* e da *Pata da Gazella* estariam feitas, porque, aproveitado o bom humor do momento, um só e mesmo folego abrangerá tudo.

Mas foi o contrario. Quando eu esperava receber-as publicadas, chegavam-me noticias, dando-me formal desengano. Lá ficaram por mezes; já não me lembrava d'ellas, e tinha-as até por extraviadas (que talvez fosse o melhor).

Eis que vem a questão do elemento servil, o parecer da commissão da camara dos deputados, os discursos parlamentares de J. de Alencar, as tuas magnificas cartas a Fabricio, e finalmente as *Questões do Dia*.

Ora, durante todo esse tempo, estive eu cuidando dos meus verdadeiros interesses (que isto de letras, entre nós, não dá para mandar ao açougue) como fossem algumas questões forenses, algumas garatujas para gazetas politicas, etc. Nem me lembrava mais de *Senio*, senão como um politico, e este velho, *descrente* como elle mesmo se diz.

A inspiração do momento foi-se. Veiu depois a doença, que me forçou a retirar-me para o campo, d'onde, quando menos o esperava eu, vejo ressuscitarem no teu periodico as minhas *defuntissimas cartas*.

Foi quando tive de voltar á cidade, e agora já não pareceria de bem que eu deixasse de cumprir a palavra, que imprudentemente empenhei, a pezar de não ter « primeiro calculado das forças minimas para empreza tão grande. »

Pois bem : peço-te permissão para tomar folego e continuar na seguinte. Até lá.

Teu amigo e admirador,

SEMPRONIO.

CARTA III

A *Iracêma* teve por fim desempenhar o compromisso que o autor *commetteu* a *imprudencia* (palavras suas e não disse mal) de contrahir, quando escreveu algumas cartas sobre a *Confederação dos Tamoyos*.

Ora, a *Confederação dos Tamoyos* pretende as honras não só de poema, porém de poema *epico*. Sinto não ter esta obra, que li ha tempos, para agora averiguar a minha asserção. Quer-me, todavia, parecer que não estou em equivoco.

J. de Alencar, criticando-a, disse que « as tradições dos indigenas davam materia para um *grande* poema, que talvez um dia alguém apresentasse sem ruido nem apparatus. » Quando chegará esse dia?

Suppozeram que o autor se referia a si, e per-

guntaram-lhe varias pessoas por elle! Tanto bastou para que se mettesse em « *brios litterarios*, e começasse a obra com tal vigor que de um folego a levou ao quarto canto? »

(Vid. a *carta final*, na pag. 193.)

Depois, por certas considerações, que não vêm ao caso recordar, foi o autor levado a dar « um ensaio das suas idéas sobre a poesia verdadeiramente brasileira *in anima prosaica*. » Tal a *Iracêma*.

Pergunta-se : o que é licito conjecturar em face de todas estas circumstancias e precedentes, a saber — depois de uma critica feita a um poema candidato a *epico*, depois de uma solemne promessa de apresentação de um *grande* poema, por julgar o critico que aquelle não realisava a verdadeira poesia brasileira, e depois finalmente da amostra em prosa d'essa promettida e perguntada obra? Seguramente que esta amostra pretende offerecer ao mundo não só o typo d'aquella poesia, senão tambem o de um poema *epico* em contraposição ao que foi julgado incapaz de satisfazer aquelle *desideratum*. Com effeito !

Ha um grande nome na litteratura hespanhola — Don Juan Ruiz de Alarcon y Mendoza, que um autor colloca acima de Moratin, de Montalvan, e immediatamente depois de Lopez de Vega e de Calderon.

Era elle « *infernalmente orgulhoso* » na phrase do critico a quem peço estas noticias. Em um dos seus prefacios se leem estas memoraveis palavras allusivas ao publico (*al volgo*): « Canalha, animal feroz, dirijo-me a ti; nada digo aos gentis-homens, que me tratam melhor do que desejo; entrego-te as minhas peças; faze d'ellas o que fazes das boas coisas — sê injusto e estúpido, como é teu costume. Ellas te encaram e te affrontam; seu desprezo para comtigo é soberano. Se as achares ruins, tanto melhor — é que são boas. Se te agradarem, tanto peior — é que para nada prestam. Paga-as, e folgarei de te haver custado alguma coisa. »

J. de Alencar dá poemas e romances *de costumes*, sem ter estudado a natureza nem os povos, e condemnando além d'isso os estudos dos mestres e os dictionarios existentes, que chama « *espurios*. » Essas obras, elle as dá do fundo do seu gabinete, assim a modo de quem expede *avisos* para um imperio inteiro. Especies de *encyclicás litterarias*, trazem o cunho da autoridade dogmatica e infallivel: são materia de fé. Houve de certo immensa modestia, quando nos disse que a *Iracêma* era uma experiencia ou amostra. É que foi isso ha seis annos antes a esta parte, e *tempora mutantur*. Hoje, com a sem cerimonia de quem conhece o terreno onde pisa, suas palavras para com

o publico seriam talvez estas : Canalha imbecil, corja de idiotas ou de boçaes, que só tens tido um *laus perennis* para os meus caprichos, a minha fatuidade e as minhas aberrações, toma lá esta... *Iliada brasileira*. Os que conhecem os meus erros e defeitos tratam-me melhor do que seria para esperar. Graças ao seu silencio, filho do pouco caso ou da cobardia, a minha reputação panica transpôz já os umbraes da posteridade, e perde o tempo ou é parvo quem tentar apeaar-me do meu pedestal. Paga tu a obra, e elogia-a por toda a parte, como tem sido teu costume. »

Haveria n'estas amabilidades alguma coisa parecida com as de Alarcon, mas só n'isso pareceria com este o J. de Alencar, porque o autor hespanhol era de tanto genio, que Corneille vasou o seu *Menteur* no molde da *Verdad Suspechosa*, obra que denomina « a maravilha do theatro, e para a qual não se acha, como elle diz, nada comparavel, quer entre os antigos quer entre os modernos. » Infelizmente as coisas são muito diversas, em relação ao caso actual. O Brazil de hoje está tão distante da Hespanha do seculo XVI, e do seculo XVII, quando fornecia assumptos á Italia, á França, á Inglaterra, a Corneille e a Shakspeare ! O nosso compatriota, posto que muito illustre e respeitavel, está tão afastado physica, chronologica e litterariamente de Alarcon ! E depois accresce :

J. de Alencar não teria razão para se queixar do publico : só Alarcon — perspicaz e profundo — desconfiaria d'esse perenne acolhimento ás suas obras. Desçamos ao nosso assumpto.

Tu, que és mestre e entendes tão bem da coisa como nem ousos pretendel-o eu, achas que a poesia brasileira tenha encontrado o seu ideal na *Iracêma*?

A poesia de um povo, que fazia das guerras sua principal, senão unica, fonte de paixões, não podia ter essa expressão de flaccidez e de languor, que faz a feição completa da obra citada.

Anhelos tumultuosos, affectos desenfreados, prazeres lubricos, sensações intensas e bravias, costumam traduzir-se em linguagem de outra posança; isto é o que nos parece dizerem o senso critico e o estudo das primitividades de todos os povos do mundo. O poeta, interprete d'essa poesia, não tem mais que apanhar o colorido ardente, e com elle velar as impudicicias ou as fealdades da natureza brutal.

Cumpré mais accrescentar que a fôrma de tal poesia, particularmente bebida na fonte grosseira dos sentidos, devia tender mais ao plastico, ao material, do que a uma idealisação que de modo nenhum cabe em semelhante natureza. Um moderno archeologo e sabio inglez, Lubbock, estudando os costumes dos aborigenes da America do Norte,

diz que o « estylo da sua musica é magro e sem arte. » Sabe-se que a monotonia faz tambem um caracteristico das festas, das danças e dos cantos dos selvagens em geral; e com relação aos do Brazil, é facil deprehender do que dizem os competentes, que tambem era traço distinctivo da sua linguagem certo cunho de varonilidade, repercussão do estylo com que celebravam suas paixões tumultuarias.

Só duas fontes vejo onde o poeta achasse para beber o caracter da poesia brasileira, a saber: *specimens* na propria lingua vernacula, ou, na falta d'estes, o dizer dos historiadores. Ora, a primeira é sabido que nos falta; não só os Indios não escreviam, mas tambem quem o podia fazer « não se deu ao trabalho de recolher ou verter em lingua portugueza os canticos dos Indios » como diz um litterato contemporaneo. Resta, portanto, a segunda, que, longe de autorisar, condemna a pertensa escola, inaugurada por J. de Alencar.

Em verdade, basta uma interpretação aproximada da historia para vermos a medida d'essa poesia. Um povo dado principalmente ás lutas violentas, d'onde derivava os seus mais assiduos passatempos e labores não havia de sê-la frouxa e debil, quando é certo que a poesia é o reflexo mais animado, firme e substancial das paixões de um povo.

Mas o que nos dizem os historiadores? Vejamos.

Simão de Vasconcellos diz, — tratando dos cantos : « Cantam no mesmo tom arengas de suas *valentias e feitos de guerra* com taes assobios, palmas e pateadas que atroam os valles. »

Ferdinand Denis diz, occupando-se com o mesmo assumpto : « Cantavam alternadamente as suas *façanhas* em tom grave e compassado. » E referindo-se a uma certa dança accrescenta que « do seio da multidão se levantava um côro harmonioso, que *celebrava a gloria* dos antepassados e incitava os *bravos* a novos *feitos* de honra. »

Verdade seja que G. Dias nos observa : « Entre os *Tupys* era tudo musica e poesia — o nascimento e a morte — a guerra e as festas — o amor e a religião — a linguagem e a vida — era tudo poesia... Na sua linguagem harmoniosa e quasi toda labial, travada e intercalada de vogaes — imitavam o ciciar da brisa a correr sobre as ondas espalhadas do oceano, a agitar levemente a igára derivando á tona d'agua, e a enredar-se pelas folhas dos bosques, que aromatizam o littoral. » Para apoiar esta opinião declina a de diversos autorizados escriptores, como o padre Figueira, Laet, Vasconcellos, Du Montel, os quaes todos são acordes em que a lingua geral era muito rica, suave e elegante.

Devo entretanto produzir duas rapidas observações.

Primeiramente, historiadores tambem ha, não menos abalisados, que, no dizer de D'Orbigny, suppõem que « quasi todas as linguas americanas eram pouco extensas, grosseiras, e careciam *absolutamente* de termos para exprimir um pensamento, uma idéa *delicada*, ou mesmo a paixão. » Se coubesse nos estreitos limites de uma carta, escripta de relance, algum desinvolvimento sobre materia sem duvida transcendente, eu reproduziria com Lubbock, Forster, Ellis, Cook, Kolben, Thunberg, Harris e muitos outros, factos e considerações que avigoram esta opinião.

Em segundo logar direi que, mesmo admittida a opinião esposada por G. Dias e pelos outros citados historiadores, essa suavidade, opulencia e elegancia, longe de se contrapõem á these, que resalta da historia, mais a accentuam e corroboram. Quanto mais opulenta e elegante fôr a lingua, tanto mais em condições de ostentar fidalgura e gentileza, quer de fôrma, quer de essencia. E tanto assim é que o proprio G. Dias não vasou as suas poesias americanas em outro molde.

Se dos cantos passamos ás dansas, o que vemos? Refere o proprio Dias : « Essas mesmas dansas não eram mero exercicio de força ou simples distracção. Simulavam (os guerreiros) nos passos

choreographicos, já o caçador..... em attitude *viril e ameaçadora*.... já, mais energicos, imitavam *combates* de homem contra homem, em que se succediam as palavras aos *golpes*, etc. » Confirmando esta affirmativa, ajunta F. Denis : « Era antes (a mais solemne das dansas) uma cerimonia *marcial* que uma dansa propriamente dita. »

Eis, pois, ainda aqui caracterisada a poesia selvagem pela energia e fortaleza, que embutiam, digamol-o assim, na linguagem, nos gestos, nas acções, as diversas fórmas, sempre elevadas, de decantar assumptos grandiloquos, como as batalhas, os convívios em honra das barbaras proezas, os exercícos e noviciados bellicos.

Penso, pois, assim : ou a poesia tivesse de exprimir motivos de essencia epicos — as lutas giganteadas, as glorias marciaes ; ou motivos melodramaticos, os prazeres eróticos, as magnificencias da natureza enanimada, os encantos da vida florestal ; ou de referir-se ás suas praticas e crenças religiosas — em qualquer d'estes casos ser lhe-hia impossivel abstrahir do cunho de vivacidade, do colorido vigoroso, proprio do sentimento universal de braveza e do modo geral de dizer que especialmente os assignalava e que era como as tintas predominantes de todos os seus phenomenos sociaes e moraes.

Pensando assim estou de acordo com os dois

primitivos patriarchas da poesia brazilica, Basilo da Gama e Santa Rita Durão, e tambem com os grandiosos engenhos do Dias e do Magalhães, que nos tempos actuaes tamanho impulso deram á escola nascente, apezar de ser de data colonial. O Dias foi infatigavel, verdadeiro propagador d'essa escola, que cultivou como o sacerdote mais estrenuo, autorizado e feliz. É elle indisputavelmente o nosso primeiro poeta, e difficilmente terá um successor que se lhe aproxime, se a ingrata sorte arrebatat cedo á patria o estro magico de Fagundes Varella, que, no meu fracoentender, é o vate mais genuino, opulento e mavioso da moderna pleiade nacional.

Ora, se pego agora mesmo do *Uruguay* e o abro ao acaso, o que encontro? É o ponto em que o Indio, Cacambo, se apresenta ao general como parlamentar. Ouçamol-o.

« Ó general famoso,

« tu tens á vista quanta gente bebe
 « do soberbo Uruguay a esquerda margem.
 « Bem que os nossos avós fossem despojo
 « da perfidia de Europa, e d'aqui mesino
 « co' os não vingados ossos dos parentés
 « se vejam branquejar ao longe os valles,
 « eu, desarmado e só, buscar-te venho.

.....
 « As campinas que vês, e a nossa terra
 « sem o nosso suor e os nossos braços
 « de que serve ao teu rei? A qui não temos

« nem altas minas, nem os caudalosos
 « rios de areias de oiro.

« Pobres choupanas, e algodões tecidos,
 « e o arco, e as settas, e as vistosas pennas
 « são as nossas phautasticas riquezas.

« Que mais queres de nós? Não nos obrigues
 « a resistir-te em campo aberto. Póde
 « custar-te muito sangue o dar um passo;
 « não queiras ver se cortam nossas frechas;
 « vê que o nome dos reis não nos assusta. »

Mais já não quero este assumpto que podem tachar de forte em si mesmo, e vou ter a outro de diversa ordem — o amor. Abro o *Caramurú*, e não é já um guerreiro, porém sim uma simples mulher quem fala, Paraguassú, promettendo a Diogo Alvares baptisar-se e ser sua esposa :

« Esposo — a bella diz — teu nome ignoro,
 « mas não teu coração, que no meu peito,
 « desde o momento em que te vi, que o adoro:
 « não sei se era amor já, se era respeito;
 « mas sei do que então vi, do que hoje exploro,
 « que de dois corações um só foi feito:
 « quero o baptismo teu, quero a tua igreja
 « meu povo seja o teu, teu Deus meu seja.

« Ter-me-has, caro, ter me-has sempre a teu lado,
 « vigia tua, se te occupa o somno:
 « armada sairei, vendo-te armado;
 « tão fiel nas prisões, como n'um throno.
 « Outrem não temas que me seja amado:

« tu só serás senhor, tu só meu dono ; »
 « Tanto lhe diz Diogo, e ambos juraram ;
 « e em fé do juramento as mãos tocaram. »

Pois bem n'esse mesmo assumpto não ha frouxidão nem molleza na expressão ; pelo contrario : a linguagem do affecto não se deturpa, não se abastarda, não despe, nos labios da moça, da selvagem louçania sempre, em brio e garbo, na altura condigna.

Recorro ao Dias, não no lampejante *Canto do guerreiro*, não no *Y-Juca-Pyrama* modelo de pundonor e de ufanía barbara, nem no *Tabyra* eminentemente marcial e athletico, mas n'uma poesia de insinuante sentimentalismo e amor -- o *Canto do indio*. Tu bem sabes com que pujança de idéa e galhardia de linguagem o poeta exalta em notas plangentes o amor grandioso do selvícola. Ouve :

« Ó virgem, virgem dos christãos formosa,
 « porque eu te visse assim, como te via,
 « calcára agros espinhos sem queixar-me,
 « que antes me dera por feliz de ver-te.
 « O tacápe fatal em terra estranha
 « sobre mim sem temor veria erguido ;
 « dessem-me a mim sómente ver teu rosto
 « nas aguas, como a lua, retratado....
 « Passára a vida inteira a contemplar-te,
 « sem que dos meus irmãos ouvisse o canto,
 « sem que o som do boré que incita á guerra
 « me infiltrasse o valor que me has roubado. . .

« Escuta, ó virgem dos christãos formosa.
 « Odeio tanto aos teus, como te adoro ;
 « mas queiras tu ser minha, que eu prometto
 « vencer por teu amor meu odio antigo,
 « trocar a maça do poder por ferros,
 « e ser, por te gozar, escravo d'elles. »

Esta magnificencia, este primor comprehendendo eu como o echo da paixão sumptuosa do selva gem. Esta, sim, se não foi, presume-se que poderia ser a verdadeira poesia brazileira. As sensações e as idéas, os estimulos altivos como o coração, que se expandia nas lutas eternas, que as eternas solidões ainda mais solemnes e majestosas faziam, teem n'estas suavissimas, sem deixarem de ser seguras e masculas vozes, um echo fiel e íntimo, que vae coando na alma. O selvagem tupy, victima da paixão como soe brotar em animos de tal tempera, ou fala assim, ou não fala.

Quem ha ahi que não conheça a poesia intitulada — *Leito de folhas verdes* — do mesmo inspirado poeta? Aquella viração da noite, aquelle rumorejar do bosque, a mangueira altiva, a flôr do tamarindo, o doce aroma do bogari, valles e montes, lago e terra, a arasoya, a brisa da manhã, tudo nos fala da natureza virgem, e dos « *rendez-vous* no matto, tão simples e prosaicos em si mesmos, mas que não obstante deram assumpto a uma das mais bellas e graciosas composições do

Sr. G. Dias, no dizer de J. F. Lisboa. O poeta tira da paleta onde guarda as mimosas cores da sua elegante phantasia, as mais apropriadas ao desenho, e combinando-as com as amenissimas galas da natureza, entretece o sendal de variegadas illusões com que encobre o fundo material, e quiçá abjecto do motivo. O leitor haure, como um de leite, esses esplendidos versos, sabe o facto que elles decantam, facto em si mesmo *simples e prosaico*, e nem uma palavra sequer lhe vem estremecer a placidez d'esse veo de decencia e de poesia, que se diria cobrir o puro leite da innocencia. E comtudo não ha exaggeração, o minimo desvaire no quadro. As côres são vivazes, a pintura é verosimil.

O contrario se dá na *Iracêma*. O estylo em geral pecca por inchado, por alambicado. As imagens succedem-se, atropellam-se. Ha um esbanjamento de imaginação, que, desde a primeira vista, senota que está muito longe de aproximar-se da verdade; para que os personagens podessem falar assim, n'essa perenne figura, fôra preciso suppôr n'elles o talento, e talvez a cultura do proprio autor, tão custoso e trabalhado se conhece ter sido aquelle arranjo ostentoso. De repente, porém, o que succede, para ainda mais desabonar o pincel do artista? O artefacto de roupagens superfluas contrahe-se, e desnuda em

plena luz a mais deslavada materialidade. Exemplo :

Abro o poema na pag. 71. Martim tem passado a primeira noite com a India na cabana de Araken. Apezar de ter o moço « enchido sua alma com o nome e a veneração do seu Deus-Christo ! Christo ! » (como diz o autor) o seu Deus não o preservou de commetter a vilania (que a foi) na « *cabana hospedeira.* »

Depois de ter o autor contado o tal infortunio da moça, que da noite para o dia deixára de ser digna de *guardar os sonhos da jurema* e de merecer os affectos e as considerações do seu velho pae, com que chave de oiro achas que se saíria o autor para fechar este *primoroso* capitulo? Ouve :

« *As aguas do rio depuraram o corpo casto da recente esposa !* » (São textuaes.)

Considera, meu amigo, que o autor despendeu uma nota inteira, a pag. 169, em justificar a denominação de — *Acaraú* — que deu ao rio — *Acaracú* — dizendo ter « usado alli da liberdade horaciana, com o fim de evitar em uma obra litteraria, obra de *gosto e artistica*, um som *aspero e ingrato*.

Que contradicção flagrante é esta?! No trecho citado, não ha só a *aspereza e ingratidão* de um som ; ha um periodo inteiro, offerecendo ao espirito do leitor uma idéa vil, expressa por palavras

indecentes: depois da baixeza, a India foi tomar
banho no rio para ficar limpa.

Como isso é de gosto e de arte! E sobretudo,
que fina e edificante poesia!

Teu amigo certo,

SEMPRONIO.

CARTA VII

CINCINNATO A SEMPRONIO

Rio, 15 de Dezembro de 1871.

Talentoso amigo.

Onde estávamos nós? Ah, já me lembro: no *Til*. Admirá-
mos os mil modos interessantes empregados para activar a
venda do livro monumental, tão superior a qualquer outra
produção como o *til* o é ás palavras a que se superpõe.

.
É mania d'esta penna a *creação*. Tudo para elle sae do
berço, do nada, para só viver quando bafejado por seu divino
sopro. Caracol da maledicencia, baba quanto o precedeu; e
assim como, na Relação do inferno, Rhadamanto sentenciava
feitos, assim chama á sua barra os classicos, os puros, os
escriptores, os romancistas, os jurisconsultos, os estadistas,
brandindo sobre todos a ferula caricata.

Já nos proclamou que havia de ensinar o que era a poesia
brazileira, a politica brazileira, a jurisprudencia brazileira;
agora diz que nos ensina o que seja o romance brazileiro.

Conquistou o universal monopolio de todas as especialidades! . . . Teem-se visto d'estas aberrações: contam que o poeta Accio, de tão acanhadas dimensões que orçava por pigmeu, elevou, no templo das musas, a sua estatua, representando-o gigante, e dedicou-a á Eternidade.

Não é possível levar a maior evidencia que tu o tens feito, que nada ha nos romances brasileiros do Sr. Alencar que represente uma litteratura particular d'estas regiões. O pensamento de todas as obras de imaginação, nem tem patria nem paralelo ou meridiano. Pode-se sentir com mais ou menos energia, ser-se mais ou menos impressionado pela natureza ambiente, proceder de modo diverso segundo a educação ou grau de civilização; mas affigura-se-me que o homem não varia tanto como se afirma, e que o coração dos tropicos não tem auriculos nem ventriculos diferentes do das regiões polares. E todavia, concordo em que a poesia de cada zona possa offerecer materia prima especial aos respectivos productores, encanto especial aos respectivos consummidores. Applicando esta regra ao Brazil, em que deverá consistir a poesia local, a merecedora de menção, a que se não limite a uma caricatura ignobil, a que commova, instrúa e arrebate, a digna dos applausos dos entendidos e das turbas?

Parece-me que essa especialidade tem de compôr-se de muitos elementos: — a religião dos incolos, com todos os seus dogmas, liturgias, bellezas, usos e superstições — as tradições d'elles, com suas historias, lendas e mythos — a sua poesia nativa, com seus arrojos ou singelezas, com suas harmonias ou discordancias — os seus costumes, com suas generosidades ou baixezas, dedicações ou vilanias — as suas indoles, com as competentes virtudes ou vicios, dignidade ou servilismo — a sua natureza, com as peculiaridades d'ella, com os seus phenomenos, as suas grandezas, os seus rios-mares, catadupas, florestas monumentaes, e o seu admiravel reino animal, e as infindas opulencias que encerra o seio d'este magnifico torrão. Finalmente cumpre applicar a observação mais attenta ao estudo de quanto a mesma natureza

offerece proprio, ingenito, e ao de quanto a raça humana apresenta de excepcional em seu temperamento, compleição, genio, condição, tendencias e historia.

Quem não se sentir com pulso para erguer tamanho peso, não se ostente creador, nem procure naturalisar produções desvairadas, em paiz que as não conhece nem tolera. Tudo aquillo demanda muita applicação, cultura, estudo, e não certas noções superficiaes, hauridas de outiva, e tão pingues e gordas que, do mesmo modo que nas aguas abetumadas do lago Asphaltites, tudo boia na superficie, nada nada até o fundo.

Não ha n'este romance do Sr. Alencar (ao menos no que tenho lido) cousa que justifique a ambiciosa qualificação. Caracteres mal desenhados, pessimamente sustentados, descrições sempre defectivas, dialogos improprios, personagens repugnantes, linguagem muitas vezes abaixo de plebéa (não só nas falas postas em bocca das figuras, mas frequentemente nos dizeres do autor), deficiencia de senso moral e de alcance do enredo magro e descosido, effeitos mal preparados, e perenne artificio impotente. Imagina este escriptor que, por dar, aqui e acolá, os nomes de umas terras ou cousas do Brazil, dá romance brasileiro! É um venerando achaque do espirito.

Não chegou ainda o tempo de avaliarmos o romance syntheticamente, porque está no principio, e não sei de quantos volumes (de 15 paginas) virá a compôr-se. Consequentemente o que posso é chamar a tua attenção para o chorillo de bellezas de estylo, de grammatica, de sciencia, e de vernaculidade, que pullulam n'este vasto tremedal. É o que farei nas seguintes cartas.

Creio que o corollario será que ao nobre mestre conviria retirar-se da scena para aprender primeiro o muito que lhe falta, para poder ensinar. Faria bem de transportar-se para a sua soledade-charneca, ou para a sua Thebaida. Da separação de toda a sociedade ociosa sairám os Zoroastros, os Orpheos, os Epimenides, e outros famosos contemplativos, que passa-

dos alguns annos reappareceram cheios de sciencias e virtudes.
Faria bem em epimenizar-se.

Portanto para a outra vez proseguiremos na analyse mais
miudinha das façanhas linguisticas do *Til*.

Teu sincero respeitador,

CINCINNATE.

CARTA IV

Meu amigo.

Para verdadeiramente dizer-te, é esta a vez que me sinto com melhor disposição de conversar sobre a *Iracêma*. Quando a gente leu um livro, de que não gostou, atira-o para um canto, nunca mais pega n'elle ; as impressões passaram, e se pretende reexperimental-as e relê a obra, é um engano !

Isto me aconteceu com a lenda sertaneja de J. de Alencar, e admira-me que ella já me tenha dado margem a tres epistolas, das quaes algumas crescidinhas.

Não importa. Aproveito o bom humor e... conversemos.

Quando tive occasião de ler, em livro de autor estrangeiro, um benigno juizo critico sobre a *Ira-*

cêma, duas impressões me assaltaram — oppostas, postoque congenitas — uma de prazer, outra de pezar.

Se o escriptor (que reputo competente) se houvesse limitado a festejar, pura e simplesmente, o illustre nome brasileiro, e só a isso, á fé te digo que, na qualidade de brasileiro, que tambem sou, ter-me-hia exclusivamente regozijado com tão fidalgas finezas; e, sem descer a indagar se seriam em si justas ou se filhas de mera vontade de fraternisar com o, por assim dizer, co-irmão nas letras, nem mesmo de relance com ellas me occuparia na presente occasião. Sou muito cordato, e sei bem até onde deve ir o espirito de nacionalidade.

Mas não succedeu assim. D'involta com as meiguices e delicadezas, prodigalisadas a quem certamente conta titulos a attenções e acato, topicos se destacam que injustamente desfavorecem reputações feitas, em que a patria se revê com legitimo orgulho — reputações que já baixaram da região dos problemas para receberem a consagração pratica do reconhecimento, do respeito e da admiração nacional. Fôra covardia não defender esses numes, sacrificados em honra de um idolo que, se tem seu valor (o que ninguem contesta), não está comtudo na altura de merecer que se lhe immolem taes hostias.

Leem-se, por exemplo, n'esse livro, pedaços como este, tratando-se de Gonçalves Dias :

« Não conhecendo esse poema (os *Tymbiras*), não posso formar juízo sobre elle ; mas outros poemetos indianos, publicados no volume de versos do grande poeta brasileiro, edição de Leipsick, autorisam-me a suppôr que a morte ceifou Gonçalves Dias antes d'elle ter inaugurado verdadeiramente a litteratura nacional do Brazil, e que á *Iracêma* do Sr. José de Alencar pertence a honra de ter dado o primeiro passo affeito na selva intrincada e magnificente das velhas tradições. »

O Sr. Pinheiro Chagas já tem dito antes que « Gonçalves Dias e Magalhães sulcaram o formoso lago d'uma poesia estranha às regras e aos habitos europeus, mas como o cysne alvejante que só procura semear de perolas a candida plumagem, e que receia enlodar na vasa do fundo o collo nitido e correctamente airoso, a aza branca e lisa, a cabeça graciosa e fina. »

Tem dito igualmente que « desde o Caramurú de Santa Rita Durão , os poetas brasileiros teem entrevisto a mina riquissima, d'onde podem arrancar diamantes litterarios, tão fulgurantes como as pedras preciosas que resplandecem por entre as areias de Tejuco, mas até agora nenhum se empregou bastante n'essa inspiração selvatica. » E conclue dizendo que « a *Iracêma* está destinada a

lançar no Brazil as bases d'uma litteratura verdadeiramente nacional. »

É desculpavel, n'um escriptor estrangeiro (postoque de talento seductor, e postoque já tenha pisado, segundo cremos, n'estas terras brazileiras, e nos haja brindado com a sua *Virgem Guaraciaba*) cair em enganos, que bem explicam quanto ainda entre prepios irmãos está desconhecida no seu justo valor a nossa nascente, mas já accentuada litteratura. Cumpre, porém, declarar que o engano do Sr. Pinheiro Chagas é evidente, e devido talvez a impressões instantaneas, deixadas por uma perfunctoria leitura da *Carta* com que J. de Alencar fecha o seu livro.

Colhe-se com effeito do dizer do Sr. P. Chagas que os talentos, que precederam J. de Alencar na exploração da mina, coisa nenhuma apanharam ou apenas insignificancias, n'esses campos esmaltados de encantadoras galas, — n'essas selvas sollemnes, regiões immarcesciveis da poesia mais melancolica e mais pathetica — n'essas montanhas majestosas, e n'esses valles sombrios onde ainda se parecem ouvir echos de uma raça de Atlantes — n'esses rios giganteos, que uma vegetação descommunal borda e veste de eterno viço, de louçania perenne.

Parece que tudo estava ainda por fazer, que a poesia dormia na immensidade inexplorada dos

ermos, ou que, assim a modo de jaguar ou de ophidio venenoso se recolhia em antros profundos, d'onde os antecessores de J. de Alencar só a tinham podido exhumar completamente desfigurada ou morta, ou antes onde não haviam logrado penetrar. Bom é comtudo advertir que alguns d'esses primeiros exploradores, a quem tão peremptoriamente se recusam sagrados direitos adquiridos e reconhecidos, tiveram, mais de uma vez, occasião de se acharem em immediato contacto com a natureza virgem, de contemplal-a em pessoa, perscrutar os seus augustos mysterios e de receber d'ella directos influxos e inspirações. Póde-se acaso dizer outro tanto de José de Alencar, que, como é sabido, arrancou essa pretensa poesia brasileira do fundo da sua phantasia palaciana, e lhe deu fórma sobre a sua mesa de cortezão?

Se o escriptor portuguez conhecesse melhor as coisas de nossa terra; se soubesse que ao passo que Gonçalves Dias percorria o Brazil do sul ao norte, penetrando nas entranhas das tribus do Ceará, do Maranhão, do Pará, do Amazonas, atravessando rios caudalosos, margens invias, estudando costumes e dialectos varios, colhendo mil noticias e tradições, José de Alencar escrevia folhetins impregnados de essencias de salões, frequentava os passatempos da côrte, sonhava louras visões de luvas de pellica e de crinoline na rua

do Ouvidor ou no Carceller, n'uma palavra hauria a vida puramente de cidade, de filigranas, de excitações procuradas, de estimulantes faceis e á mão ; se soubesse que, á proporção que elle rumiava, talvez entre uma chavena de café e um delicioso havana, sob a abobada caricata de um kiosque artificial, a poesia tambem artificial e brunidinha da *Iracêma*, Gonçalves Dias combinava na sua grande imaginação, á sombra de um gigante da floresta, ou á margem inundada de emanações aquaticas, ou no pincaro de uma serra a topetar com a immensidade, a poesia musculosa e farta, que se percebe palpitar natural, vehementemente e livre do menor vencilho nas paginas immortaes do *Y-juca-pirama* e dos *Tymbiras* ; se soubesse, finalmente qual o juizo incontrastavel da universalidade brazileira n'este ponto, certo não teria aventurado idéas que não acharam, porque não podiam nem deviam achar, a menor guarida entre nós.

Se houve já alguma obra de J. de Alencar, a cujo respeito se não demorasse a manifestar-se, sem hesitação, o juizo publico, está certamente em tal caso a *Iracêma* ; e esse juizo não lhe foi favoravel.

Segundo já tive occasião de observar n'uma das precedentes cartas, o apparecimento da lenda sertaneja, longe de corresponder á expectativa sus-

citada pelo *Guarany*, do mesmo autor, fêl-a despenhar-se na mais amarga e rude decepção. Geral frieza a recebeu, e quer-me até parecer que apreciações autorisadas lhe recusaram os direitos, que também agora lhe contesto, de filha da terra.

Nem era de esperar o contrario, porque a poesia brasileira estava já então verdadeiramente inaugurada no paiz. Nem é outra senão a que nos deixaram esplendidamente ensaiada Basilio da Gama e Santa Rita Durão, e que deve ao portentoso pincel de Gonçalves Dias os contornos acordes, os toques magistraes, as linhas correctas, as côres feiticeiras e primorosas com que se decora, n'uma palavra as solidas e inabalaveis bases em que hoje a vemos definitivamente firmada. O que J. de Alencar nos deu na sua *Iracêma* foi uma poesia de sua invenção, como de sua invenção nos tem querido dar uma lingua, uma natureza humana e uma natureza inanimada ao avêssò. A poesia de um povo não se inventa a mero arbitrio, e dizemos que o typo da *Iracêma* é de pura ficção do autor, porque elle não se apoia na letra ou espirito da historia, nem nos modelos e estudos dos mestres.

Fique sabendo o Sr. P. Chagas que no Brazil não se conhece outro padrão de litteratura indiana com fóros para interpretar fielmente o character

local, senão aquelle que o paiz deve ao prestimoso genio do Dias.

Esse typo já recebeu o sagrado baptismo das populações e dos entendidos, e é o unico destinado para perdurar e transmittir-se á posteridade, porque foi bebido nas fontes authenticas do estudo, mais consciemmente feito, do nosso aborigene. Pois bem : d'esse typo é tão essencialmente diversa a *Iracêma*, quanto a agua do vinho.

Explica-se o desacerto de J. de Alencar, emprehendendo contrapôr á verdade a fucção da sua phantasia.

Ha organisações que a máxima generosidade prejudica primeiro do que beneficia. *Guarany* tinha visto a luz, e tendo só direito a ser festejado na razão de 10, foi-o na razão de 100. Ora, o espirito d'esse autor não é d'aquelles que as mais exaggeradas ovações não despojam nunca da majestosa calma da consciencia, o brilhante realce das grandes organisações moraes. Sopitada a chamma intima a pretensão mais desbragada toinou o logar á razão e ao bom senso. O homem reputou-se logo com sufficiente autoridade e cabedaes para demolir o que a idade e o genio tinham custosamente construido. Mas *demolir*, sem ao mesmo tempo *edificar*, não era decente nem plausivel. E depois era preciso, antes de tudo, mostrar que o novo estava muito acima dos velhos architectos ;

d'ahi a idéa de inaugurar escola, que transmitisse á posteridade o nome do seu fundador. E então, bom Cincinnato? Não podia, como vês, ser mais modesta a aspiração. Loucura! loucura! Nem ao menos reflectiu esse homem que o seu *Guarany* tinha principalmente agradado, porque mostrava certo acordo com a conhecida feição historica e tradicional do aborigene brazilico!

J. de Alencar escreveu então as suas celebres *cartas* sobre a *Confederação dos Tamoyos*. Á sombra dos folhetins, e principalmente do *Guarany* (que se não foi publicada antes das *cartas*, o foi de certo, se bem me recordo, simultaneamente com ellas), fizeram carreira e, como é natural, visto que ninguem quiz antepôr-se-lhe, novos creditos vieram recommendar o talento do esperançoso escriptor.

Suppondo este, por illusão de optica da sua vaidade, haver suterrado o nome, consolidado já, do poeta Gonçalves de Magalhães, com que insania presumes tu que seria agora tentado? Presta attenção!

Barreira ingente interrompia o vôo áquellas já descomedidas audacias. Essa barreira era o nome prestigioso do Dias — o pae nunca assaz pran-teado da poesia brasileira, como Cullen Bayant, Waldo Emerson e Henry Longfellow o haviam sido da poesia da America do Norte — do Dias

que conquista elogios « não encommendados » de A. Herculano, e que Wolff applaude.

Pois bem, meu amigo. Não ha respeito, não ha consideração, que o detenha. Eil-o que se arroja contra o colosso formado, gotta a gotta, e dia a dia — stalactite inaccessivel e sublime do genio, consolidado no conceito de mais de uma nação; sómente o assalto é dirigido com mais geito, estrategia e arte : em vez de simples critica offerece uma obra com todas as seducções da novidade; em logar de modos desabridos, principia dizendo que « Gonçalves Dias é o poeta nacional por excellencia, e ninguem lhe disputa o conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens » para concluir, declarando que « entretanto os selvagens do seu poema (os *Tymbiras*) falam uma linguagem classica e exprimem idéas proprias do homem civilisado, e que não é verosimil tivessem no estado da natureza. » Ora diz-me : que poeta nacional por excellencia é esse; que conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens póde fazer crer que tem aquelle que faz dos seus selvagens não só homens civilisados, mas até falando linguagem classica? Não se vê que a proposição inicial só teve por fim illudir a agrura, sem diminuir-lhe a intensidade, da proposição final? Que o pomo contém verme corrosivo, e a flor veneno mortifero? Opportuna-

mente tocaremos n'esse presumido classismo e civilização dos selvagens dos *Tymbiras* .

Em resumo : eis-ahi duas importantes autoridades, duas grandes columnas do nosso modesto templo de letras, victimas do camartello do verdadeiro iconoclasta dos nossos primeiros numes. Ah! não são sómente estes dois sustentaculos , que padecem golpes de destruição cruel : J. de Alencar tem o descôco de dizer, mediante aquelle seu estylo insidioso, que apparenta o melhor desinteresse e cordura, mas em realidade arteiro e malfazejo, que das « producções que se publicavam sobre o thema indigena, nenhuma *realisava* a poesia *nacional*, tal como lhe apparecia no estudo da vida selvagem dos autochthones brasileiros ; que muitos peccavam pelo abuso dos termos indigenas accumulados uns sobre outros (havemos de ver se elle não caiu n'este abuso), o que não só quebrava a harmonia da lingua portugueza (quem defende a lingua!) como perturbava a intelligencia do texto; que outras eram primorosas no estylo e ricas de bellas imagens, porém certa *rudex ingenua* de pensamento e expressão (e a *Iracêma* satisfez estas condições?), que devia ser a linguagem dos indigenas, não se encontrava alli. » Logo, meu amigo, a aggressão não se circumscreveu a Gonçalves Dias e a Gonçalves de Magalhães : Porto Alegre, Basilio da Gama, Fr. Santa Rita

e todos quantos (passados e modernos) tinham escripto sobre o thema indigena, a todos esses se dirigem os projectis d'aquella machina de arremêso, forjada pela mais descommunal philaucia litteraria de que haja noticia entre nós.

Chegamos emfim a este extremo : antes de J. de Alencar, ninguem ! O bello nacional estava ainda encolhido no ovo e o ovo escondido, como em ninho enorme, dentro do regaço opaco da natureza.

Os mais benemeritos e qualificados engenhos tinham até então doidejado por fóra da colmeia immensa, e nada de atinar com a entrada e extrahir algumas gottas de mel virgem. O proprio Sr. Pinheiro Chagas diz que haviam sulcado o lago « como o cysne alvejante, que só procura semear de perolas a candida plumagem, e que receia enlodar na vasa do fundo o collo nitido. »

Moderno Colombo, J. de Alencar, depois do seu mergulho nas entranhas dormentes e até então impenetradas do desconhecido, assoma á superficie, mostrando-nos um mundo, ou uma maravilha. As pallidas sombras dos nossos avós são evocadas aos tumulos das edades pelo boato, pela divulgacão do milagre ; e resurgem enfiadas de vergonha as illustres figuras dos nossos primeiros epicos, que a inquietude do ciume impelle, como tremulas paginas de nevoas para o logar da exhibicão.

O que é que vêdes, vultos venerandos ? A exem-

plo das miragens do deserto, o sonho dissipou-se e esvaeceu-se. Ah! foi tudo de certo um sonho, ou um delirio de louca phantasia. Perdoae a profanação, que foi imprudentemente despertar-vos dos voossos jazigos seculares. Foi tudo uma farça, e eterno perdão vos peço para quem a desempenhou.

Que novo portento de estatuaria nos offerencia J. de Alencar, em substituição ás columnas camarzelladas, mas não alluidas do templo? Vê bem, meu amigo. O « mergulhador de Schiller » tinha-nos trazido, não perolas ou coraes raros, mas justamente a vasa enlodadora do fundo, que G. Dias, Magalhães, Porto Alegre e outros tiveram a fidalguia de não levantar para nos pouparem um triste presente. O que se vê na *Iracêma* é uma composição enfezada e anemica, postoque congesta de serosidades e flatulencias, para que não haveria remedio, a não ser a morte. E na verdade tão depressa nasceu como depressa morreu. A tentativa abortou. O ovo estava gôro. Não fosse elle posto por « aquelle applaudido talento » e já d'elle não restaria sequer a dilacerada casca.

O escriptor portuguez, referindo-se á *Iracêma*, accode :

« Pela primeira vez apparecem os Indios falando a sua linguagem colorida e ardente ; pela primeira vez se imprime fundamente o cunho nacional

n'um livro brasileiro; pela primeira vez são descriptos os selvagens com aquelles toques delicados, que dão realce tão vivo aos typos do romanista da America do Norte. »

Não peço venia, não !

Pela primeira vez apparecem os Indios falando uma linguagem banzeira e esmorecida ; pela primeira vez são descriptos os selvagens com toques, com tintas da affectação mais visivel, mas tintas *lymphaticas*, quando o selvagem é simples e singelo na sua majestosa grandeza.

Falta-lhes o colorido proprio, expressivo, interessante. O que aquella linguagem tem, são demasias de arte. Debaixo da agglomeração fastidiosa de comparações, as mais das vezes fóra de villa e termo, e que haviam de ter custado bom trabalho ao proprio autor, a natureza subverteu-se como n'um abysmo. A pallidez visivelmente se mostra através das côres postiças, fugaces e precarias.

O que me parece que se devia achar na *Iracêma*, para que se podesse dizer que n'ella estava fundamentalmente impresso o cunho nacional, e era ruido de grandes embates, repercussão de magnanimas acções e gentilezas, tanto no amor como em tudo.

Quizeramos ver ahi o character do Indio, primando na heroicidade e no valor tradicional.

Quizeramos se nos deparassem scenas patheti-

cas, e não episodios grotescos e abaixo do nivel de uma raça que qualidades verdadeiramente superiores tornaram legendaria.

Quizeramos ver travar-se a paixão com força ingente, o sentimento (principal motor da acção) rasgar situações grandiosas, surprehendentes e dramaticas; mas só achámos entrechos triviaes e insignificantes, perfeitas bagatellas, que admira como tenham preoccupado um instante a phantasia de um espirito elevado.

Quizeramos que o modo de expressar essas lutas, essas energias profundas, esses thesouros insondaveis de affectos e de sensações barbaras, fosse impetuoso e arrogante, correspondendo ás ousadias intimas, e traduzindo cabalmente as expansões abruptas. Mais uma vez o diremos : J. de Alencar não tem pulso para escrever a epopéa.

A linguagem dos gigantes das selvas primitivas é qual se fôra a de degenerados pigmeus — pallida e fria, sem alentos, nem vibração.

O amor da India é um amor chorão, enervado, piegas. A sua compleição physiologica tem alguma coisa de inane, que repugna á organização desabrochada em pleno tropico, recebendo fluidos de todas as abundantes fontes da mais soberba natureza do mundo. Se quiz modelar a *Iracéma* pela *Atala*, errou em claro ; os sentimentos modestos,

por assim dizer impalpaveis, d'esta ultima são devidos á influencia poderosa do christianismo, e por tanto diversissimos no caracter e até no ser do caracter e ser bravio da *Iracêma* ardendo perennemente em todas as chammas brutaes da natureza.

Passando do amor ás batalhas, o desmoronamento do genio indigena é completo, desperta compaixão.

O guerreiro é poltrão e molle. Está ausente a investida eloquente do animo, que tanto o recomenda e particularisa sempre que põe em contribuição o seu brio e as suas glorias.

O Sr. Pinheiro Chagas ha de afinal convir commigo em que, apezar do seu extenso olhar critico, andou errado.

Pois é pena : faço o mais vantajoso conceito do seu elegante talento.

SEMPRONIO.

CARTA V

Meu caro amigo.

Chegou a dilação das provas e não a perco; é entretanto ao Sr. Pinheiro Chagas que me estou dirigindo, porque tu já sabes de tudo isto.

Vou dar-me ao trabalho, insano por certo, de copiar *ipsis verbis* um capítulo integral da *Iracêma*, em que se descreve um combate de Indios.

Martim, Poty e Iracêma vão sendo perseguidos pelos guerreiros tabajáras. Aproveito a ocasião para arriscar algumas palavras sobre o primeiro. Diz J. de Alencar, na pagina 93, que vendo esse heroe « os verdes mares e as alvas praias, onde as ondas murmurosas ás vezes soluçam e outras raiavam de furia, rebentando em frocos de espuma, seu peito suspirou, porque esse mar beijava tambem as brancas areias do Potengi, *seu berço natal*, onde

elle vira a luz americana. » E mais adiante, na pagina 180, em nota : « Potengi — rio que rega a cidade do Natal, d'onde era filho Soares Moreno. »

Tenho minhas duvidas, com o devido respeito. Southey, Lisboa, Constancio, Pompeo e outros não dizem que Martim Soares Moreno fosse natural do Rio Grande do Norte. Pelo contrario, alguns até declaram que Martim era *parente* do sargento-mór Diogo de Campos Moreno (portuguez), o que de algum modo faz présumir que Martim pertencia á mesma nacionalidade. O general A. e Lima, cuja autoridade não se póde com boas razões contestar, diz posivamente na sua *Synopsis*, á pagina 70, que Diogo de Menezes « contentou-se com enviar ao Ceará um official *portuguez*, Martim Soares Moreno, que tinha acompanhado a Pedro Coelho, etc. »

São taes e tantos os testemunhos autorisados n'este sentido, que não será facil recusar-lhes fé. Chego um momento, quando vejo contrariado pelo Sr. Alencar o facto, a suppôr que este Sr., dispondo d'amplos recursos, e achando-se n'uma côrte, onde ha um Instituto Historico e uma rica Bibliotheca Nacional, bebe todas estas novidades em fontes abundantes e satisfactorias, de que o pobre bisonho provinciano não pode nem de leve provar. Mas occorre-me logo a anecdota da invenção do verbo *afflar*; da etymologia dos nomes das

diversas localidades do Ceará, e outras galantes graçolas d'esta ordem, e sou levado a crer que o Sr. Alencar na *Iracêma* é o mesmo Sr. Alencar da *Diva*, do *Gaúcho*, da *Pata da Gazella*, etc. Então digo commigo, a sós, depois de fundo cogitar :

— Só se o Alencar (assim se diz na ausencia) achou isto, ou aquell'outro nas chronicas incognitas, onde tambem achou a sua poesia banzeira, os seus selvagens mandriões. Sendo assim estou calado.

Mas não. É que J. de Alencar não quer fazer sómente uma nova lingua, uma nova natureza, uma nova poesia: quer fazer tambem uma nova historia. E se o homem diz que inventou o que está claro e velho nos lexicógraphos, que mais é que dê a Martim uma patria a seu geito, quando a historia não é tão positiva n'este ponto quanto fôra para desejar? Temos, pois, este grande serviço mais a agradecer ao Sr. Alencar: o ir explicando e completando *por serdes vós quem sois* a historia patria, no que ella tiver de duvidoso ou pouco preciso. Faz muito bem. E quem fôr homem de sangue no olho que lhe vá ao encontro. Metta-se n'isso!

Desculpa a digressão, e volta commigo ao campo dos tabajáras; já não é o dos tabajáras, mas sim o dos pytigúaras.

Vae travar-se a pugna gigantea, tremenda entre

duas tremendas e gigantes hordas inimigas. Prepara-te para assistires a uma epopéa digna de Atlantes. Attenção !

« Treme a selva com o estampido da carreira do povo tabajára.

« O grande Irapuam, primeiro, assoma entre as arvores. Seu olhar rubido viu o guerreiro branco entre nuvem de sangue ; o grito rouco do tigre rompe de seu peito cavernoso.

« O chefe tabajára e seu povo, iam precipitar (póde deixar de dizer-se : *precipitar-se?* aqui o verbo precipitar é verbo activo ? onde está o paciente ? é verbo reflexo) sobre os fugitivos como a vaga encapellada que arrebenta no Mocaripe.

« Eis late o cão selvagem.

« Poty solta o grito da alegria :

— O cão de Poty guia os guerreiros de sua taba em soccorro teu.

« O rouco búzio dos pytiguáras estruge pela floresta. O grande Jacaúna, senhor das praias do mar, chegava do rio das garças com seus melhores guerreiros.

« Os pytiguáras recebem o primeiro impeto *inimigo* nas pontas erriçadas de suas frechas, que elles despedem do arco aos molhos, como o coandú (fábula !) os espinhos do seu corpo. Logo após sôa a pocêma, estreita-se o espaço, e a luta se trava face a face. »

Quando vejo esses pytiguáras despedindo do arco frechas aos *molhos*, como o coandú os espinhos do seu corpo, lembro-me do trecho de um critico apreciando o *Washington*, de Robert Payne, autor norte-americano. Robert Payne tambem dá a pomposa qualificação de *epopéa nacional* á sua obra, que elle foi levado a compôr, despeitado por Channing haver dito que os Estados Unidos não possuíam uma litteratura nacional. « Robert Payne — diz o critico — representa Washington de pé, repellindo com o peito os trovões e empunhando a espada nua — a modo de conductor electrico, para dirigir o raio para o oceano, onde vae apagar-se. Este heroe pára-raio é a obra-prima da poesia-machina. » Assim tambem esses heroes-coandús parecem-me o *nec plus ultra* da poesia-mandriice. Continuemos.

« Jacaúna atacou Irapuam. Prosegue o horrivel combate que bastara a dez bravos, e não esgotou ainda a força dos grandes chefes. Quando os dois tacápes se encontram, a batalha toda estremece, como um só guerreiro, até ás entranhas.

« O irmão de Iracêma veiu direito ao estrangeiro, que arrancára a filha de Araken á cabana hospedeira ; o faro da vingança o guia ; a vista da irmã assanha a raiva em seu peito. O guerreiro Cauby assalta com furor o inimigo. »

Então? Já sei que estás tremendo de medo da

tamanha peleja. A coisa está mesmo feia. Mas em fim coragem, bom Cincinnato, que havemos de contar da festa sem o minimo arranhão.

« Iracêma, unida ao flanco do seu guerreiro e esposo, viu de longe Cauby e falou assim :

« — Senhor de Iracêma, ouve o rogo da tua escrava ; não derrama (!!) o sangue do filho de Araken. Se o guerreiro Cauby tem de morrer, morra elle por esta mão, não pela tua.

« Martim pôz no rosto da selvagem olhos de horror :

« — Iracêma matará seu irmão ?

« — Iracêma antes quer que o sangue de Cauby tinja sua mão que a tua ; porque os olhos de Iracêma vêem a ti, e a elle não. (É uma razão, como qualquer outra).

« Travam a luta os guerreiros. Cauby combate com furor ; o christão defende-se apenas ; mas a setta embebida no arco da esposa guarda a vida do guerreiro contra os botes do inimigo. *

« Poty já prostrou o velho Andira e quantos guerreiros topou na luta seu válido tacápe. Martim lhe abandona o filho de Araken, e corre sobre Irapuam.

« — Jacaúna é um grande chefe ; seu collar de guerra dá tres voltas ao peito. O tabajára pertence ao guerreiro branco.

« — A vingança é a honra do guerreiro, e Jacaúna ama o amigo de Poty.

« O grande chefe pytiguára levou além o formidável tacápe. O combate renhiu-se entre Irapuam e Martim. A espada do christão, batendo na clava do selvagem, fez-se em pedaços. O chefe tabajára avançou contra o peito inerme do adversario.

« Iracêma silvou como a boicininga (pois a mulher silvou?!), e se arremessou ante a furia do guerreiro tabajára. A arma rigida tremeu na dextra possante do chefe e o braço caiu-lhe desfallecido.

« Soava a pocêma da victoria. Os guerreiros pytiguáras, conduzidos por Jacaúna e Poty, varriam a floresta. Os tabajáras, fugindo, arrebataram seu chefe ao odio da filha de Araken que o podia abater, como a jandaia abate o prócero coqueiro roendo-lhe o cerne. (Onde foi que o Sr. Alencar viu jandaia botar coqueiro abaixo?)

« Os olhos de Iracêma estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadaveres de seus irmãos; e longe o bando dos guerreiros tabajáras que fugia em nuvem negra de pó. Aquelle sangue que enrubecia a terra era o mesmo sangue brioso que lhe ardia as faces de vergonha.

« O pranto orvalhou seu lindo semblante.

« Martim affastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracêma. Deixou que sua dôr nua se

banhasse nas lagrimas. » (Uma dôr nua a banhar-se em lagrimas!)

Acabou-se a batalha, e o capitulo, e, como vês, são e salvos ficámos ; ainda bem.

Ora, eis-ahi ao que se póde chamar um modelo de descripção de combates de Indios. E um modelo devia de ser um combate entre chefes taes como Irapuam (*Mel Redondo*), Jacaúna, e o Camarão ; reconheces aqui o grande, o insigne Camarão ?

Muito levianos, senão mais que isso, eram esses historiadores da conquista. Chegarem a dizer que « estes americanos são tão encarniçados nas suas guerras, què, emquanto podem mecher com pernas e braços não recuam, nem dão as costas, combatem incessantemente, e isto é n'elles a coisa mais natural. » Qual ! historias da carochinha. Esses supra mencionados guerreiros, até os mais afamados, não passavam de guerreiros, *coandús*. E a prova está n'esse mesmo Irapuam, tão illustre na historia pela sua braveza e *perseverança*, que principiou aqui vendo tudo *côr de sangue*, e deu costas como sendeiro. Tabajáras de uma figa, covardes tabajáras ! De que vos servia serdes — O POVO SENHOR ? Poty, Jacaúna, Iracêma e Martim, isto é, tres homens e uma mulher vos puzeram a trote, a ver estrellas ao meio dia. Verdade é dizer-nos o autor que Jacaúna viera com seus *melhores*

guerreiros. Mas tambem não se presume que Irapuam viesse com os *peiores*.

Contra ponhamos agora a esta descripção, feita por quem desceu ao fundo do lago e foi ter « ás flores maravilhosas que desabrocham nas cavernas de coral » « aos recifes de madreperola que expandem naçarados reflexos sob a transparencia das aguas » a descripção de quem não passou da superficie « receiando enlodar o collo nitido, e a aza branca e lisa, a cabeça graciosa e fina » e vejamos quem na verdade se enlodou na vasa, quem extrahiui as perolas e os coraes. É Gonçalves Dias que vae pintar uma luta entre dois guerreiros (nenhum dos quaes de valor historico). Attenção.

Travaram luta fera os dois guerreiros.
 Primeiro ambos de longe as settas vibram.
 Amigos manitós, que ambos protegem,
 nos ares as desgarram. Do Gamella
 entrou a frecha tremula n'um tronco
 e só parou no cerne; a do Tymbira,
 ciciando veloz, fugiu mais longe,
 roçando apenas os frondosos cimos;
 encontram-se as tacâpes, lá se partem;
 ambos, o punho inutil rejeitando,
 estreitam-se valentes, braço a braço.
 Alentando açodados, peito a peito,
 revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
 rouqueja o peito arfado um som confuso.»

Tudo aqui é natural, meu amigo. A luta vae-se desinvolvendo gradualmente. Principiam os guer-

reiros despedindo as frechas : depois brandem os tacápes, porque aquellas foram desgarradas pelos manitós (magistral applicação da tradição ou da crença selvagem) ; e finalmente, partindo-se estas ultimas armas, estreitam-se, conchegam-se corpo a corpo, e rugem no agigantado esforço e revolvem a terra com os pés. Parece-nos estar vendo a pugna de dois só, mas mirifica.

Scena vistosa ! quadro apparatuso !
 Guerreiros velhos, á victoria affeitos,
 tamanhos campeões vendo na arena,
 e a luta horrivel, e o combate acceso,
 mudos quedaram de terror tranzidos.
 Qual d'aquelles heroes ha de primeiro
 sentir o egregio esforço abandonal-o ?
 perguntam ; mas não ha quem lhes responda.

São ambos fortes : o Tymbira hardido,
 esbelto como o tronco da palmeira,
 flexivel como a frecha bem talhada,
 ostenta-se robusto o rei das selvas ;
 seu corpo musculoso, immenso e forte,
 é como rocha enorme, que desaba
 de serra altiva, e cae no valle inteira ;
 não vale humana força desprendel-a
 d'alli, onde elle está ; fugaz corisco
 bate-lhe a calva fronte sem partil-a.

Separaram-se os guerreiros um do outro,
 foi d'um o pensamento... a acção foi d'ambos.
 Ambos arquejam : descoberto o peito
 arfa e estua eleva-se e comprime-se,
 e o ar em ondas soffregos respiram.

Cada qual, mais pasmado que medroso,
 se estranha a força que no outro encontra,
 a mal cuidada resistencia o irrita.
 — « Itajuba ! Itajuba ! os seus exclamam.
 Guerreiro, tal como elle, se descora
 um só momento, é dar-se por vencido »
 O filho de Jaguar voltou-se rapido.
 D'onde essa voz partiu ? quem n'ó aguilhóa ?
 Raiva de tigre annuviou-lhe o rosto,
 e os olhos cór de sangue irados pulam.

« — A tua vida a minha gloria insulta ! —
 grita ao rival — e já de mais viveste. »
 Disse, e como o condor, descendo a prumo
 dos astros, sobre o lhamá descuidoso,
 pavido o prende nas torcidas garras,
 e sóbe audaz onde não chega o raio....
 vôa Itajuba sobre o rei das selvas,
 cinge-o nos braços, contra si o aperta
 com força incrível, o colosso verga,
 inclina-se, desaba, cae de chofre,
 e o pó levanta e atrôa forte os echos.
 Assim cae na floresta um tronco annoso,
 e o som da quéda se propaga ao longe !

O fero vencedor, um pé alçando,
 « Morre ! — lhe brada — e o nome teu contigo ! »
 O pé desceu, batendo a arca do peito
 do exanime vencido : os olhos turvos
 levou, a extrema vez, o desditoso
 áquelles céos de azul, áquellas mattas,
 doces-cobertas de verdura e flôres !
 Depois, erguendo o esqualido cadaver
 sobre a cabeça horrivelmente bello,
 aos seus o mostra ensanguentado e torpe.
 Então por vezes tres o horrendo grito

do triumpho soltou ; e os seus tres vezes
o mesmo grito em côro repetiram.
Aquella massa emfim vòa nos ares ;
porém na dextra do feliz guerreiro
dividem-se entre os dedos as melenas,
de cujo craneo marejava o sangue ! »

Ora, diga-me sinceramente o Sr. P. Çhagas, com o cavalheirismo que o distingue : em qual d'estas duas descripções está fundamente impresso o cunho nacional — na de J. de Alencar, ou na de G. Dias ! Acha o illustre critico portuguez que uma pugna sangrenta, de vida e morte, entre gigantes da floresta, inimigos sanhudos e feros, como se presume que seriam Irapuam e Poty, ou Mel-Redondo e Camarão, havia de correr d'ess'arte placida e desenxabida, e sobretudo teria aquelle desenlace mesquinho e ridiculo ? Attenda-se mais ; que á precedente inimizade entre ambos accrescêra a recente fuga de Iracêma, devida a Martim, de Iracêma, que « turbára o somno do primeiro guerreiro tabajára » que o fizera descer « do seu ninho de aguia para seguir na varzea a garça do rio. » (Vid a pag. 26.)

Mas diz-nos o Sr. P. Chagas que « não conhecendo os *Tymbiras* (d'onde fizemos o extrac o supra), não pôde formar juizo sobre elle. »

Pois não seja esta a duvida ; temos tanto as *Obras Posthumas* do grande poeta, como os seus *Cantos* (edição de Leipsick), como suas *Poesias*

(edição novíssima de Pariz, do Sr. Garnier, precedida da biographia do autor pelo Sr. conego Fernandes Pinheiro.)

Abro o volume dos *Cantos*, a mesma edição que tem o Sr. Pinheiro Chagas, e encontro na pagina 155 outra descripção de um combate de Indios. É na poesia intitulada *Tabyra*.

Eis que os arcos de longe se encurvam ;
eis que as settas aladas já voam ;
eis que os ares se cobrem, se turvam,
de frechados, de surdos que são.
novos gritos mais altos rebôam,
entre as hostes se apaga o terreno,
já tornado apoucado e pequeno,
já coberto de mortos o chão !

.....
Mas Tabyra! Tabyra! que é d'elle?
onde agora se esconde o pujante?
Não n'ò vêdes?! Tabyra é aquelle
que, sangrento, impiedoso, lá vae!
Vêl-o-heis andar sempre adiante,
larga esteira de mortos deixando
traz de si, como o raio cortando
ramos, troncos do bosque onde cae.

.....
« Tem um olho de um tiro frechado !
« Quebra as settas que os passos lhe inpedem,
« e do rosto, em seu sangue lavado,
« frecha e olho arrebatá sem dó !
« e aos imigos, que o campo não cedem
« olho e frecha mostrando extorquidos,
« diz, em voz que mais eram rugidos :
« — Basta vis, por vencer-vos um só ! »

Pois estas tres estrophes não valem, falando sinceramente, cem vezes mais que o capitulo inteiro do Sr. Alencar ?

Ao ler-se este episodio do Tabyra, arrancando o olho com a frecha que o cravára, e que parecerá, talvez, exaggerado, como em caso analogo se tem dito de Lucano, lembro-me de uma historia que nos conta Audubon, muito em harmonia com aquelle episodio.

« Defronte de mim, diz o naturalista americano, estava um Indio, com os cotovellos encostados aos joelhos, e a cabeça ás mãos. Segundo o uso dos indigenas da America, não se moveu ao chegar-se-lhe o homem civilisado.

« Os viajantes não teem deixado de interpretar como indicio de preguiça, de estupidez, de apathia, esse silencio nascido do mais altivo orgulho.

« Via-se, encostado á parede, um grande arco, muitas frechas e passaros mortos espalhados pelo chão. O Indio não se mechia; nem parecia respirar. Dirigi-lhe a palavra em francez, idioma de que a mór parte dos Indios d'esses logares sabe ao menos alguns termos. Levantou a cabeça, mostrando-me com o dedo um dos olhos saidos da orbita, e o sangue correndo sobre o rosto; depois, com o outro que lhe restava lançou em mim um olhar singularmente significativo.

« Depois soube cu que, havendo-se a frecha do

seu arco quebrado no momento em que a corda estava têsá, um dos pedaços da arma partida resurtira contra o olho do Indio e n'elle se cravára.

« Soffria calado. A despeito da viva dôr, conservava imperturbada a dignidade altiva. Era bem feito, agil, bem disposto; physionomia intelligente e candida.

« Admirei esse valor do selvagem estoico do deserto, e estoico sem vaidade. »

Como se vê, G. Dias e Audubon estão acordes; quem se separa e fica só, é o Sr. Alencar.

Conhece-se n'este trecho o Indio. Ha notavel firmeza e verdade no pincel do mestre, que viu o original das estampas que esboça, e não tem a vaidade de pintar figuras de sua exclusiva concepção. Rapidos contornos e côres ligeiras destacam o desenho, a que só falta o movimento da vida. Nem uma d'essas linhas ou tintas provoca a menor contestação.

Mas, voltando ao assumpto : o que é que vemos no capitulo do Sr. Alencar, com o cunho nacional fundamente impresso? A boicininga (á similhaça da qual silva Iracêma), o tigre, o coandú.

Mas nos versos do Dias vemos o condor, o lhama, tambem o tigre. Dirão : o condor e o lhama não são propriamente do Brazil. Responderei : tambem o tigre e o coandú não são exclusivamente d'este

paiz — o primeiro encontra-se na Guyana e Surinam, e o segundo na Guyana e no Mexico. Logo...

Estou fatigado em extremo. Continuarei.

Teu, do coração,

SEMPRONIO.

CARTA VIII

CINCINNATO A SEMPRONIO

Rio, 29 de Dezembro de 1871.

Respeitavel amigo.

Nosso Senhor te dê muito boas festas na alma e no corpo, gloria, paz de espirito e prebendas largas. Se nada d'isto te constitue *felicidade*, consulta Varro, o qual desinvolve 288 opinões sobre o verdadeiro constitutivo d'ella; e a que mais te aprouver para estréa de novo anno, essa te desejo.

Tenho lido com inexcédível interesse as tuas optimas cartas, relativas á *Tracêma*. Pena é que tão magistral dicção, tamanha competencia, tão intelligente critica, se não applique a mais dignos assumptos: o estudo dos escriptores de boa nota, a apreciação de seus defeitos e suas bellezas, está invocando, em proveito das letras, a tua attenção: e affigura-se-me que uma brilhante pagina te será reservada na nossa historia critica. Por ahi, o uso é deprimir vagamente e sem analyse a obra do autor antipathico; ou tambem passar calandra sobre o panno mais bruto para lustral-o, e applicar ao livro mais pifio certos termos encomiasticos e bombasticos,

taes como : estupendo primor ; esmalte de eloquencia e belleza ; auge de perfeição ; fecho de abobada litteraria : *non plus ultra* da sapiencia ; cinta, capitel e corôa da columna das letras.....

Ora, toda esta algaravia, esta cascalheira, o que significa é o dialecto do elogio mutuo, ou uma bajulação tôrpe, ou uma ignorancia philauciosa com que vãos sons pretendem encobrir deficiencia de idéas e incompetencia de julgamento.

Por isso, quando as palavras de um critico, honesto e intelligente, allegam e provam, dissecam e patenteiam, argumentam e julgam, estudam e ensinam, para logo se tornam convincentes e autorisadas, e a sua sentença é confirmada pelo Supremo Tribunal de Justiça da Opinião. Taes são os triumphos reservados a pennas como a tua.

A minha canôa ahi vae singrando na alheta da tua nau. Onde eu atiro um piparote, disparas tu o teu canhão Krupp. Vamos continuando este divertimento pyrotechnico, e abramos novamente o *Til*.

Já aguentei a leitura do que o autor chama 1º volume, em 15 folhetinsinhos. Para indigestão, já basta, e direi mal aos meus peccados, quando tiver de encetar o denominado 2º.

É isto um acervo de erros e defeitos, que nem por descuido resgata o bruxulear de uma sombra de belleza.

O enredo é chato. O dialogo desnatural, improprio, forçado. As imagens são uma incrível profusão de disparates. A grammatica mais elemental geme a cada linha. Os caracteres dos personagens são todos repellentes, mal trajados e peor traçados. Aqui os velhos são creanças, e as creanças são velhos. Descobre-se a cada momento o inaudito tratar da imaginação para gemer sem produzir senão monstros, como seio exausto que, ao ser sorvido, só deita sangue. A linguagem compõe-se de uns archaísmos inhabilmente extrahidos de elucidarios, e de gallicismos de palmatoria, tudo caldeado com uns neologismos que se não comparam com coisa alguma senão com a escola *senial*, na qual não ha senão um mestre e um discipulo... que é elle mesmo. A invocação a

similes, das sciencias, não faz senão revelar permanente-
a mais fundamental impericia em todas ellas.

De quanto precede, e de muito mais, facil fôra dar provas
aos cachos. O autor terá lá uns meritos quaesquer; é de
crer; mas da lingua em que escreve, do instrumento que
toca, nem a escala conhece: e pretender alturas epicas quem
carece de conhecimentos rudimentares, é o mesmo que as-
pirar a tocar variações de Thalberg em tambor ou berimbau.
O perfeito manusear de um idioma é tão indispensavel con-
dição, para quem affronta a luz publica, que nos diz o
mestre:

Em summa, sem a lingua, o mais divino autor,
faça elle o que fizer, é pessimo escriptor.

Que será, quando á ignorancia da lingua se une a incohe-
rencia das idéas, e o perenne insulto ao senso commum?!

Esta nossa tarefa ha muito se pudéra dar por finda, se se
tratasse sómente da penna analysada; mas a escola do
mau gosto, e do absurdo ataviado com o nome de modernice,
vae indo de foz em fôra, e importa que se ponha dique a um
proselytismo estulto e, com capa de progressista, tremenda-
mente retrógrado. Se ficarem cegos, sejam só os da peor
especie: os que se obstinam em não querer ver.

Eis-ahi, parece-me, sufficientes amostras do modo como
o nosso romancista retrata as suas personagens. Quanto n'essas
transcripções se admira apparece logo no introito do seu
Til, e as outras figuras vão sendo pintadas, já se vê, com ana-
logas tintas. Toma elle por observação fina, imagens elegan-
tes, descripção pittoresca, o que não é senão esforço impo-
tente, falso dizer, orientalismo degenerado, portuguez-tupy.

O Sr. José de Alencar nunca retrata senão figuras congene-
res, as quaes são todas vasadas no mesmo cadinho. Seus pin-
ceis occupam-se mais dos accessorios, e esses geralmente
grutescos. Faz lembrar a mania do tempo de Luiz XV: os re-
tratistas pouco se importavam com a similhaça ou com a

natureza : todas as mulheres tinham olhões, boquinhas, e faces redondas onde a *saude lhes rebentava no encarnado*; só se conheciam as differenças em estarem trajadas á Diana, á Flora, á Juno, ou á Amphitrite, como os homens á Marte, á Achilles, ou á Automedonte : ficavam não retratos, mas paineis ridiculos.

O nosso Apelles litterario julga que para o romance, para a historia imaginaria de um viver corrente, ha de sempre exhibir-nos figuras desnaturaes, impossiveis, o que é antipoda dos preceitos da arte. Ao que elle aspira é a descrever sempre umas monstruosidades humanas. Nero, se Plinio não mente, teve a phantasia de mandar que o pintassem n'uma tela de 120 pés de altura, colosso que um raio destruiu. As personagens do Sr. Alencar são telas Neronianas, fulminadas pelo gosto e pela opinião.

.

Teu respeitoso admirador,

CINCINNATO.

CARTA VI

Meu generoso amigo,

Nas suas *Reflexões* a respeito dos *Annaes Historicos* de Berrêdo, diz G. Dias estas palavras : « Hei de ser mais extenso, mais diffuso, do que talvez conviesse, porque quero ser comprehendido e porque escrevo para todos. O que fôr de sobra para alguns, será apenas sufficiente para outros. »

Assim eu. Cincinnato de minha alma. Tem paciencia.

Mostrei ao Sr. Pinheiro Chagas, que G. Dias voltára das suas excursões submarinas trazendo só perolas e coraes, ao passo que J. de Alencar viera do seu mergulho no lago com muito caramujó e muito lodo aquatico. O que o primeiro não extrahiu, não foi porque o não tivesse visto,

senão porque o não achou digno de apanhar e erguer á altura da superficie.

Verdadeiramente falando : pôde-se presumir que G. Dias « a quem ninguem se avanta na opulencia da imaginação e no *conhecimento da natureza brasileira* e dos costumes selvagens » (palavras do proprio Sr. Alencar), ignorasse que existia no Brazil o *prudente* tamanduá, e quantos animaes, reptis, peixes, arvores, flores e objectos nossos se vêem com profusão inexcedivel apontados na *Iracêma*? É que o seu tacto delicadissimo percebia logo onde existia o bello, e nem um instante se demorava onde não podia haver senão o trivial ou o grotesco.

E o cunho nacional de uma obra consistirá em reproduzir ella quanto se acha em a natureza, nos costumes do povo, nos preconceitos e fragilidades de uma raça?

Se assim fosse, custaria pouco a ser grande poeta ou o primeiro romancista de uma nação. Se não se exige principalmente, para que se goze de taes fóros, que se colha e se exhiba o que pôde fazer o publico deliciar-se sem comtudo fazê-lo molestar-se ou córar ; se o pincel, que se molha nas tintas finas e elevadas, deve, para ser tido por completo, chafurdar tambem nos residuos barrentos e grosseiros, n'este caso é certo que faço das litteraturas a idéa mais erronea possivel.

Segundo penso, meu amigo, e me parece recomendar a esthetica, o artista não tem o direito de perder de vista o bello ou o ideal, posto que combinando-o sempre com a natureza.

Não fôra talvez descabido aqui externar o meu humillissimo parecer sobre o modo de ver de alguns (muito autorisados) que entendem que a arte é a *imitação*, e de outros que opinam ser ella a *interpretação* da natureza. Ficará para logo, se me sobrar tempo e me aprouver deter-me n'este ponto.

Mas o que ainda ninguem se lembrou de pôr em duvida é que, ou interpretando-a, ou imitando-a, o artista se dirige sempre ao alvo de belleza ideal, que de balde se procuraria n'essa lenda sertaneja, mais parecida com um catalogo de zoologia e de botanica cearense, do que com uma obra d'arte.

Li um precioso livro, intitulado — *A Sciencia do Bello* — por Levèque, obra que mereceu ser coroada por tres Academias da França. Nunca mais me esqueci de um pedacito que lá vem, concebido n'estes termos : « Se o romancista não é senão o arrolador (*greffier*) da vida de todos os dias, quero antes a vida em si mesma, que é viva, e onde me não demorarei com a vista senão sobre o que me interessar. »

Ah! mas eu esquecia-me que estou dissecando

um poema, e não um romance. Pois bem : se se trata da poesia, a coisa muda de figura, sim, porém para condemnar ainda mais a producção do Sr. Alencar. « A poesia engrandece todos os caracteres; entre suas mãos o bravo torna-se valente, o prudente torna-se sabio, o falante torna-se eloquente, o guerreiro um heroe, o heroe um semi-deus. » Tudo vae precisamente ao inverso na *Iracêma*; o guerreiro, que devia affigurar-se heroe, não passa de imbelle, pusillanime; o heroe da historia, que devia na poesia assumir as proporções do semi-deus, está abaixo do nivel do guerreiro. É sempre este destroço dos caracteres e da harmonia artistica.

Ah! mas eu esquecia-me que se trata da mais sublime manifestação da poesia — a poesia epica. a *Iracêma* não se inculca uma amostra no genero? Pois bem : quanto mais nos elevamos na escala da arte, tanto mais desce esse bastardo filho de um talento, que a vaidade perdeu como o orgulho a Satan.

Sempre que vem á baila falar da epopéa, lembro-me da *Iliada* como o modelo por excellencia. Homero é o primeiro poeta epico, desde que o mundo é mundo,

E poderia acaso a *Iliada* servir de modelo a um poema americano? A vida selvagem encerra em si bastante interesse, bastante grandeza, bastante

maravilhoso, para sustentar movimentos d'aquelle folego e magestade? D'aquelle não direi; mas se tivéssemos um Homero, a mina para as suas explorações não seria outra. Essa raça, seu passado, suas superstições, é tudo de tamanho e vigor descommunal. O gentilismo tem a sua face pomposa e formidavel. A epopéa barbara não póde deixar de ser uma insigne epopéa.

Um dos primeiros elementos de grandeza da *Iliada* é o maravilhoso, symbolisado na crença pagã. Tambem os nossos Indios tinham do maravilhoso, e á farta. As suas superstições — eis, no meu fraco entender, o musculo d'essa poesia; e esse musculo, força é dizêl-o, não tem sido desinvolido e distendido, como acaso cumpriria, pelos nossos épicos.

O Homero brasileiro acharia na nossa raça primitiva typos parecidos com Achilles e Heitores, Priamos e Meneláos. Até encontraria uma Helena, sem outro trabalho mais que o de abrir a historia. Fernando Diniz diz: « Os Tupinambás depois de haverem tomado o reconcavo, dividiram-se tambem, dando logar á discordia no meio d'este povo um drama egual ao que originou a *Iliada*. Uma rapariga de certa tribu da ilha de Itaparica foi raptada pelos habitantes do local onde depois se edificou a cidade da Bahia; e d'ahi accendeu-se uma guerra terrivel. »

Seguramente esse Homero não havia de entender a poesia nacional, e muito menos a poesia épica, segundo a entendeu — vã e factícia — J. de Alencar.

Sim, elle iria bebêl-a nas tradições dos Indios, mas nas tradições que, pingues e plenas, as tinham, nos paineis summos e monumentaes das suas batalhas, que eram batalhas titanicas. Desde a cilada ao inimigo até o incendio, desde o heroismo nas lutas até o heroismo das hostes, tudo offerencia elevação propria, que não destoaria do drama nem da epopéa.

Bebêl-a-hia principalmente nas superstições, susceptiveis dos episodios mais robustos, de agigantados prodigios, de que a historia dá idéa que se vê que é pallida, mas que bastante colorido encerra para nos fazer conhecer que tinham o calor e a importancia de verdadeiras maravilhas.

Bebêl-a-hia no que o character selvagem tinha de esculptural, predominante, e athletico, e não no que podia ter de mesquinho, ridiculo ou accidental.

De dentro das soturnas cavernas, do seio dos valles interminaveis, de cima dos rios oceanicos, dos recessos da mansão opaca das selvas, acor-daria os echos de dramas tremendos que ahi jazem adormecidos na necropole de seculos, evocaria as visões mysteriosas, mythicas da sua theo-

gonia, as sombras das suas divindades, dos seus lemures, que faria representar papeis pavorosamente grandes, quaes os representa no Hamlet o espectro de Banko.

Assim como o poeta grego fazia tremer o Olympo com um movimento da cabeça de Jupiter, o poeta americano faria abalar-se a solidão nos seus fundamentos com o simples tanger do maracá do sacerdote inspirado, representante de Tupan.

Faria emfim dos guerreiros heroes; dos heroes semideuses; da crença religiosa a primeira fonte do poema — tudo em ponto grande, compativel com a pujança de uma raça, indubitavelmente capaz dos commettimentos mais altanados.

Ou escreveria assim, ou de certo não escreveria um poema. Agora envergonhar a patria com uma concepção sem altura de motivos, sem elevação de vistas, sem movimento, trajada de gallas ephemeras, de lentejoilas impossiveis, falando linguagem affectada, frouxa e futil, o que tudo importa uma antithese da poesia heroica e do genio colossal do nosso aborigene, isso é que não. Teria o bom senso e a generosidade de o não fazer.

Longe me tem levado a divagação, e é tempo de proceder ao assumpto.

Mostrei o abysmo que ha entre uma descripção de combate de Indios por G. Dias, e outra por J. de Alencar. Provei que a deslumbrante e har-

dida poesia das batalhas falta na *Iracêma*, quando, pelo contrario, se encontra, já não digo nos *Tymbiras* ou no *Tabyra*, mas no *Uruguay* e *Caramurú*, que são dos tempos da colonia.

Por exemplo, lê-se no *Uruguay* :

« Fez proezas Cepé n'aquelle dia.
 « Conhecido de todos, no perigo
 « mostrava descoberto o rosto e o peito,
 « forçando os seos co' o exemplo e co' as palavras.
 « Já tinha despejado a aljava toda,
 « e, destro em atirar e irado e forte,
 « quantas settas da mão voar fazia,
 « tantas na nossa gente ensanguentava.
 « Settas de novo agora recebia,
 « para dar outra vez principio á guerra.
 « Cepé, que o viu, tinha travado a lança,
 « e, atraz deitando a um tempo o corpo e o braço,
 « a despediu. Por entre o braço e o corpo
 « ao ligeiro hespanhol o ferro passa :
 « rompe sem fazer damno, a terra dura,
 « e treme fóra muito tempo a hastea ;
 « mas de um golpe o Cepé na testa e peito
 « fere o governador e as redeas corta
 « ao cavallo feroz. Foge o cavallo,
 « e leva involuntario e ardendo em ira
 « por todo o campo o seu senhor ; e ou fosse
 « que regada de sangue aos pés cedia
 « a terra, ou que pozesse as mãos em falso,
 « rodou sobre si mesmo, e na caída
 « lançou longe a Cepé. — Rende-te ou morre!
 « grita o governador ; e o Tape ativo.
 « sem responder, encurva o arco, e a setta
 « despede, e n'ella preparára a morte.
 « Enganou-se esta vez. A setta um pouco

« declina, e açouta o rosto a leve pluma.
 « Era pequeno o espaço, e fez o tiro
 « no corpo desarmado estrago horrendo.
 « Viam-se dentro pelas rotas costas
 « palpitar as entranhas. Quiz tres vezes
 « levantar-se do chão, caiu tres vezes ;
 « e os olhos já nadando em fria morte
 « lhe cobriu sombra escura e ferreo somno. »

Lê-se no *Caramurú* :

« Já se avistava barbaro tumulto
 « das inimigas tropas em redondo ;
 « e antes que empr'endam o primeiro insulto
 « levanta-se o infernal medonho estrondo ;
 « os marraques, napês, e o brado inculto,
 « todos um só rumor juntos compondo,
 « fazem tamanha bulha na esplanada
 « como faz na tormenta a trovoada.

« Mas quando tudo com terror fugia,
 « o bravo Jacaré se lhe põe diante :
 « Jacaré, que, se os tigres combatia,
 « tigre não ha que lhe estivesse avante.
 « Treme de Jararaca a companhia,
 « vendo a fôrma do barbaro arrogante,
 « que, com pelle coberto de panthera,
 « ruge com mais furor que a propria fera.

« Em quanto a selva passeava escura,
 « de immortaes arvoredos rodeada,
 « foi Jararaca, que a cuidou segura,
 « ferido sobre o pé de uma frechada.
 « Ficou-lhe a planta sobre a terra dura
 « em tal maneira com o chão cravada,
 « que por mais que arrancal-a d'alli prove
 « despedaçá-se o pé, mas não se move.

« Corre a turba a salvá-o, e em continente
 « voam mil setas desde a espessa rama,
 « e cad' arvore alli no bosque ingente
 « um chuveiro de tiros lhe derrama:
 « cada tronco é castello : ao lado e frente
 « a occulta multidão bramindo clama ;
 « e o resto, que em cavernas se escondia
 « ao rumor da victoria concurria.

Do que fica ahi copiado verá o illustre Sr. Pí-
 nheiro Chagas que, até antes de G. Dias, já se achava
 nas composições dos primeiros épicos brazileiros
 fundamente impresso o cunho nacional. Elles não
 tinham só « entrevisto a mina ; » tinham-n'a ex-
 plorado e com largueza e successo.

Como seguramente o critico portuguez deve
 saber, o visconde de A. Garrett, ajuiza do pri-
 meiro poema do seguinte modo : « O Uruguay,
 de José Basilio da Gama, é o moderno poema que
 mais merito tem, na minha opinião. Scenas natu-
 raes mui bem pintadas, de grande e bella execu-
 ção descriptiva; phrase pura, sem affectação;
 versos naturaes, sem ser prosaicos, e, quando
 cumpre, sublimes sem ser guindados; não são qua-
 lidades communs. Os brazileiros principalmente
 lhe devem a *melhor corôa de sua poesia*, que n'elle
 é *verdadeiramente nacional*, e legitima americana. »
 E Fernando Diniz, falando do Caramurú, diz :
 « É uma epopéa nacional brazileira que interessa
 e enleva. » Copiámos estes extractos da noticia que

vem annexa a estas duas obras, impressão de Lisboa, 1845.

Portanto, não pertence a J. de Alencar (sem querer falar em G. Dias) « a honra de ter dado o primeiro passo affeito na selva intrincada e magnificente das velhas tradições. »

Não; não só não lhe pertence similhante gloria, como até lhe pertence exclusivamente a triste celebridade de haver offerecido ao mundo como padrão da poesia brasileira, um misto de vulgaridade e de burlesco, que será sempre reconhecido por quem não fôr demasiado benevolo ou demasiado sectario, como contraste vivo da historia.

Meu amigo : desejando aproveitar o vapor (que está prestes a largar) não vou além por hoje.

Ha tanto ainda que dizer, quanto á policia da lingua, notas, carta final !...

Mas hei de levar, a missão ao cabo.

Ha n'isso alguma coisa de consciencia e de patriotismo. Digo : PATRIOTISMO!

Como sempre

Teu fraco, mas leal amigo,

SEMPRONIO.

CARTA VII

Sem mais preambulo.

Diz J. de Alencar que Martim Soares Moreno era filho do Rio Grande do Norte (*Iracêma*, pag. 93 e 180).

Diz mais que « em 1603, Pero Coelho, homem nobre da Parahyba, partiu como capitão-mór de descoberta, chegou á foz do Jaguaribe, e ahi fundou o povoado, que teve nome de *Nova-Lisboa* » (pag. 159); e que « n'esta primeira expedição (porque houve segunda, a de João Soromenho, segundo diz J. de Alencar) foi do Rio Grande do Norte um moço, de nome Martim Soares Moreno, que se ligou de amizade com Jacaúna, chefe dos Indios do littoral, e seu irmão Poty » (pag. 160).

Ora, que em 1603 partiu Pedro Coelho para colonisar o Ceará, e que em sua companhia foi Mar-

tim Soares Moreno, dizem-n'os todos os historiadores e chronistas do tempo. Pois bom; guarda tu bem em memoria, que em 1603 Martim Soares Moreno estava no Ceará com Pedro Coelho.

Mas pergunto eu : em que data se fez a conquista do Rio Grande do Norte? Vae responder por mim um historiador :

« 1597—N'este anno fez-se a *conquista* do Rio Grande do Norte por ordem de Philippe I, com o intuito de impedir aos Francezes a exportação do pau Brazil, e de domar os Potyguaras, que destruíam todas as plantações dos moradores da Parahyba, e estorvavam o progresso d'esta colonia.

« D. Francisco de Souza, Governador e Capitão General do Estado do Brazil, contribuiu com todas as despesas, á custa da Real Fazenda. A esquadra que se aprestára em Pernambuco, levando um Jesuita por engenheiro e um Franciscano por interprete da lingua dos indigenas, navegou destinadamente á embocadura do Rio Grande, que era o porto mais visitado pelos corsarios.

« A empresa teve principio com um fortim de madeira, junto ao logar onde hoje está a fortaleza dos Reis, e cujo primeiro commandante, Jeronymo de Albuquerque, teve muitos e renhidos combates com os indigenas por mais de um anno, até que travando amizade com um dos chefes, chamado Sorobabé, por mediação de um Indio al-

liado, teve a oportunidade de lançar os fundamentos da cidade, que tomou o nome do Natal, por se encontrar a inauguração da sua matriz com a festividade do nascimento do Redemptor no anno de 1599. » (*Deducção Chronologica*, do General J. I. de Abreu e Lima, pag. 62).

Do que acabo de citar, o que é que se evidencia? Que antes de 1597 não existia no Rio Grande do Norte o menor indício de colonisação, e muito menos portugueza; que só n'esse anno foi que ahi teve principio o *primeiro* estabelecimento, consistente em um fortim de madeira; e que, graças á mediação de um Indio alliado, que se relacionou com o chefe Sorobabé, foi que teve Jeronymo de Albuquerque oportunidade de lançar os fundamentos da cidade do Natal. Cumpre advertir, antes de tudo, que esses mesmos fundamentos só os poudo Jeronymo de Albuquerque lançar em 1599, porque de 1597 até essa ultima data levou elle em *renhidos combates com os Indios*. O mesmo autor, na pag. 64 da sua citada *Deducção*, diz :

« 1599. — N'este anno *começou* Jeronymo de Albuquerque, natural de Pernambuco, a *fundar* a cidade do Natal, hoje capital da provincia do Rio Grande do Norte. »

Admittida por tanto a hypothese (inadmissivel, como se provará) de haver Soares Moreno nascido no Rio Grande, este facto de modo nenhum pode-

ria ter tido logar antes de 1597, porque d'este anno para traz o Rio Grande estava em pleno dominio dos selvagens Potyguáras, que, se algumas transacções tñham, era com Francezes, « que « vinham traficar em pau brazil », como faziam na Parahyba. O autor citado refere a pag. 52 o seguinte : « Os Potyguáras, naturaes da Parahyba, unidos com os Francezes, que vinham traficar em pau brazil, faziam graves damnos aos povoados de Itamaracá e de Iguarassú, etc.

Ora, ainda admittida a primeira hypothese, fôra necessario que, ou a mãe de Moreno houvesse ido na tal *esquadra* de Jeronymo de Albuquerque, o que não é comtudo muito presumivel, porque o guerreiro devia anteceder á familia e preparar-lhe os necessarios commodos e garantias; ou que fosse ella natural do logar, o que, em todo o caso, só poderia acontecer depois de 1597.

Mas não seja esta a duvida; dêmos de barato que a mãe de Moreno fosse na expedição guerreira de Albuquerque, e até que já fosse em estado de adiantada gravidez, de sorte que logo nos primeiros dias da chegada tivesse o seu bom successo.

Combinando as datas, a que conclusão chegaremos? Á seguinte que não deixa de ser curiosa e sobretudo digna do talento *inventivo* do chefe da nossa litteratura : que Martim Soares Moreno, nascido em 1597, tinha necessariamente em 1603,

quando acompanhou Pedro Coelho ao Ceará, 6 annos de idade. Será isso crível? Examinemos bem a coisa.

O citado historiador, na pag. 70, diz que Diogo de Menezes « contentou-se com enviar ao Ceará (em 1610) um *official* portuguez, que *tinha acompanhado a Pedro Coelho* (em 1603) e se havia *conduzido bem* com os Indios, etc. » Logo, temos Martim aos 6 annos de idade feito *official*, e aos 6 annos *conduzindo-se bem* com os Indios. Esse chefe da nossa litteratura, se continuar assim dá decididamente com a pobresita em pantana! Com a litteratura só? Com a historia também, para gloria sua e dos idolatras.

Mas dirá o Sr. Alencar (digo, quem por elle), que, abrindo o 2º vol. das *Obras* de J. F. Lisboa (que substanciou os dizeres dos mais acreditados historiadores) se acha na pag. 74, o seguinte topico em seu favor :

« Tinha Diogo de Campos um proximo parente, ao qual de *mui tenra idade* fizera acompanhar a expedição de Pedro Coelho. »

Sim, senhor; vi ahi essa *mui tenra* idade. Mas, peço-lhe venia para continuar a ler o mesmo autor, na mesma pagina e no mesmo ponto, e veremos quem tem razão.

« Tinha Diogo de Campos um proximo parente ao qual de *mui tenra* idade fizera acompanhar

a expedição de Pedro Coelho, afim de que *aprendendo* a lingua dos indigenas, e *estudando* os seus *costumes*, se fizesse seu tão familiar, que elles o tivessem como amigo, parente ou compadre, segundo usam de chamar ás pessoas a quem criam affeição. »

Primeiramente o fim que teve em vista Diogo de Campos, mandando Moreno na expedição de Coelho, foi fazêl-o *aprender* a *lingua* dos *indigenas*, e *estudar* os seus *costumes*. Pois. bem : ninguém incumbe um *menino* de 6 annos de tarefa tal, evidentemente fóra do alcance ainda do mais habil n'esta idade. A historia declara ter sido Martim habil e industrioso. Mas, apezar d'isso, não é crível que em tão verdes annos, o entregasse a si sómente Diogo de Campos, homem de aviso; e muito menos que confiasse em que, em taes circumstancias, surtisse effeito o expediente. Logo as palavras *mui tenra idade* se devem entender *muito moço*, ou *rapaz*, ou *joven*, e não *menino* de 6 annos. N'aquelles tempos, em que as empresas arriscadas só eram confiadas a espiritos maduros, a homens feitos e provecctos, deveria não só despertar certo reparo expôr-se um *moço* a taes provas, como tambem ser pelos chronistas considerado de *mui tenra* idade que talvez se achava em plena *puberdade*.

Em segundo logar, cumpre ainda dizer que o

proprio citado historiador confirma em seguida esta interpretação, nos seguintes termos :

« Houve-se o *mancebo*, chamado Martim Soares Moreno, com tanto *aviso* e *discrição*, que, mallograda a expedição de Pedro Coelho, e repellidos depois os dois padres jesuitas, elle só continuou a conservar a affeição dos Indios, um dos quaes, o principal, Jacaúna, até o nomeava filho, e o acolheu com grandes alvoroços e satisfação, quando chegou ao Ceará, despachado capitão pelo Governador geral. »

Ora, primeiramente não é verosimil que uma creança de 6 annos se houvesse com esse apregoado *aviso* e *discrição*; e tanto não era creança, que o historiador lhe dá o nome de *mancebo*; e depois, releva observar que tambem inverosimil se affigura que o nomeasse capitão-mór do Ceará o Governador geral se elle tivesse 13 annos, idade que, a prevalecer a opinião do *chefe da nossa litteratura*, devia ter Martim, pois que recebeu essa nomeação em 1610.

Sempre desejára que fosse o proprio Sr. Alencar quem explicasse estes impossiveis, e não ninguém por nenhum.

Mas não é tudo. Dêmos ainda de barato que Martim acompanhasse a Coelho para *aprender a lingua e estudar os costumes* dos Indios, com 6 annos; que com 6 annos se houvesse com, todo aquelle

aviso e discrição, levando as lampas ao pratico aventureiro Pedro Coelho ; que com 13 obtivesse do governo geral a nomeação de capitão-mór do Ceará, e que com 14 tivesse aqui fundado o presidio de *Nossa Senhora do Amparo*. Isto é um impossivel contra a *razão*, mas nada será em face do impossivel contra a *natureza*, como se vae ver.

Tendo Pedro Coelho ido colonisar o Ceará em 1603, ahi só se achou até 1604 porque, usando de perfidia com os Indios e até os alliados, teve de ceder ás insidias e represalias d'estes, pondo os pés em polvorosa com sua familia para a Parahyba, fuga em que perdeu dois filhos de menor idade (Vid. a *Historia do Brazil* por Constancio, por Southey, etc).

Pergunta-se : Martim Moreno, que viera em companhia de Coelho, acompanhou-o na fuga para o primeiro estabelecimento d'este aventureiro na Parahyba? Diz-nos o Sr. J. de Alencar, que não (*Iracêma*, pag. 10 e 11.) Ouçamol-o :

« O estrangeiro disse (*á India*) :

« — Sou dos guerreiros brancos, que levantaram a taba nas margens do Jaguaribe, perto do mar, onde habitam os Pytiguáras, inimigos de tua nação. Meu nome é Martim que na tua lingua diz como filho de guerreiro : meu sangue o do grande povo que primeiro viu as terras da tua patria. Já meus *destroçados* companheiros *voltaram*

por mar ás margens do Parahyba d'onde vieram : e o chefe (Pedro Coelho), desamparado dos seus, atravessa *agora* os vastos sertões do Apody. *Só eu* de tantos *fiquei*, porque estava entre os Pytiguáras do Acaraú, na cabana do bravo Poty, etc. »

Ora, se no momento em que Martim está falando (*agora*, diz elle) Pedro Coelho atravessava em fuga os vastos sertões do Apody, está-se mettendo pelos olhos que a data em que Martim falava á India era 1604.

Logo, quer nos parecer que se Martim nasceu no Rio Grande em 1597, e se em 1603 tinha 6 annos, em 1604 devia necessariamente contar 7. Será isto logico? Talvez ponham em duvida os voluntarios cegos.

Pois bem : com 7 annos de idade, Martim Soares Moreno pelejava como guerreiro consummado, desbancava o famoso chefe Mel Redondo, conquistava a India Iracêma, e tinha d'ella um filho! Com 7 annos!

Explica-me a coisa, Cincinnato, com as tuas tão escolhidas facecias. Faz-me essa obra de caridade.

Teu sempre fiel amigo,

SEMPRONIO.

CARTA VIII

Illustre e douto escriptor : Parece-me haver provado, de modo irrecusavel, carecer a *Iracêma* do vigor e brilho, que a genuina interpretação da historia attribue á poesia indigena brazilia.

Provei, cotejando capitulos inteiros da obra de J. de Alencar, com extractos dos nossos primeiros modelos, que essa falta se lhe nota, até quando menos o fôra de esperar, isto é quando se trata das proprias guerras — foco principal, senão unico, das paixões d'esse povo. E como não havia de ser assim, se isso mesmo entrou nos planos do Sr. Alencar — assignalar essa poesia — obra sua — pelo character que lhe dá em todas as condições, circumstancias e assumptos da vida selvagem? Fallaz illusão, que só o mais desregrado e balofo orgulho explica.

Eis o que encontro n'um historiador :

« Tudo nos *Tupys* (os Indios que figuram na *Iracéma* são todos d'esta raça) respirava guerra : o nascimento, a educação, o casamento e a morte, os seus habitos, as suas idéas e a sua religião. Se a mãe chorava com as dôres da maternidade, aquellas lagrimas podiam cair sobre o coração do menino e tornal-o covarde : convinha portanto matal-o. (Laet, *Ind. Occ.*, L. 17, cap. 15.)

« Apenas nascidos, eram pintados com as côres da guerra, o urucú e o genipapo, como se o negro e o vermelho d'aquellas tintas symbolisassem o sangue e o lucto; a seu lado depositavam um arco e frechas, que os acompanhariam meninos, jovens, adultos, guerreiros, e depois de velhos, e depois de mortos.

« Apenas saídos da infancia, um baptismo de sangue os aguardava; furavam-lhes os labios e os lobulos das orelhas, e davam-lhes um nome que com aquella provança mereciam (*Relation du voyage de Roulox Baro*, Trad. de Morau, pag. 233).

« Cresciam no meio de exercicios physicos que lhes desinvolviavam todas as forças do corpo, tornavam-se homens no meio de fadigas, e só eram recebidos guerreiros á força de martyrios. Para o casamento era preciso conquistar uma mulher, e fazer um prisioneiro, ou levar a palma aos outros em força e agilidade; na morte só os grandes iriam

para além das altas montanhas, onde os seus maiores amigos e parentes os esperavam na deliciosa beatitude do ocio entremeado dos prazeres da caça e da pesca.

« Um cantico de guerra os acompanhava do berço á sepultura, e fabricavam as suas armas ao som de cantigas que narravam os aggravos recebidos dos seus em tempos anteriores, e como todos aquelles que prezam em primeiro logar as forças physicas e a coragem. » (G. Dias, *Obr. Post.*, vol. VII, pag. 204 e 205).

Ora, se « entre os *Tupys* era tudo poesia » e se, por outro lado, « tudo n'elles respirava guerra » como conceber-se que pretenda realizar o legitimo typo uma poesia que, além de forçada, é imbelles e molleirona, qual a da *Iracêma*?!

Porém não é só n'isso que o autor tem em pouco, sem autoridade nem razão, a historia. Adoptado o dissolvente systema de demolir ou innovar *quand même*, leva adiante o sacrilegio contra o legado que os tempos nos transmittiram, não para que o profanassemos, senão para que lhe rendessemos a veneração, legitimamente devida ás reliquias augustas do engenho e da observação; não para que apagassemos a lampada, mas para que nos servisse ella de pharol, tanto no presente como nas edades vindoiras.

Mas o que queres, meu amigo? Se o Sr. Alencar

entende, por ser quem é, que em tudo tem carta branca para devaneiar..... Se até na jurisprudencia criminal, de natureza puramente positiva — (*stricti juris*) tem elle a singular pachorra de deduzir, do silencio da lei, *pena de prisão*...! Já viste espirito mais *liberal* e *elevado*? Ha de ser difficil.

Lê-se na *Iracêma*, pag. 5 :

« Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante d'ella, e todo a contemplal-a está um guerreiro estranho, etc. (É Martim).... Foi rapido, como o olhar o gesto de Iracêma. A *frecha*, embebida no *arco*, partiu. »

Lê-se na pag. 27 :

« A virgem retrahiu d'um salto o avanço e *vibrou o arco*. »

Lê-se na pag. 45 :

« A virgem, avistando a figura sinistra de Irapuam, saltou sobre *o arco*, etc. »

Lê-se na pag. 85 :

« ... O christão defende-se apenas; mas a setta *embebida no arco* da esposa, etc. »

Esse constante uso que faz a India das armas guerreiras é desmentido pela historia. Só entre os *Tapuyas*, mais embrutecidos e barbaros, se permittia ás mulheres usal-as. Entre os *Tupys*, porém, « ciosos da sua dignidade », ás mulheres não era licito trazerem armas; não caçavam e

muito menos pelejavam. O Sr. Alencar ignora isso? Não ignora, mas não aceita, está acabado.

Lê-se na pag. 24.

« Iracêma sentiu que sua alma se escapava para embeber-se no *osculo* ardente. »

E na pag. 53 :

« Iracêma tomou a mão do guerreiro branco e *beijou-a.* »

Recorrendo-se ao *Glossario* do Dr. Martius, encontra-se com effeito o verbo tupico *piter* (ou *pê-têra*, segundo o muito acreditado Vocabulario do Padre M. J. S., lente de Lingua Geral no Seminario Episcopal do Pará) com a accepção de — beijar. Esta accepção é, porém, evidentemente figurada, ou adoptada na carencia do termo primitivo; a propria é chupar, sorver, vindo de *pêtêma* ou *petum* ou *pitum*, tabaco, fumo, como se dissessem — sorver, aspirar a fumaça.

Isto me confirma a crença de que, no puro estado selvagem, os nossos Indios não conheciam o beijo, e que este lhes foi transportado e ensinado pelos colonisadores; muito menos como signal de reconhecimêto, digo de gratidão, qual o emprega o autor na segunda das passagens citadas. « O beijo — diz-nos uma grande autoridade no assumpto — se nos apresenta como a expressão natural da affeição; todavia elle era *inteiramente* desconhecido dos habitantes do Taiti, dos Neo-

Zelandezes (D'Urville, vol. II, pag. 561), dos Papuás (Freycinet, vol. I, pag. 56), dos aborigenes da Australia, dos Esquimaus (*Journal de Lyon*, pag. 353.) » E porque não dos selvagens do Brazil?

Lê-se na pag. 79 :

« A virgem pendeu a fronte; velando-se com as longas tranças... recolheu em seu *pudor*. »

E na pag. 70 :

« Quando veio a manhã, ainda achou Iracêma alli debruçada... Em seu lindo semblante accendia o *pejo* vivos *rubores*, etc. »

Rubor, pejo? Têl-os-hiam acaso?

N'uma sociedade, em que os instinctos e sentimentos da honestidade feminil se gastavam desde os mais verdes annos, ao attrito e ao espectaculo permanente da vida licenciosa, que esgotava toda a sorte de abominações e turpitudes, poder-se-hia levar á puberdade o que só o recato alimenta e guarda? Por outra : podiam elles ter o que não tinham por essencia da sua propria sociedade? G. Dias, de todos os historiadores de Indios o que mais os favorece, e ameniza a sua rudeza e fragilidades, diz (e é sabido) que « as mulheres em solteiras se prostituam *facilmente*. » Fala-nos elle — é verdade — de um chamado pudor; mas em que consistia este? Eis o que refere o illustre escriptor : « O seu pudor (falando das mulheres)

revelava-se na *honestidade dos gestos e maneiras*, e no *mais* consistia em não mostrarem nunca signaes de... que, ou não tinham pelo frequente uso de banhos, etc. »

Não se vê que aqui o pudor, esboçado com cores tão vagas e indistinctas, parece antes generosa concessão do poeta?

Mas observa o Sr. Alencar na sua carta final : « O estudo da lingua indigena, é o melhor criterio para a nacionalidade da litteratura. Elle nos dá não só o verdadeiro estylo, como as imagens poeticas do selvagem, os modos do seu pensamento, as tendencias do seu espirito, e até as menores particularidades da sua vida. »

Entre parenthesis : esta idéa não é do Sr. Alencar, bem que só elle lhe haja dado tamanha latitude. Humboldt, que o Sr. Alencar não quiz citar, sem duvida por não conhecer autoridade acima de si nem mesmo Humboldt, (que loucura!) disse : « Creio que se fossem bem estudados os idiomas dos selvagens, achar-se-hiam n'elles mais riqueza, e gradações mais delicadas, do que se devera esperar do estado inculto dos que falavam. » D'Orbigny abunda na mesma opinião, que é commum a muitos outros historiadores. Caberiam aqui outras ordens de considerações sobre alguns pontos mais da carta do Sr. Alencar, que todavia nos reservamos para produzir quando tratarmos espe-

ciálmente da referida carta, por assim o aconselhar a melhor distribuição da analyse.

Abro o Glossario e encontro com effeito o vocabulo *pouçú*, trazendo a seguinte significação : respeitar com algum pejo; e est'outro — *poçúcaba*, naturalmente derivado do primeiro com a significação de — acatamento. Á excepção d'estes dois vocabulos, nenhum outro ha, que eu saiba, da lingua geral, exprimindo a idéa do attributo moral.

Mas pergunta-se : pelo simples facto de virem consignados ahi estes termos, devem ser elles recebidos sem quarentena? Ninguem dirá que sim, porque ahi tambem vem vocabulos evidentemente intercalados na lingua dos selvagens pelo trato d'estes com os europeus; por exemplo : *coaracy-rangába*, relógio de sol, *coatiçára*, escrivão, *imirarerecoára*, meirinho, *imirarereocú*, ouvidor, e muitos outros. Logo, cumpre fazer a devida digestão.

Primeiramente, a nossa razão indaga se a idéa expressa repugnava, ou se, pelo contrario era compativel com o estado moral da sociedade dos incolas primevos. Com bons argumentos ninguem dirá que tal idéa o era.

Em segundo logar, sendo assim, somos inclinados a presumir que os vocabulos foram, como tantos outros introduzidos pelos colonos estran-

geiros. Além dos motivos já expendidos fortalecem-me a crença de serem esses vocabulos oriundos da necessidade de exprimir idéas adventicias, estas duas considerações : 1º o dar o Dr. Martius o termo *pouçú* na qualidade de duvidoso ou incerto, perguntando se será portuguez; 2º o vir este termo (sómente escripto d'este modo — *possú*) no Vocabulario já referido, com as accepções de — 'respeitar, ter respeito. Ora, respeito não é o mesmo que pejo; e a idéa de respeito não só não repugna como a outra, se não que é toda conforme com qualquer sociedade barbara. Quanto a mim, pois, é manifestamente preferivel a accepção trazida pelo Vocabulario, obra de autor nacional, mais no caso por isso de ter estudado melhor a lingua!

Mas diz o Sr. Alencar que « os dictionarios são imperfeitos e espúrios » (a idéa não é d'elle, como provaremos opportunamente.) Quem nos dará, pois, a solução do problema? O Sr. Alencar não nos ensina o meio de sairmos d'esta difficuldade, mas ensinam-nol-o a razão e o bom senso. Voltemos-nos para aquelles, que teem estudado as raças selvagens no meio d'ellas; e os seus estudos nos servirão de guia ou de phanal n'este oceano de duvidas e incertezas. Monalt, nas suas *Recherches et aventures chez les insulaires des Andaman*, diz que estes selvagens são « destituidos de todo sentimento de *pudor*, e muitos dos seus habitos assi-

melham-se aos do bruto. » O capitão Cook em sua *Voyage au pôle sud* diz que os habitantes do Taiti são *absolutamente* carecedores de toda a idéa de *decencia*, ou antes de *indecencia*. » « Sem duvida — accrescenta Lubbock, que cita Cook — isto provinha em parte de serem as suas habitações abertas, e não divididas em compartimentos separados » (como eram as dos nossos Indios). Gabriel Soares no seu *Roteiro* diz : « Como os paes e as mães veem os filhos com meneios para conhecer mulher, elles *lh'a buscam*, e os ensinam como a saberão servir : as femeas *muito meninas*, esperam o macho, etc. » N'este sentido haveria innumeras citações que fazer, cada qual mais autorisada. Onde, pois, a idéa de pudor? e, se a não havia nem n'um nem n'outro sexo, como existiria o termo, senão depois do trato com os europeus ?

O Sr. Alencar disse que o pejo accendeu vivos *rubores* na Iracêma. Como rubores? Não se encontra n'esses mesmos espurios dictionarios termo que signifique — córar. No Vocabulario acha-se o verbo *pucanú* com esta accepção, mas é erro, por — curar. Tanto é erro, que no Glossario vêem os termos *poçanoug* e *pocanga*, o primeiro exprimindo — curar, e o segundo — medicina. Spix e Martius asseguram que os nossos Indios « não sabiam o que era *córar*, e que sómente depois de *longas* relações com os europeus foi que a *côr* se tornou —

entre elles o indicio de uma commoção da alma. » (*Reise in Brasilien*, vol. I, pag. 376.)

No dictionario da lingua tupy-austral, encontra-se o vocabulo — *córar, mopyranyapó* — (fazer vermelho). Mas, além de se presumir importado, como se demonstrou, accresce que não era esta lingua a que se falava entre os Indios do Ceará.

Devo declarar, meu amigo, que, se desço a taes minudencias, que talvez pareçam exaggerado rigor, e que eu de certo não teria senão para o *chefe* apregoado e decantado de *uma litteratura*, é porque elle diz que os seus selvagens tem a « rudez ingenua de *pensamento e expressão*, que devia ser a linguagem dos indigenas. » Está enganado; não a tem tal, não só no que fica dito, como tambem no que a seu tempo se dirá.

Lê-se na pag. 31 :

« — Teu hóspede fica, virgem dos olhos negros : elle fica para ver abrir em tuas faces a flôr da alegria, e para colher, como a abelha, o mel de teus labios.

« Iracêma soltou-se dos braços do mancebo, e olhou-o com tristeza :

« — Guerreiro branco! Iracêma é filha do *Pagé*, e guarda o segredo da jurêma. O guerreiro, que *possuisse* a virgem de Tupan morreria.

« Martim torna a si e responde :

« — Os guerreiros de meu sangue trazem a

morte comsigo, filha dos Tabajáras. Não a temem para si, não a poupam para o inimigo. Mas nunca fóra do combate elles deixaram *aberto* o *camocin* da virgem. »

Dize-me uma coisa : se tu não soubesses o que em lingua geral significa — *camocin*, depois d'aquelle *introito* do dialogo, que idéa ficarias fazendo d'esse *camocin aberto* da virgem?

E a pia leitora como não córaria até que verificasse o sentido do vocabulo túpico?

Teu leal amigo e respeitoso admirador,

SEMPRONIO.

CARTA IX

Meu amigo.

Comprimento-te, e continúo.

Lê-se na pag. 84 da *Iracêma* : « — *Se o guerreiro Cauby tem de morrer, morra elle por esta mão, e não pela tua.*

« *Martim pôz no rosto da selvagem olhos de horror :*

« *Iracêma matará seu irmão? — Iracêma antes quer que o sangue de Cauby tinja sua mão que a tua; porque os olhos de Iracêma veem e a ti, a ella não. »*

Explica-me esta filigrana, que o Sr. Alencar não achou planta exotica n'uma sociedade, onde o sangue, longe de infamar, exaltava, porque era prova de gentileza e bravura.

Entretanto, ao passo que tinha tal *fineza* para o

amante, não vacillava diante do exterminio da tribu inteira, que uma palavra sua poderia salvar. Assim, lê-se na pag. 52 :

— « *O estrangeiro está salvo* (diz ella); *os irmãos de Iracêma vão morrer, porque ella não falará.* »

N'estes irmãos, além de Cauby, estava comprehendido o próprio pae, o pagé. Será tudo, muito poetica, muito romantica, menoslogica, similhante sensibilidade.

Não só isso, como tambem o que se segue, é prova de que ella não sentia lá grande affecto a esse pae, apezar de a estimar elle em tanto. Assim, lê-se na pag. 143 :

— « *Ainda vive Araken sobre a terra?* (perguntava a India a Cauby, que fôra ter com ella ás praias do mar).

« PENA ainda ; depois que tu o deixaste, sua cabeça VERGOU para o peito, E NÃO SE ERGUEU MAIS.

— « Dize-lhe que Iracêma é morta já, para que elle se console. »

E foi preparar a refeição, armar a rêde, etc.

Para não offender Martim, que ella, como se tem visto, superpunha ás mais naturaes affeições, deixou de chamar aos Potyguáras (a cuja tribu pertencia Poty, amigo de Martim) *Potyúaras*, nome que davam os Tabajáras (dil-o o Sr. Alencar)

áquelles por escarneo, significando *comedores de camarão* (Vid. a pag. 51).

Mas, se ella observava tal delicadeza, que faria inveja a muita gente civilizada da sociedade em que vivemos, onde não só nos offendem na pessoa dos nossos amigos, mas até nos assacam a nós proprios pelos *diarios* toda a sorte de doestos (nós temos sido d'estas victimas), como não evitava a Martim a *protecção* impertinente que o *desgostava* (pag. 45), dando logar a Mel-Redondo dizer a elle: « — *Vil* é o guerreiro, que se deixa *proteger* por uma mulher » (pag. 28)? Se se mostrava tão fina e escrupulosa alli, tratando-se de um amigo do amante, como não o fazia quando aqui se tratava do pundonor, do brio (que era tudo entre os selvagens) d'elle proprio? Ah! Iracêma, tu foste o primeiro fructo, absono já, da arvore estranha, que devia mais tarde produzir a Diva, *et reliqua!*

Em mais de um passo se notam arranjos de phrase, que se affiguram só proprios da linguagem polida. Assim, lê-se na pag. 21 :

— « *Iracêma... nunca sentiu a FRESCURA DO SEU SORRISO.* »

Sei que possuíam os *Tupys* o vocabulo *yroiçang*, *frescura*, *viração*. Mas não obstante, ninguem contestará que *frescura de sorriso* seja um dizer figurado, só possivel na linguagem de uma sociedade de outra ordem, que não a dos selvagens,

Entre nós mesmos, só nas classes mais elevadas se poderá usar de tal *melindre e belleza* de pensamento e de expressão.

Ha um grande erro de fórma na obra do Sr. Alencar : Essa linguagem, sempre figurada, que elle põe a cada instante na bocca dos barbaros, como se fossem todos poetas.

Está enganado ; o uso, que faziam dos tropos, era determinado tão sómente pela necessidade, quando tinham de exprimir as idéas abstractas, para as quaes lhes faltavam termos. Fôra d'isso, o seu modo de exprimir-se havia de ser grosseiro, rustico e simples, porque a mais lhes não permitia subir o estado de embrutecimento intellectual e moral, em que o seu espirito jazia immerso. É o que dizem todos os autores.

Lê-se na pag. 12 :

« — *Estrangeiro, Iracêma não póde ser tua serva. É ella que guarda o segredo da juréma e o mysterio do sonho. Sua mão fabrica para o pagé a bebida de Tupan.* »

E na pag. 32 :

« — *O guerreiro, que possuisse a virgem de Tupan, morreria.* »

Inverosimil, porque a virgindade entre elles nunca foi signal de distincção ou valia, de sorte que a perda d'ella importasse opprobrio ou menosprezo ; e ainda porque, se o fabrico da tisana

da jurêma era segredo d'alta importancia, pois que d'elle dependia o prestigio do pagé, não lh'o teria este confiado. Os pagés, por isso que eram impostores, deviam necessariamente ser, e o eram, tambem muitissimo ciosos da sua autoridade, e a a não exporiam (como a não expunham) á mulher, ente reputado vil entre elles. Falando dos pagés, diz G. Dias : « Eram anachoretas austeros, que habitavam cavernas hediondas, nas quaes, *sob pena de morte*, não penetravam profanos. » (*Prim. cant.*, not.) E mais : « Fugindo d'essa tal qual sociedade que tinham, retiravam-se a cabanas affastadas e obscuras, ao ôco das arvores, á lapa dos rochedos ou ás cavernas tenebrosas, onde *nenhum* guerreiro entrava, e de cuja vizinhança se abstinham. » (*Obr. Post.*) E mais : « Os *segredos*, que possuiam, obtidos pela observação e experiencia, ou herdados dos seus antecessores, eram como o *sello* da sua *autoridade*, e o *caracteristico* do seu *valimento* para com Deus. » (*Ibid.*) Como, pois, entregaria Araken a outrem (fosse quem fosse) a alma da sua impostura, que se poderia converter de chofre em arma contra elle proprio ?

Se o Sr. Alencar entendeu poder justificar a anomalia com o que refere G. Dias n'estes termos : « Um prestigio de tal ou qual *consideração* rodeava as mulheres no seu estado de *virgindade*, porque *só ás virgens* era permittido mastigar a mandioca

para fabricar o *cauim* » enganou-se ; primeiramente, o proprio G. Dias cita Dobrizhoffer, que « tratando do *chiça*, que é uma especie de *cauim*, parece indicar que só as velhas o fabricavam » : em segundo logar cumpre dizer que se os homens remettiam esse direito, ou melhor essa obrigação para as mulheres, era porque, segundo diz Lery « julgavam elles que isso lhes fazia mal, e o reputavam *indigno* do sexo. » Mas o mesmo se poderia acaso entender do fabrico da *bebida de Tupan*, que encerrava o *mysterio do sonho*?

O que, porém, principalmente admira, meu amigo, é, já não digo achar-se senhora dos segredos do sacerdote uma mulher, mas ser a cabana d'este accessivel a profanos, estrangeiros, e até inimigos !

Por exemplo : na pag. 44 lê-se :

« Araken viu entrar na sua cabana o grande chefe da nação tabajára. » O chefe não só entrou, como n'ella ameaçou o pagé ; é o que se vê da pag. 46 : « — ... « tu que ameaças em sua cabana o velho Pagé. »

Mas emfim, como se trata do chefe, o grande Irapuam, dou de barato que o fizesse, bem que os historiadores não assignalem excepção de especie nenhuma, e digam positivamente, como se viu, que incorria em *pena de morte* quem ousava penetrar na habitação do sacerdote de Tupan.

Com espanto vemos o proprio sacerdote dizer á filha, na pag. 54 :

« — Se os guerreiros de Irapuam vierem contra a cabana, levanta a pedra e esconde o estrangeiro no seio da terra. »

Devo dar algumas explicações. Quando Irapuam invadiu a cabana de Araken, com o fim de apoderar-se de Martim, de quem tinha ciumes, pela Iracêma, o velho « avançou até o meio da cabana (palavras do Sr. Alencar), e alli ergueu a grande pedra e calcou o pé com força no chão : subito, abriu-se a terra. Do antro profundo saiu um medonho gemido, que parecia arrancado das entranhas do rochedo.

O Sr. Alencar explica o prodigio em nota a pag. 175. Eis as suas palavras : « Todo esse episodio do rugido da terra é uma *astucia*, como usavam os pagés e os *sacerdotes de toda a nação selvagem*, para *impôrem* á imaginação do povo. A cabana estava assentada sobre um rochedo, onde havia uma galeria subterranea que communicava com a varzea por estreita abertura ; Araken tivera o cuidado de tapar com grandes pedras as duas aberturas, para *occultar* a gruta dos guerreiros. N'essa occasião a fenda inferior estava aberta e o Pagé o sabia ; abrindo a fenda superior, o ar encanou-se pelo antro espiral com estridor medonho, e de que pôde dar uma idéa o susurro dos cara-

mujos. O facto é pois natural ; a apparencia, sim, é maravilhosa. »

Vemos, portanto, que essa *astucia*, que devia ter custado a Araken, e que estava no seu interesse manter mysteriosa e imperscrutavel, afim de *impôr-se á imaginação do povo*, de repente a desvenda elle proprio, e a entrega a um *desconhecido*, que, saindo d'alli, poderia ir apregoar a impostura, dando logar a decair do publico conceito quem só a ella devia o prestigio, que o fazia respeitado e terrivel. Certamente os pagés, posto que selvagens, não cairiam em tamanha indiscrição, que importaria o suicidio de seu maravilhoso poder.

Mas emfim, não só Araken ordenou á filha que escondesse o estrangeiro na caverna, senão que o estrangeiro chegou a penetrar effectivamente n'ella, como se vê da pag. 60 : « *Iracêma cerra a mão do guerreiro, e o leva á borda do antro. Somem-se ambos nas entranhas da terra.* »

D'est'arte os preconisados sigillos e mysterios das cavernas dos pagés e dos seus ritos, de que positiva e terminantemente nos dá noticia a historia, ficam sendo mera burla em face do capricho do Sr. Alencar. Como comprehendeu mal o Sr. Alencar as tradições e crenças dos Indios, de que fez tamanho alarde nas suas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* ! Profanos e estranhos penetram

nos reconditos recessos, vedados *sem excepção* a todos, menos ao sacerdote, representante de Deus; Iracêma leva o estrangeiro ao bosque sagrado (pag. 26); dá-lhe a beber do licor prestigioso, reservado aos guerreiros (pag 23); o que mais resta? Está tudo aniquilado. Engano-me; ha coisa ainda mais aggravante. Queres ver, meu amigo? Pois é já.

Lê-se na pag. 63 :

« Iracêma e o christão, perdidos nas entranhas da terra, descem á gruta profunda. Subito uma voz que vinha reboando pela crasta, encheu seus ouvidos. »

De quem avalias tu que seria a voz que profana a *gúella de Tupan*? De algum guerreiro de Irapuam? Não. De alguma mulher? Não. De algum desconhecido ou forasteiro, como Martim? Tambem não. Ouve tu :

« — O guerreiro do mar escuta a fala de seu irmão?

« — É Poty, o amigo de teu hóspede — disse o christão para a virgem. »

Sim, meu amigo, era Poty, o grande chefe Potyguára, Poty, o implacavel inimigo dos Tabajáras, Poty « cuja fama (textual) subiu das ribeiras do mar ás alturas da serra »; Poty contra quem « rara é a cabana onde já não rugiu o grito de

vingança, porque em quasi todas o golpe do seu válido tacape deitou um guerreiro tabajára em seu camocim. » (pag. 52.)

Eis o pagé exposto, desmascarado o seu embuste, por terra o seu encanto e poder, exposta tambem a tribu, na pessoa do seu sagrado ministro! Tudo estava nas mãos do inimigo. Eis ao que dá logar fazer-se de uma mulher (contra o uso inveterado) acolyto do sacerdote, ou iniciarem-n'a nos solemnes e profundos arcanos de Tupan!

E, em definitiva, quem é que tem a culpa da rude inversão, tão estranhamente operada nos estylos, quer civis, quer de religião, da familia barbara? Se não é sempre o amor, não deixa de ser elle em grande parte. O amor de Iracêma a Martim leva-a a estancar o sangue que ella mesma derramou da face do guerreiro, e no mesmo instante em que o fez (não muito natural); a vibrar, em sua defeza, o arco e a frecha (contra os usos); a dar-lhe a beber a tisana do sonho, a penetrar com elle no bosque do sacrificio, e, por consenso e até por ordem do pagé! na furna sagrada (contra o rito).

O Sr. Alencar parece ter a paixão de demolir. Basta pertencer ao passado para provocar as suas iras; basta ser venerando para leval-o ao sacrilegio. Que indole! Que natureza! E chama-se aquillo *conservador*!

Queres tu saber, meu amigo, o que entendo que se deveria fazer, no caso do autor da *Iracêma*? Ouve lá.

Entendo que se deveria pôr o amor em luta com a superstição — a paixão barbara bracejando com a crença barbara; Iracêma loucamente amando, mas firmemente respeitando a liturgia gentílica. D'ahi, que embates de sentimentos, que acerbos desesperos, acções grandiosas, episodios tremendos, sacrificios inauditos, satisfações inéffaveis! — « Guerreiro branco (diria a India a Martim), a gruta do sacerdote é absolutamente inaccessivel e impenetravel; alli está o segredo do prestigio e do poder; a ninguém é dado, nem mesmo a Irapuam, sondar o mysterio do abysmo! Se lograsses recolher-te n'esse asylo, estarias salvo; quem se atreveria a ir disputar-te a Tupan? Ah! mas como não se viola impunemente o rito tremendo, eu expiarei por ti a profanação sem equal; salva-te, que Iracêma te irá esperar na deliciosa mansão das montanhas azues. » Isto, sim, estava na indole e na paixão decidida, heroica, estoica, da selvagem, que soffria o sacrificio rindo e cantando.

Não seria mais logico e talvez mais bello, do que a relaxação, que se nota do sentimento religioso da parte do proprio, que tinha interesse em cada vez fortalecer mais o elemento da superstição?

Responde-me : está ou não aniquilada, na obra do Sr. Alencar, a theogonia dos *Brazis*? Quem matou o gaúcho, infirmou se não matou tambem o Indio !

Mil attenções do

Teu amigo certo,
SEMPRONIO.

CARTA X

Meu amigo :

Na minha 5ª carta falei-te da villania commetida por Martim na cabana hospedeira.

Sabes como a coisa se passou? Sonhando, meu amigo, sonhando.

Elle tomou o elixir para gozar *sem abusar*, mas foi peior a emenda que o soneto; tão depressa o enguliu, quanto prestes a rôla (até então arisca — pag. 32) correu soffrega a cair entre as garras do milhafre, que, por estar adormecido e inerte, nem por isso foi menos carniceiro. Nunca tão *facilmente* « *perdeu Tupan uma virgem na terra dos Tabajáras* ». Prodigio da jurêma!

Queres que te diga uma coisa? Alli houve finura do Martim. Lá que o homem tinha saberetes, tinha-os; para se disfarçar na facção dos barbaros que

abordou a nau hollandeza, chegou a *coatyar-se!* (O tupyismo é do Sr. Alencar—Vid. a pag. 185.)

Mas... discutamos. Poder-se-hia exercer no espirito do homem culto a influencia da droga do gentio? Tenho minhas duvidas.

Reconheço que só á sciencia competiria proferir a ultima palavra na questão. É, porém, de crer que n'este, como em tantos outros pontos, a imaginação dos selvagens, dada á exaltação e ao maravilhoso, avultava effeitos, que, quando muito, seriam narcoticos.

Sabe-se que os vegetaes que tinham d'esta propriedade, eram estimados em muito aprêço pelos Indios. Aspirando o tabaco era que Caraïbas e Pagés transmittiam aos guerreiros o « *espirito da força.* » Não proclamavam os agoiros, nem celebravam as suas mais solemnes festividades ou ceremonias, abstrahindo do uso d'esta planta.

Sem duvida, uma vez conhecido que ella produzia o somno, tornando assim possível occorrerem os sonhos, que eram entre elles da mais alta importancia, passou a ser considerada agente de sobrenaturaes virtudes e a ter esta lata applicação. Da identidade de prestimo é licito seguramente originar o conceito em que era tida a acacia jurêma.

Quem tinha « feitiços, que as mais das vezes não passavam de osso de algum animal carnivoro, de uma aranha dissecada, dos membros de sapo,

ou mesmo de alguma producção mineral ou *vegetal* sem *prestimo*, como sem *virtude* » não admira, que, depois de haver bebido uma preparação apre-goadá pelos pagés e reputada por todos miraculosa, possuísse ou fruisse em sonho, ou antes em tres-vario, aquillo que, em seu juizo — anhelava.

Cabe todavia notar que, tanto para mim como para muitos, a quem tenho ouvido, é inteiramente novo o merito attribuido pelo Sr. Alencar áquella mismoseacea — de fazer a pessoa *fruir* no sonho melhor do que na realidade. Nunca ouvi referir á beberagem da jurêma outro mister que não fosse ode — fazer o Indio ver no futuro. Para mais força, declino a autoridade de Pompeo, que ninguem dirá não ser competente : « — *Jurêma preta* — planta commum em todos os taboleiros e varzeas do sertão. Sua casca é tonica, de natureza estupefaciente : os Indios preparavam com ella uma tisana narcotica, e com o seu uso caíam em uma especie de magnetismo, em cujo estado pretendiam *ver o futuro*. » (*Ens. Est.* do Ceará, vol. I, p. 173.) O Sr. Alencar não só lhe attribue a virtude de fazer gozar-se em sonho o que se almejava, como precisamente a de fazer ver e *reviver* no *passado* : Martim, tendo bebido do elixir barbaro, « sentiu perpassar nos olhos o somno da morte ; porém logo a luz inundou os *seios da alma* ; a força exuberou no coração. *Reviveu* os dias *passados* melhor

do que os tinha vivido : *fruiu a realidade* de suas bellas esperanças. » (*Iracêma*, pag. 23.)

Outra observação me occorre adduzir : os selvagens fundavam, em geral, as suas usanças nas analogias ; um exemplo : « Para os homens escolhiam nomes que exprimissem a força, a robustez, a coragem ; era a anta, o tigre, o ipê, a palmeira, a frecha, o arco ; — para as mulheres os dos objectos mais brandos, mais doces, mais delicados — das aves, dos fructos e das flores : era o romper d'alva, o cipó flexivel, a junça do brejo. » Não deixa pois de ser estranhavel que, para se transmigrarem a bizarras delicias usassem de uma bebida de sabor amargo e de cheiro acre e nauseabundo, quando tinham o *cavin* — o seu licor por excellencia —, e outros muitos vinhos, de que, no dizer de Fernando Denis « se não contavam menos de trinta e duas castas. » A operação de adivinhar era ardua, arriscada e de grave compromettimento ; não admira, antes é logico, que se servissem, para entrarem no espirito prophetico, de uma bebida desagradavel, que fosse tida como á conta de provação para conseguirem o grandioso fim. Mas poder-se-ha dizer o mesmo da operação de gozar ?

Cómo quer que fosse, prevaleça a opinião isolada e inexplicavel do Sr. Alencar, ou a de Pompêo, que está de acordo com a geral tradição e com a

a lei invariavel das analogias entre o objectivo e o subjectivo, o que parece dever presumir-se fóra de toda a duvida é que taes effeitos (quaesquer que fossem) não se exerceriam senão no espirito visionario, carregado de abusões innumeradas do Indio.

Martim não estava n'este caso; era espirito mais ou menos culto e sobretudo forte; não é natural que participasse de boafé do fetichismo e credices dos barbaros. Entretanto do que nos previne a seu respeito o Sr. Alencar? Além do que consta da citada pag. 23, offerece-nos o seguinte, que reproduzo por extenso para toda clareza:

« Quando Iracêma foi de volta, já o Pagé não estava na cabana. (Pagé parece que quiz mesmo favorecer o estellionato, porque, estando a principio « no recanto escuro e tendo soltado um gemido quando o estrangeiro *premia* (apertava) ao seio a moça » (pag. 67) retirou-se depois a deshoras e a proposito, deixando-os sós e á vontade). Tirou do seio o vaso, que alli trazia occulto sob a carioba de algodão entretecida de pennas. Martim lh'o *arreatou* das mãos (que gana!), e libou as gotas poucas do verde e amargo licor. Não tardou que a rede recebesse seu corpo desfallecido.

« Agora podia viver com Iracêma, e colher nos seus labios o beijo, que alli viçava entre risos, como o fructo na corolla da flor. Podia amal-a, e

sugar d'esse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

« O gozo era vida, pois o sentia mais vivo e intenso; o mal era sonho e illusão, que da virgem elle não possuia mais que a imagem. » Não entendendo.

« Iracêma se affastára oppressa e suspirosa.

« Abriram-se os braços do guerreiro e seus labios; o nome da virgem resouu docemente; etc., etc., etc. (pag. 69) » O capitulo conclue-se com estas significativas palavras : « A jandaia, não tornou á cabana. Tupan já não tinha sua virgem na terra dos Tabajáras. » A jandaia, conforme se vê, parecia ter mais sentimento moral do que a India (que não quiz guardar a fé do seu cargo), do que o porprio Martim (que abusou, é verdade que *em sonho*, da confiança e da hospedagem).

Com effeito, depois da catastrophe, a tal ave-sinha emigrou e foi-se, até que uma vez reapareceu, quando « a formosa filha de Araken se lamentava á beira da lagoa da Mocejana..... Iracêma lembrou-se então que tinha sido *ingrata* para a jandaia, esquecendo-a no tempo da felicidade. » (pag. 126.) Admira que, reputando-se *ingrata* para a jandaia, não se reputasse tal para seu pae e os seus, tanto que « não se *arrependera* ainda de os ter abandonado. » (pag. 125) « A linda ave não deixou mais sua senhora; ou porque depois da

longa ausencia *não se fartasse de a ver*, ou porque *adivinhasse* que ella *tinha necessidade* de quem a acompanhasse em sua solidão » (ibi.) Não parece que a penna que lançou estas idéas, teria mais tarde de lançar estas outras, senão as mesmas e nas mesmas expressões, referindo-se a uma egua : « *Antevia que tinha necessidade* do homem, carecia do seu auxilio, etc. »? (Vide *Gaúcho*.) Voltemos a Martim.

Eil-o, pois, presa tambem das abusões dos selvagens, crendo nos sonhos, nos fetiches, nos manitós sem duvida, nas pernas da aranha e nos membros de sapo.

Não colhe o dizer o Sr. Alencar em a nota a pag. 165 : « Desde já advertimos que não se estranhe a maneira porque o estrangeiro se exprime falando com os selvagens; ao seu perfeito conhecimento dos usos e lingua dos indigenas, e sobretudo a ter-se conformado com elles a ponto de deixar os trajos europeus e pintar-se, deveu Martim Soares Moreno a influencia que adquiriu entre os Indios do Ceará. » Não colhe, repetimol-o porque todos sabem que, assim fazendo, não teve Martim em mente senão captar a confiança e a amizade d'elles em favor dos seus reservados fins.

Sendo assim, todos teem razão de estranhar que o Sr. Alencar pintasse o Portuguez (que nada tinha de *simplorio*, e sim tudo de *sagaz*) credulo ao

ponto de beber a jurêma, e ver e gozar no imaginario sonho, o que só com os selvagens se poderia dar por força da superstição grosseira em que jaziam immersos.

Ora diz-me : não seria pelo contrario verosimil que, em lugar de ser bebida a tisana só por Martim, o fosse também pela India? Que Martim, encontrando da parte d'ella objecção na circumstancia de ser filha do pagé e guardar o segredo da jurêma (vid. a pag. 32) a fizesse crer que, tomando igualmente com elle do elixir, fruiriam em sonhos sem risco o que ambos anhelavam e n'este enlêvo a possuísse? A ser villão, villão com a verosimilhança e com a natureza.

Meu amigo : visto que estou enchendo alguns claros deixados em cartas precedentes, por não querer tornar-me então demasiado extenso, passo a fazer agora uns ligeiros extractos, no sentido de mostrar mais uma vez, quão mal o Sr. Alença comprehendeu o amor barbaro, quer na linguagem, quer nas acções dos typos. E ainda antes de começar a operação, quatro palavras, que se devem entender complemento de quanto disse na minha ultima carta com relação á theogonia tupy.

Fala-se se n'esta *Iracêma*, poema selvagem brazilio, de um *bosque sagrado*, de *vasos de sacrificio*, de uma *virgem consagrada* a Tupan, etc.

Parece que o autor tresleu, se não sou eu que estou treslendo.

Não ha, que eu saiba, um só escriptor de quantos se teem occupado com a materia, que atteste a existencia de taes ritos entre os selvagens brazilicos, quer da *lingua geral* ou *Tupys*, quer *Tapuyas*.

Pelo que respeita a estes ultimos (Indios da *lingua travada*, para me servir da expressão de Theberge) chegou a parecer a autores de nota e a viajantes que com os taes conviveram e tiveram occasião de observal-os de perto, que elles desconheciam inteiramente uma religião. É que a que tinham era « mui pouco complicada » no dizer de G. Dias, e reduzia-se ao « ridiculo tabernaculo, de importancia immensa, sob o nome de *maracá*, emblema symbolico da divindade » na phrase de Fernando Denis. Quanto aos *Tupys* « em quem admiraremos um tal ou qual desinvolvimento metaphysico, que parece caracterisal-os » o seu Tupan « divindade grande, magestosa, tremenda » que tinha por essencia o bem « não carecia de preces para inclinar-se á compaixão, nem o sangue mancharia os seus altares, *quandos os tivesse...* Se *algum* culto lhe tributavam, era sómente o *interno*. » Para dizer de uma vez : tanto *Tupys*, como *Tapuyas*, tinham seus pagés ou videntes, o *maracá*, os *manitôs*, *Tupan*, etc. São estas as idéas

geralmente assentadas a respeito dos nossos aborígenes.

Onde foi portanto buscar o autor da *Iracêma* esse *bosque sagrado*, essa *virgem*, especie de sacerdotiza, etc. ?

A religião dos *Quixúas*, o culto dos *Incas*, de certo lhe não deram insanchas para isso. Não será, mais presumível que os tivesse ido pedir á religião dos Gallos ?

Lendo-se os *Mysterios do Povo*, encontra-se ahí o episodio da *virgem da ilha de Sên*, com o qual é muito parecido em mais de um ponto o poema do Sr. Alencar. Lá é a tribo de Karnak; aqui é a tribo dos Tabajáras; lá Hêna, filha de Joel, aqui Iracêma, filha de Araken; lá o bosque sagrado dos carvalhos, cá o bosque sagrado das jurêmas; lá a druidica de Hésus, cá... a sacerdotiza de Tupan; lá um desconhecido, que fôra recebido como transviado em casa do pae de Hêna, é o *Chefe dos cem valles*; aqui um desconhecido que se perdêra e fôra dar á cabana do pae de Iracêma — é Martim. Singular e pasmosa analogia! (Vid. *Myst. do Povo*, vol. III.)

Mas quem suppozera que tamanha similhaça havia de terminar pela contraposição mais formal e surprehendente?! Hêna, por esse heroismo innato e patriótico do barbaro, e por esse fervor logico da natureza contemplativa, offerece-se em holocausto

a Hésus para que livre a Gallia, sua patria, do jugo dos Romanos. « — A filha de Joel — cantou ella com uma voz pura como sua alma — a filha de Joel e de Margarida vem com alegria sacrificar a Hésus ! Ó Todo-Poderoso.... livra do estrangeiro a terra dos nossos paes ! Gallos da Bretanha, vós tendes lança e espada ! A filha de Joel e de Margarida não possui mais que o seu sangue ; offerece-o VOLUNTARIAMENTE a Hésus ! Ó Deus omnipotente, torna invenciveis a lança e a espada gallas ! Ó Hésus... aceita meu sangue, pertence-te... salva nossa santa patria ! »

Isto é heroismo, bem que feroz e cruento, nem por isso menos admiravel e grande ; e sobretudo de naturalidade, de logica irrefragavel. Ao passo porém, que a vestal das Gallias se dá como hostia para que sua patria seja livre do jugo do « estrangeiro » a impossivel vestal do Sr. Alencar é a primeira que em bem do *estrangeiro* profana com a presença d'este a majestade do bosque sagrado, viola o segredo imperscrutavel da gruta do druida túpico, aniquila e calca aos pés a theogonia pagânica mais venerada do seu povo ! É o bello de frente do horrivel ; a elevação, a nobreza barbara diante da vileza, da turpitude selvagem !

Ha um abysmo immenso, insondavel, eterno, entre os *Mysterios do Povo* e a *Iracêma*, entre Eugenio Sue, genio cheio de liberdadee de amor, que

escrevia em nome da humanidade, e José de Alencar... que escreve em nome do seu nome.

Ninguem ignora que é incerta a origem dos nossos autocthones; que alguns os fazem descender das tribus de Israel; outros de um cataclismo que houvesse separado o unico continente terrestre em porções diversas, dando logar á dispersão de familias, á variedade de fórmhas e á mulliplicidade de linguas, e não sendo os differentes povos do globo senão contemporaneos, entre si mesmos; outros dos Indios da Asia, dos Egyptios, dos Carthaginezes, dos Lacedemonios; outros dos Germanos, com quem acham a maior similhaça possível.

Dever-se-ha acaso suppôr que o Sr. Alencar, querendo como de costume offerecer-nos uma theoria que se diga *sua* sobre a materia, apezar de já tão elucidada, tivesse em mira, ao dar-nos n'uma lenda túpica-cearense esse mutilado arremedo da mythologia galla, insinuar que os nossos aborigenes vieram da Gallia? *Seria* difficil justical-o, em face do estado actual da sciencia, e principalmente depois de se ter lido esse magnifico capitulo de Herder, que se inscreve sob a epigraphé — *Organisação dos Americanos* — (Vid. este autor, *Philosophie de l'histoire de l'humanité* vol. I, pag. 296.)

Viria aqui a pello tratar da questão — se os Americanos caminhavam para o progresso ou

para a decadencia, no tempo da conquista ; mas, além de reputal-a do maior peso para os meus humillissimos hombros, accresce que já te tenho roubado muito tempo por hoje, e urge concluir. Peço-te comtudo venia para só o fazer, depois de haver transcripto as seguintes palavras, de um eminente sabio moderno :

« A opinião commum — diz esse autor — é que os selvagens não são, em these, senão miseraveis restos de nações outr'ora mais civilizadas ; mas, posto que existam casos bem estabelecidos de decadencia de nações, nada nos autorisa *scientificamente* a admittir que constitua isso o caso geral.

« Sem duvida, ha muitos exemplos de nações, que, outr'ora progressivas, não sómente cessaram de avançar em civilisação, mas até recuaram. E comtudo, se comparamos as relações dos primeiros viajantes com o estado de coisas actualmente existente, não achamos prova em apoio da theoria de um geral declinio.

« Os Australianos, os Boschimanos e os natuaes da Terra do Fogo viviam, ao tempo em que pela primeira vez foram observados, quasi exactamente como vivem hoje.

« Em muitas tribus selvagens achámos até traços de progresso ; os Bachapinos, quando Burchell os visitou, acabavam de introduzir em seu

seio a arte de trabalhar no ferro ; o maior edificio do Taiti foi construido pela geração contemporanea da visita do capitão Cook, e tinham, havia pouco, renunciado a pratica do cannibalismo (Forster, *Observ. de voyag. autour du monde*, pag. 372); e se certas raças, como por exemplo muitas das *tribus americanas*, retrogradaram, este resultado é talvez menos devido a uma tendencia inherente que ao mau effeito da influencia dos Europeus. »

No meu fraco pensar, seria indispensavel para quem pretendesse dar-nos o typo de uma poesia « *verdadeiramente nacional, haurida na lingua dos selvagens* » assentar idéas n'este sentido : se elles progrediam ou se decaiam, quando foi do descobrimento. D'ahi se projectaria grande somma de luz sobre a procedencia ou não do pretenso typo ; a poesia, tanto na fórmula como na essencia, de um povo que progride, não póde ser a mesma que a de um povo que decae.

Entretanto o Sr. Alencar, tendo de romper contra o padrão secular da poesia brazileira, tido é havido, quer por nós, quer pelo estrangeiro, como o genuino e puro nosso, nem de relance mostrou ter meditado, instantes sequer, sobre o assumpto ; não nos disse d'onde veiu, como se se não fizesse mister sabê-lo para bem ter-se idéa da sua marcha e do seu destino. (Vid. a CARTA, no fim da *Iracéma*.) Singular modo de fazer escola, este !

E comtudo um forte apoio se offerece para quem quizesse desinvolver um estudo mais vasto e mais seguro a respeito do character dos nossos aborigenes, do seu estado social, da sua acanhada industria, do seu progresso emfim na escala da humanidade ; é a archeologia.

Se applicassemos ao exame das toscas obras e instrumentos que nos deixaram os nossos selvagens, os processos e methodos d'esta sciencia, parece-nos que poderiamos sem contestação classificar-os na epocha « neolithica » ou « idade das pedras polidas », isto é na segunda das grandes edades, conforme a divisão feita pela archeologia moderna.

Ha quem diga positivamente com toda autoridade estas palavras : « É evidente que alguns povos, taes como os naturaes da ilha do Fogo e os das ilhas d'Audaman, estão *ainda presentemente* na *idade de pedra*. »

As edades da archeologia ante-historica dividem-se em quatro, a saber : primeira, a do diluvio ou « palæolithica » ; segunda, a das pedras polidas ou « neolithica » ; terceira a idade de bronze ; e quarta a idade de ferro.

Posto que alguns archeologos opinem que a pedra, o bronze e o ferro foram simultaneamente empregados no fabrico das armas e instrumentos, a classificação acima parece-nos tão consentanea

com o instincto do progresso ascensional e gradual dos povos, que a adoptamos de plena convicção.

Ora, prevalecendo essa classificação, é fóra de duvida que os nossos selvagens (do Brazil) se achavam ainda na idade de pedra, como os habitantes do Paiz do Fogo, segundo o provam os instrumentos de que se serviam, e a sua inteira ignorancia do metal, a não ser o ouro ou a prata, de que não faziam caso; logo, é tambem innegavel que elles iam em marcha ascendente, e não descendente, na escala da humanidade.

A hypothese de tamanha decadencia, que houvessem completamente esquecido o uso do ferro e do bronze, é inadmissivel; primeiramente, porque não consta ter-se encontrado d'elles o menor objecto fabricado de algum d'estes metaes, o que certamente teria succedido se houvessem existido, ainda da mais remota antiguidade; em segundo logar porque, por muito que descesse um povo em todos os sentidos, nunca perderia o uso de objectos e instrumentos tão immediatamente ligados ás praticas materiaes e necessarias da vida.

Longe, pois, de pensarmos com G. Dias, collocando-se entre Martius e Chateaubriand, o primeiro que reputa os nossos Indios decaidos de um alto grau de cultura, e o segundo que opina estarem ainda por dar os primeiros passos no caminho da civilisação, confessamo-nos inteiramente

de acordo com este ultimo, que nos parece mais verdadeiro e mais logico em sua conjectura historica.

E sem me ter apercebido, meu amigo, ia-me arriscando no inextricavel labyrintho, e desviando-me do assumpto, que prende com o objecto da presente carta !

Desculpa. O estudo das antiguidades tem para mim tal seducção, apesar do nada, do verdadeiro nada (crê que sou sincero) que me reconheço ser n'isso, como em tudo mais...!

Vou concluir por esta vez.

Tivessem, ou não, vindo os nossos Indios dos Scythas, dos Phenicios, ou mesmo dos Gallos, o que não póde duvidar-se é que elles não possuíam *bosque sagrado* nem *sacerdotisas*, e muito menos *virgens* votadas a Tupan.

Logo, a *Iracêma* n'este ponto, como em outros, não passa de mero enxerto, filho de uma imaginação dada a arrojos que nada justifica, porque não precisa transplantações exóticas quem tem, como nós, a mais guapa e inexaurível flora.

Teu amigo,

SEMPRONIO.

CARTA XI

Meu caro amigo.

Fiquei de mostrar-te ao vivo como o Sr. Alencar concebeu o amor barbaro abaixo das forças da natureza e prejudicando usanças e reputações historicas, de subido valor. É esta a occasião.

Abrindo o poema... « prosaico » (experiencia *in anima prosaica* o chama o autor) na pag. 25, leio :

« — Iracêma! exclamou o guerreiro, recuando. »

« — Anhanga turbou sem duvida o somno de Irapuam, que o trouxe perdido ao bosque da jurêma, onde nenhum guerreiro penetra sem a vontade de Araken. » Só Martim, estrangeiro e desconhecido, teve d'este privilegio.

« — Não foi Anhanga, mas a lembrança de Ira-

cêma, que turbou o somno do primeiro guerreiro tabajára. Irapuam desceu de seu ninho de aguia para seguir na varzea a garça do rio. Chegou, e Iracêma fugiu dos seus olhos. » Devia ser um grande amor este, que fazia o proprio chefe tentar contra o rito — coisa inaudita entre taes povos! — Vejamos porém que de prodigios fará esse amor.

« — As vozes da taba — continuou elle — contaram ao ouvido do chefe, que um estrangeiro era vindo á cabana. »

« A virgem estremeceu. O guerreiro cravou n'ella o olhar abrazado.

« — O coração, aqui no peito de Irapuam, ficou tigre. Pulou de raiva. Veiu farejando a prêsa. O estrangeiro está no bosque, e Iracêma o acompanhava. Quero beber-lhe o sangue todo : quando o sangue do guerreiro branco correr nas veias do chefe tabajára, talvez o ame a filha de Araken. » Um chefe, dos quilates de Irapuam, ou antes qualquer guerreiro, que sentisse para com a sacerdotisa vehemente paixão, ao ponto de postergar n'isso o preceito religioso, já estaria em face do feliz rival.

« A pupilla negra da virgem scintillou nas trevas, e do seu labio borbulhou como gotas do leite caustico da euphorbia, um sorriso de desprezo » O que seria natural é que ella se aterrassse, e ne-

gasse o facto : a culpa, e em condições tão graves, sempre acovarda o espirito que pela primeira vez commette o crime.

« — Nunca Iracêma daria seu seio, que o espirito de Tupan habita só; ao guerreiro mais vil dos guerreiros tabajáras ! Torpe é o morcego, porque foge da luz e bebe o sangue da victima adormecida ! « Que razão havia para tal desabrimento ?

« — Filha de Araken ! Não assanha o jaguar ! » (Estava um jaguar muito discreto e tolerante este). « O nome de Irapuam vâa mais longe que o goaná do lago, quando sente a chuva além das serras. Que o guerreiro branco venha, e o seio de Iracêma se abra para o vencedor. » O pseudo-heroe só tinha vistas e parolas.

« — O guerreiro branco é hóspede de Araken. (Então, por ser hóspede, tinha carta branca para fazer das suas ?) A paz o trouxe aos campos do Ipú. Quem offender o estrangeiro, offende o Pagé. » E quem offendesse a religião, não offenderia tambem o Pagé ?

« Rugiu de sanha o chefe tabajára :

« — A raiva de Irapuam só ouve agora o grito da vingança. O estrangeiro vae morrer. » *Beaucoup de bruit pour rien.*

« — A filha de Araken é mais forte que o chefe dos guerreiros, disse Iracêma, travando da inubia.

Ella tem aqui a voz de Tupan, que chama o seu povo. » O reo convertido em juiz e com que poderes?!

« — Mas ella não chamará! respondeu o chefe, escarnecendo.

« — Não, porque Irapuam vae ser punido pela mão de Iracêma. Seu primeiro passo, é o passo da morte.

« A virgem retrahiu d'um salto o avanço que tomára, e vibrou o arco. » (Lembro-me d'aquelle trecho do gaúcho : « A egua retrahiu o flanco sobre os quadris agachados, e esse corpo, que se fizera bômba, *estourou* »). O chefe cerrou ainda o punho do formidavel tacape; mas pela vez primeira sentiu que pesava ao braço robusto. O golpe que devia ferir Iracêma, ainda não alçado, já lhe trespassava, a elle proprio, o coração. » Mesmo depois do que via e ouvia? Chefe imbelle, guerreiro *maricas*!

Afinal Irapuam desapareceu entre as arvores, e Iracêma voltou a proteger o somno do estrangeiro no bosque sagrado.

Pensas tu, bom Cincinnato, que esse chefe que surprehendera assim o nefando sacrilegio; que tantas provas recolhêra, até uma declaração confessa da sacerdotisa, de que o desconhecido estava no bosque onde era vedado penetrar; que, além do mais, se devia reputar atrozmente ultrajado

pelo desprezo infligido ao seu desvairado amor, e pela preferencia tributada ao forasteiro; pensas tu que esse chefe saisse d'ahi para dar o grito de alarma, delatar o crime, exigir a punição immediata dos delinquentes, ser fervorosamente coadjuvado (como fôra de esperar) na applicação dos castigos tremendos para cabal desaffronta dos preceitos postergados e exemplo estrondoso a presentes e posteros? Qual, meu amigo! Vaes ver o que aconteceu.

Irapuam coisa nenhuma communicou ao pagé até á tarde seguinte, quando, com cem guerreiros, foi tomar o estrangeiro ao Cauby, irmão de Iracêma. Seguramente o chefe ter-lhe-hia contado (ao ultimo) os successos da noite; mas longe de ficar este como era natural, escandalisado, na dupla qualidade de guerreiro e de irmão da moça, suas palavras foram estas :

« — Matae Cauby antes ! »

Eis rebôa o rouco som da inubia pela matta; os tabajáras estremecem, reconhecendo n'esse annuncio a voz inimiga do buzio dos Pytiguáras. Abandonam Martim e seu protector, batem as mattas, procuram, esmerilham, e nada encontram.

Suppõe com razão Irapuam que o aviso falso fôra ardit de Iracêma para fazer diversão ao odio d'elle, e entrementes dar escapula ao amante; e só

então procura o Pagé para referir-lhe o acontecido.

« — Araken, a vingança dos tabajáras espera o guerreiro branco, Irapuam veio buscal-o. »

Queres saber a resposta do sacerdote, instituido para velar perennemente pelo rito e impedir por todos os meios ao seu alcance que elle chegasse a ser de leve estremecido? Ouvelá.

« — O hóspede é amigo de Tupan; quem offender o estrangeiro ouvirá rugir o trovão. »

Que dizes a isto? Ora quero confundir esse pagé remisso e refractario, que não sabe exercer o seu officio, com uma lição que me ministra G. Dias, ensinando como era entendida a hospedagem entre os verdadeiros Indios — a hospedagem, que o Sr. Alencar tornou elastica, ao ponto de fazê-la absorver um dos mais accentuados caracteristicos do povo barbaro — a veneração das suas praticas religiosas. « Hospitaleiros para com os estranhos — diz o historiador — os seus proprios inimigos achavam acolhimento e gazalhado nas suas tabas » E mais adiante : « Desconfiado o Indio com os *estranhos*, principalmente quando n'elles percebia *deslealdade* (é o caso), um *indicio*, um *vislumbre de intenção* sinistra, bastava muitas vezes para o tornar suspeito, e da suspeita, *sem mais exame*, precipitava-se na traição. » Ora, vê lá se com Indios d'esta ordem, Martim e Iracêma teriam feito sete montes!

Mas emfim, Irapuam torna a Araken :

« — O estrangeiro foi quem offendeu a Tupan, roubando a tua virgem, que guarda os sonhos da jurêma.

« — Tua bocca mente como o ronco da giboia — exclamou Iracêma. »

O chefe insta e insiste pela vingança ; até que « Araken ergueu a grande pedra e calcou o pé com força no chão » e ouviu-se o ronco de Tupan. Irapuam, por outro lado, bem merecia d'isso, attenta a sua frouxidão. Dois ensejos, cada qual mais propicio, perdeu de dar de garra ao estrangeiro— um no bosque, onde, se este penetrou, com maioria de razão poderia penetrar aquelle que ia punir um sacrilego, e a quem a opposição de uma fraca mulher, principal culpada, não deveria deter, outro, quando, tendo cem guerreiros de seu lado, o foi encontrar só com Gauby. Eis-ahi o cacique esculptural da Ibyapaba ! Que amor o seu, que sentimento de vingança, que denodo, que desvélo pela defeza do rito ! Uma mulher (que elle já devia então odiar) o ameaçava, eil-o tolhido ; encontrava o rival (que não era só isso, mas tambem profanador da liturgia sagrada) a sós com o irmão da mulher que o ultrajára, e tanto bastava para frustrarem-se os seus impetos, apezar de achar-se acompanhado de *cem* guerreiros !

Na batalha em que mais tarde se empenha com

os Pityguáras, como já vimos, não faz maiores prodígios de bravura; e, para encurtar razões, lá se foram sem um arranhão Martim e a India; e esse preclaro cabecilha, que nos dizem as chronicas mandar sobre mais de 30 aldeias, que nos diz o proprio Sr. Alencar « tantas vezes ter guiado os seus guerreiros ao combate, quantas á victoria (pag. 61) » volta cabisbaixo e derrotado, dando o mais forinal e vergonhoso desmentido ao passado renome! Eis como são reduzidos a zero typos colossaes, que o valor e o poder illustraram nas guerras da conquista! O Sr. Alencar pôde jactar-se de entendedor da historia, e de chefe da nossa litteratura. Tem dedo!

O typo de Poty, posto que menos falso que o de Mel Redondo, fica ainda assim muito somenos á grande figura, que subsiste e perdurará indelevel entre os brilhos de homerico heroismo nas nossas paginas da restauração.

O que faz, na verdade, Poty, na lenda do Sr. Alencar, que se mostre na altura das altas façanhas d'esse brasileiro, no periodo da guerra hollandeza? Acompanhemol-o, desde que apparece até ao fim da lenda.

Martim está na cabana do pagé. « Levanta-se no resomno da noite um grito vibrante, que remonta ao ceo (pag. 51). » É o grito da gaivota, que *tres vezes* resôa (pag. 55), ou antes é a voz

de Poty, que dentro do tanque da aldeia dava signal a Martim.

Nos sertões do Ipú não ha gaivota, tanto que a India desconhece esse grito, o que Martim acha muito natural, visto como a gaivota é « a garça do *mar*; » ao passo que Iracêma é « a virgem da *serra*, que nunca desceu ás *alvas praias* (pag. 51.) »

Mas se o grito da garça do mar era desconhecido da India, presume-se que tambem o fosse dos guerreiros tabajáras em incessantes guerras com os pityguáras, e senhores dos seus costumes e modos de annunciar-se? De certo que não. Ora, se o não era, presume-se que Poty, prudente e matreiro, se arriscasse de tal modo « no resomno da noite » e ao alcance immediato dos inimigos? E isso, quando a aldeia suspeitosa deveria estar de sobr'aviso, depois do facto de haver soado « o buzio guerreiro dos Pityguáras » que horas antes a tinha alarmado (pag. 42)? O verdadeiro Camarão não se teria mettido em tal *giqui*⁴. E é tão verdade que em tal situação estava exposto o *prudente abaeté*, que a India « foi direita ao lugar d'onde partiu o grito e chegou á borda do tanque (pag. 55). » Se a India foi, como não iriam os Indios?

D'aqui o vamos achar no combate na floresta, do

⁴ Armadilha selvagem de pegar camarão.

qual já te dei noticia na minha 5ª carta, e que, sem embargo de ser travado entre figuras tão legítimamente afamadas, taes como Mel Redondo, Jacaúna, Camarão e Moreno, apresenta, como viste, a feição burlesca da caricatura (é o termo).

O que fez de certo digno de si o Camarão n'esse prelio de athletas? O Sr. Alencar o vae dizer : « Poty já prostrou o velho Andira e quantos guerreiros topou na luta seu válido tacape. Verdade é que conclue n'estes termos : « Martim lhe abandona (a Poty) o filho de Araken, e corre sobre Irapuam. » O filho de Araken, — Cauby — é certo — parece que era um guerreiro moço e valoroso ; mas tambem certo é que Poty lhe não levou grande e cabal vantagem, pois que o vemos apparecer depois nas praias do Ceará, onde foi ter com a irmã são como um pêro (pag. 152). Logo, em rigor e substanciando, em que se resumem os grandes feitos ou proezas do Camarão n'esse renhido combate ou antes em toda a lenda? Em prostrar o *velho* Andira. O *velho!* Terás idéa aproximada do valor d'este, pelas seguintes palavras de Irapuam, que o invectivou com acerbo menoscabo, quando elle votou contra o combate : « — Fica tu, escondido entre as igaçabas de vinho, fica, velho morcego, porque temes a luz do dia, e só bebes o sangue da victima que dorme (pag. 19). » Eis-ahi quem Poty prostrou.

E depois d'isso, nada mais occorre na altura de recommendar este ultimo. Vemol-o pintar Martim com os « riscos vermelhos e pretos, que ornavam a grande nação pityguára (pag. 113), » frechar o camoropim de cima do coqueiro, ou do morro do Mocaripe, etc. Coisas d'estas. E acabou-se. Será este o proprio Camarão grande, ou o Camarão, *le petit?* Que houve diversos Camarões, dil-o a historia.

Antes de fazer ponto por hoje, permite-me trasladar ainda uns ligeiros extractos.

Lê-se na pag. 10 do poema :

« — Bem vieste ! O estrangeiro é senhor na cabana de Araken. Os Tabajáras tem *mil* guerreiros. »

E na pag. 52 :

« — Não vale *um* guerreiro só contra *mil* guerreiros. »

Se o vocabulo — *mil* — foi empregado aqui na accepção de — grande numero, muitos, passe; mas se o foi na accepção de dez vezes cem — seria isso tão grosseiro erro, que d'elle não reputo capaz o Sr. Alencar.

Os nossos Indios só para os numeros 1, 2, 3 e 100 tinham termos proprios, a saber : um, *oiepen*; dois, *mocoin*; tres, *moçapoêr*; cem, *pa-paça*. De quatro a dez contavam compondo os numeros com os tres primeiros, d'este modo; quatro

môcoin — *môcoin*; cinco, *põ* (mão, ou cinco dedos; seis, *moçapuer* — *moçapuer*; etc. (Vide o *Vocabulario* do padre M. J. S.)

A lingua *Kechua* tinha o vocabulo *huaranca*, mil; mas seria erro usar do termo entre Indios que falavam a lingua geral, como os tabajáras, ou melhor como todos os nossos aborigenes.

O Sr. Alencar, seguramente seguindo n'isso d'Orbigny, que opina haver em toda a America meridional uma só religião — a dos *Quichúas*, intercala nas pragmaticas barbaras dos Indios do Ceará praticas que eram evidentemente peculiares aos *Incas*, que professavam esta religião. A supposta festa que nos dá, sob o nome sonoro e pomposo de festa « à lua das flores » está n'este caso.

Os chronistas não falam de tal instituição entre os autochthones brasileiros. Ainda aqui, portanto, o corajoso e temerario romancista quiz dar-nos um mero producto do seu genio *inventivo* ou *creator*.

Mas, além do mais, foi infeliz na lettra do hymno, que saiu chilro e chocho, como vaes ver :

« Veiu no ceo a mãe dos guerreiros; já volta o rosto para vêr seus filhos. Ella traz as aguas, que enchem os rios e a polpa do cajú.

« Já veiu a esposa do sol; já sorri ás *virgens* da terra, filhas suas. A doce luz accende o amor

no coração dos guerreiros e fecunda o seio da joven mãe (pag. 72). »

E mais não disse.

A qualificação de *esposa do sol* applicada á lua, é propriamente da religião dos *Incas*, segundo a qual « *Pachacamac*, deus invisível, creador de todas as coisas, tinha o poder supremo, imperava sobre o sol e a *lua sua mulher*. »

Como a coisa não vae tambem a morrer, não me deterei mais no texto e passo ás notas.

Teu leal amigo e admirador,

SEMPRONIO.

CARTA XII

Meu amigo :

Não entro no argumento historico da lenda, nem na questão da nacionalidade do Camarão.

Do primeiro já disse quanto se me offercia, em referencia a Martim Soares Moreno; quanto á segunda, dou-me por suspeito, com o fim de me poupar uma collisão.

Explico-me : de um lado, sou natural da provincia para a qual reclama o Sr. Alencar a gloria de haver dado o berço ao Camarão, do outro, vejo no commendador Mello, que ao Ceará contesta essa gloria, além de uma autoridade, um amigo, cuja illustre ancianidade, litteraria como politica, desde muito me acostumei a venerar.

Se não tivermos attensões para esses ultimos Abencerrages das priscas eras da patria — lumes

serenos, que o] sopro impiedoso da morte está ameaçando apagar-nos a cada instante, quem nol-as merecerá melhor? Acaso fachos improvisados de hontem, cuja chamma afogueada por insolito egoismo, antes nos desvaira do que nos guia nos parceis da historia? Não vou para ahi.

A primeira nota que se nos depara, inscreve-se sob a epigraphe — *Onde canta a jandaia*. N'ella agita-se a questão de saber d'onde veiu a palavra *Ceará*. Já disse a esse respeito em outro logar o que é escusado repetir aqui.

Do verbo *rugitar*, que o autor compôz, como declara, autorisado pelo exemplo de Filinto Ely-sio, que creou *ruidar* (de ruido) tratarei quando houver de arriscar timidas considerações sobre a policia da lingua. Hoje o meu despretencioso exame limita-se á parte propriamente indigena; e d'esta áquelles termos que devem ao Sr. Alencar etymologia com que me não conformo. Principiemos.

Lê-se :

« *Gará* — Ave paludal, muito conhecida pelo nome de *Guará*. Penso eu [que esse nome anda corrompido de sua verdadeira origem que é — *ig*, agua — e *ará* arara, *arára d'agua*, pela bella côr vermelha. »

A esta opponho as opiniões autorisadas do Martius e do Dias.

Diz o primeiro :

« *Guará*..... Contracção de *Gua*, variegado, e *Guira* : *Guaguirá*, ave multicolor, porque, pequena, cobre-se de pennas brancas, adulta de pennas pretas, e por ultimo de encarnadas. »

Agora o Dias :

« *Guará*, ave : nasce branca, torna-se preta, e por fim, de um encarnado vivissimo. »

Se é certo que a ave passa por todas estas transformações, d'ella características, quem nos autorisa a desprezar a etymologia que cabalmente as exprime para ir buscar outra, erronea, além do mais? De ser ella erronea, fornece-me prova o proprio Alencar na nota seguinte, para a qual chamo a tua attenção :

« *Ará* — periquito. Os indigenas como augmentativo usavam repetir a ultima syllaba da palavra e ás vezes toda a palavra — como *murémuré*. *Muré* — flauta — *murémuré* grande flauta. *Arára* vinha a ser pois o augmentativo de *ará*, e significaria a especie maior do genero. »

Se elles dobravam a syllaba, e até a palavra, quando queriam exprimir augmentativo, segue-se que n'este caso querendo exprimir — *arára d'agua*, diriam *garára*, isto é dobrariam *ará*, que singela significa simplesmente — periquito : e não diriam *gurá*, com o que só teriam — periquito d'agua. O Sr. Alencar morre com as suas proprias armas.

Na vã pretensão de tudo poetisar no seu aborto

de poema (succede o contrario as mais das vezes) a caminhos directos e faceis prefere tortuosos rodeios. Não foi outro seguramente o motivo que o levou a engendrar a etymologia de *Pity-guáras*, quando o nome evidentemente verdadeiro é o de *Potiguáras* ou — guerreiros do Camarão. Lê-se :

« *Pitiguáras*. — Grande nação de Indios que habitava o littoral da provincia e estendia-se desde o Parnahyba até o Rio Grande do Norte. A orthographia do nome anda mui viciada nas differentes versões, pelo que se tornou difficil conhecer a etymologia.

« *Iby* significa terra; *iby* — *tira* veio a significar serra, ou terra alta. Aos valles chamavam os indigenas *iby* — *tira* — *cua* cintura das montanhas. A desinencia *jára*, senhor, accrescentada, formou a palavra *Ibyticuára* — que por corrupção deu *Pityguára* — senhores dos valles. »

Não procede, ao nosso ver, a combinação. De *Iby* — *tira* — *cua* — *jára* (como fica a palavra composta, e não *Iby* — *ti* — *cua* — *ra*, como diz o escriptor) vae grande differença para *Pity-guára*; nada menos que absorver o *I* inicial, mudar o *b* em *p*, supprimir a syllaba *ra* de *tira*, mudar o *c* de *cuá* em *g* para dar *guá*, supprimir a syllaba *ja* de *jára*. Só bem se executam taes absorpções e mutilações no gabinete, onde a penna corta impune e á vontade; o povo, até mesmo o selvagem,

é mais respeitador do que parece das reliquias do passado.

Accresce, que devo lembrar : a opinião do escriptor levaria ao contrasenso. *Ibitiracué*, significando — *cintura da montanha*, não podia significar valle, porque valle nunca foi cintura de montanha.

O que é valle? « Planicie junto, ao pé de monte, ou entre montes » diz o lexicographo. Se é ao pé, como póde ser *cintura*, que dá idéa de *meio* de coisa ou pessoa? Ao valle chamavam elles *Ibyty* — *goáya* ou *ibyitygoaia* e não *Ibytiracué*.

O Sr. Alencar quiz dar origem de sua lavra, e fez esta confusa e inadmissivel combinação, que não traz gloria, porque não fôra difficil, com dictionarios e folga e sobretudo fama, preparar taes enxertos. Queres tu vêr quantas combinações arrumo n'um momento sem o minimo esforço, sem folga, sem fama e sem grandes recurſos philologicos sobre a pretendida origem da palavra. *Pityguára* ou *Potyguára*? Ouve lá.

Py — pé, *tycoára* — misturar com agua, ou pés molhados, por frequentarem esses selvagens os rios, visto como « habitavam as praias, e viviam em grande parte da pesca » segundo diz o proprio J. de Alencar na pag. 170. Não se faça beijo á denominação de — *pés molhados*, por quanto havia os Indios *Motuys* — ou de *pés virados*.

Pó — mão e *tycuára*, ou Indios de mãos molhadas, na mesma conformidade.

Ipy — primeiro, *iby* terra e *guára* senhor, ou primeiros senhores da terra, na accepção de prioridade de dominio, ou de supremacia de valor guerreiro.

Ipy e *tecuára*, ou os que estão primeiro.

Iby — terra, *tecó* — poder, e *uára* senhor, ou poderosos senhores da terra.

Quando sejam illegitimas taes raizes, não o serão mais do que a raiz do Sr. Alencar. Mas ainda que o fossem, poderiam caber no caso, á vista das seguintes palavras de um historiador de nota :

« Não é possível entenderem-se os escriptores ácêrca dos nomes proprios das hordas selvagens do Brazil, tão variados são e discordantes entre si. O certo é que Potyguarés, Putyguáras, Pitigua-rés ou Pitagoares, tão diversos em suas escripturas, são comtudo uma e a mesma casta de Indios, que habitavam desde Pernambuco até o Piauhy, e ainda além, como querem alguns..... Só por isto se póde ver quão estúpida não é a pretenção do tal..... que queria submeter todos estes nomes a uma escriptura sua, inventando com estes fim uma orthographia selvagem : tão certo é que ha no mundo gente para tudo. »

Lê-se :

« *Boicininga* — é a cobra cascavel : de *boia*, cobra, e *cinga*, chocalho. »

Referindo-me eu n'outra occasião e n'outro lugar a esta nota da *Iracêma*, tive de ajuntar a observação seguinte : « Entretanto diz G. Dias que o vocabulo *boia*, na composição, *precede* o adjectivo, e *pospõe-se* ao substantivo; e dá exemplo : *arára—boya*, cobra de arára, *boia-pinima*, cobra pintada. Ora, por esta regra o termo *cinga* não pode significar chocalho, e deve ser adjectivo para que se *posponha* á *boia*. Ignoro o termo *cinga* etc. »

Não tinha eu então o *Glossario*, onde agora se me offerecem elementos para decifrar o enigma.

« Cobra *tinnidôra* » a chama o *Glossario*, de *boia* e *ocinim*, tinnir.

Tive, de mais, occasião de ver que no tupy-austral (d'onde vem *ocinim* ou ántes *ôsinim*) o termo *boicininim* significa : assobiar. D'onde, pois, se originou em definitiva a expressão : do *cascavel* ou do silvo da cobra?

Devo afinal declarar que se confirma a regra estabelecida por G. Dias; *cinga* pospõe-se a *boya*, porque, longe de significar chocalho, como erradamente diz o Sr. Alencar, isto é longe de ser substantivo, é adjectivo com a accepção de coisa que tine.

Lê-se :

« *Potyvara* — comedor de camarão de *poty* —

e *uára*. Nome que por desprezo davam os inimigos aos pitiguáras, que habitavam as praias e viviam em grande parte da pesca.

« Este nome dão alguns escriptores aos pityguáras, porque os receberam de seus inimigos. »

O Sr. Alencar foi sem duvida levado a conceber taes idéas, depois de ter lido no *Glossario* (pag. 525) o seguinte :

« *Potiguares, Potijáras, Potyuáras* — Indios da gente de Tupi, que comem poti. »

Fosse então logico, e não restringisse ao nome *Potyúára* a qualidade que indistinctamente se attribue não só a este, como tambem aos dois primeiros termos. Mas discutamos a etymologia.

Guara, yara ou *iara, jara* ou *uara* jámais teve a significação de comedor, mas sim a de guerreiro, ou senhor, ou habitante : *Potiguára* — guerreiro de Poti; *Tabajára* ou *Tabayára* ou *Tabaiára*, senhor da aldeia; *Paráuára*, habitante do Pará, e *Capiuára* habitante do Capim. (Vid. o *Diccionario Tupy*).

Mas se quer dizer que a palavra se compõe de *Poty*, o verbo *u* comer, e a particula pospositiva *ara*, ainda assim está em erro, porque a esta particula sempre se junta um *e* : *Capiçára*, o que penteia actualmente. (Vid. o *Diccionario*).

Convem ainda notar que, no final dos verbos, ella sempre indica a pessoa que na *actualidade*

exercita a sua significação, como no exemplo dado.

Assim, pois, para que procedesse a erronea intelligencia dada pelo Sr. Alencar — de comedores de camarão — aquelle nome, deveria elle ser escripto. — *Potyucára*; e fôra além d'isso mister que os ditos Indios levassem toda sua vida a comer camarão, porque, como já se disse, a particula indica exercicio *actual* da pessoa a que se dá o nome. Ora isto é o cumulo do absurdo.

Mas, ainda quando, com postergação flagrante dos preceitos da lingua, se applicasse a denominação aos guerreiros do chefe Poty, d'onde, ou de quem houve o Sr. Alencar a noticia de que tal denominação lhes era applicada pelos inimigos em mostra de desprezo?

O que se presume com toda razão é que o fariam com o fim simplesmente de caracterisal-os como era de costume entre elles.

Tão plausiveis nos parece serem taes conjecturas que o proprio chefe da tribu não se desdoirara de chamar-se — o Camarão.

Lê-se :

« *Senhor do caminho* — assim chamavam os indigenas ao guia de *py* — caminho, e *guara* senhor. »

Abro o diccionario do idioma vulgar — tupy, e vejo que ao caminho chamavam — *pê*.

No dialecto dos Indios Apiacás chamavam-n'o
pea.

No dialecto dos Cayowás *pe*.

No dos Omáguas o mesmo.

No da lingua geral por G. Dias, idem.

No diccionario da lingua Tupy pelo Martius,
idem.

Porque, pois, ha de o Sr. Alencar dizer *pyguára* e não *peguára*? O terem-n'o já outros dito antes de si não é razão para o não acceitar, e menos para attribuir ao vocabulo significação que não tem.

Py significa pé, e não — caminho.

Lê-se :

« *Giboia*. Cobra conhecida : de *gi* machado, e *boia* cobra. O nome foi tirado da maneira porque a serpente lança o bote, semelhante ao golpe do machado; póde traduzir-se bem, cobra de arremesso. »

Parece-me forçada esta etymologia.

O arremesso ou bote, além de ser commum a muitas castas de cobras, não é a qualidade que mais distingue o individuo em questão. Seu principal caracteristico é enlaçar a victima ; esta especialidade não podia escapar aos Indios para que deixassem de deduzir d'ella a correspondente expressão.

Duas combinações offereço em substituição.

Primeira : *ig* — agua, e *boya* ou — cobra

d'agua, por ser insigné nadadora. (Ver *Hist. Nat. Pop.* por Austet.)

Segunda : *jeby* — affogar, apertar, e *boya*, ou cobra que aperta, que affoga. A corrupção poderia haver dado, sem ser admiração, *jeboia*, como alguns escrevem, ou mesmo *jeboia*.

Esta se me affigura d'entre todas a mais exacta etymologia.

Lê-se :

« *Sucury* — A serpente gigante que habita nos grandes rios e engole um boi. De *Suu*, animal, e *cury* ou *curu*, roncador. Animal roncador, porque de feito o ronco da *sucury* é medonho. »

Pois quem diz — animal roncador — dá idéa da *sucury*? Porco será *sucury*?

Acho manifestamente erronea, não só no sentido como nos termos. *Curu* e menos *cury*, é palavra que não conheço na lingua geral (1).

Cururúca, sim; é o verbo neutro — rosnar, rugir, roncar.

Não virá melhor de *çoo*, animal, *acú* de *açu* grande, e *hy* agua, ou grande animal ou monstro do rio ou das aguas? É curioso quanto ácêrca d'este ophidio vem nas *scenas de viagem* do tenente A. de Taunay, pag. 96.

Eis-aqui, para concluir por agora os nomes das

¹ G. Dias dá este vocabulo com a significação de « tinta com que no Pará pintam as cuyas. »

diversas localidades que o Sr. Alencar diz serem de cunho original, e que entretanto se encontram no *Glossario*, e alguns tambem no *Ensaio Estatístico da Provincia do Ceará*, por Pompêo.

« *Ipú*. — Chamam ainda hoje no Ceará certa qualidade de terra muito fertil, que forma grandes corôas ou ilhas no meio dos taboleiros e sertões, e é de preferencia procurada para a cultura. D'ahi se deriva o nome d'essa comarca da provincia. (*Iracêma*, pag. 164.)

« Estes terrenos chamam-se vulgarmente *Ypús*, e são d'um barro preto, massapê, que tem muito humus vegetal, ou decomposição vegetal e animal, que as aguas acarretam das serras, e por isso muito substancioso. É n'estes *Ypús* ou valles, que se fazem as maiores plantações de cannas. » (*Ens. Etat*, vol. I, pag. 140.)

« *Hypaua*, *Ipaúe* corr. e *hypabe*, tudo agua; d'onde os Brasileiros usam da voz *paues* para qualquer agua, estanque ou alagadiça. » (*Gloss.*, pag. 502.)

« *Aracaty*. — Significa este nome bom tempo : de *ara* e *catú*. Os selvagens do sertão assim chamavam as brisas do mar que sopram regularmente ao cair da tarde, e correndo pelo valle do Jaguaribe se derramam pelo interior e refrigeram da calma abrazadora do verão. D'ahi resultou chamar-se *Aracaty* o logar d'onde vinha a mon-

ção. Ainda hoje no Icó o nome é conservado á brisa da tarde, que sopra do mar. » *Irac.* pag. 171.)

« *Aracaty*. — *Ara* tempo, *catú* bom; vento do Norte, etc. » (*Glos.* pag. 491.)

« No sertão, principalmente no valle do Jaguaribe, reina um vento forte em tempo de séca que se chama — *Aracaty* — e apparece ao cair da noite quasi de repente. Este vento é uma providencia para os habitantes do paiz, porque vae refrescar a atmosphera elevada a um alto grau de calor etc. » (*Ens. Estat.* pag. 123, vol. I.)

« *Merúoca*. — De *meru*, mosca, e *oca*, casa. Serra junto de Sobral, fertil em mantimentos. » (*Irac.* pag. 180.)

« *Merúoca* (Ceará, Serra.) — *merui* — *oca*, casa de moscas. » (*Glos.* pag. 515.)

« *Uruburetama* — patria ou ninho de *urubús* : terra bastante alta. » (*Irac.* pag. 180.)

« *Uruburetama*. (Ceará, Serra) — *urubu reté taba* — casa de muitos *urubús*. » (*Glos.* pag. 532.)

« *As saborosas trahiras*. — É o rio Trahiry trinta leguas ao norte da capital. De *trahira*, peixe e *y* rio. Hoje é povoação e districto de paz. » (*Irac.* pag. 180.)

« *Trahiri* (Ceará, Povoação) — *taraira* — *hy* (rio das *Tarairas*) » (*Glos.* pag. 530.)

« *Pirapora* — Rio de Maranguape, notavel pela frescura de suas aguas e excellencias dos banhos

chamados de Pirapora, no logar das cachoeiras. Provém o nome de *Pira* peixe, *pore* salto : salto do peixe. » (*Irac.* pag. 183.)

« *Pirapora* (Minas, etc.) — *pirapore* salto de peixe ou *póra* habitante — Logar onde os peixes saltam ou habitam. » (*Glos.* pag. 522.)

« *Pacatuba* de *paca* e *tuba*, leito ou couto das pacas. Recente, mas importante povoação em um bello valle da serra da Aratanha. » (*Irac.* pag. 184.)

« *Pacatuba* — (Sergipe, Aldeia) *paca tyba* — logar do animal *Paca* » (*Glos.* pag. 517.)

Vem na *Iracéma* uma nota, que não quero deixar passar sem reparo.

« *Guayuba* (diz o autor.) — De *goaia*, valle, *y*, agua, *jur*, vir, *be*, por onde; por onde vem as aguas do valle. Rio, que nasce na Aratanha, etc. »

Onde foi que o Sr. Alencar achou *goaia* significando valle? Valle é *ibytigoaia*. Por si só, *goaia* serve de desinencia, que entra na composição da palavra; sem *ibyti* nunca teve a accepção de valle.

A que veiu este *jur*? Para favorecer a denominação *poetica* (já se vê) que lhe approuve dar ao rio — por onde *vem* as aguas do valle? Que prejuizo!

Porque não ha de o Sr. Alencar perder o mau costume de improvisar, com mostras e tom de sapiencia? Isto não acredita nem eleva.

A *etymologia exacta* é a que vem no *Glossario*, que o Sr. Alencar não teve razão de desprezar, n'este, quando tanto se tem d'elle servido em outros muitos vocabulos.

Jacarecanga — Morro de areia na praia do Ceará, afamadô pela fonte de agua purissima. Vem o nome de *Jacaré*, crocodilo e *acanga* cabeça.» (*Irac.* pag. 187.)

« *Jacaracanga* (Bahia, Povoação) — *Jacaré* crocodilo, *acanga* cabeça. Cabeça de jacaré. » (*Glos.* pag 507.)

« *Bahia dos Papagaios* — É a bahia da *Jericoacara*, de *jeru*, papagaio, *cua*, varzea, *coara*, buraco ou seio, enseada da varzea dos papagaios. É um dos bons portos do Ceará. » (*Irac.* pag. 188.)

« *Jericoacara* (Ceará : Enseada, Morro, Povoação) — *jerú*, *ajerú* ave, papagaio, *guá* variada, *coara* buraco. Morada de variegados papagaios. » (*Glos.* pag. 510.)

Onde foi que o Sr. Alencar achou *cua* significando varzea? Significa cintura e portanto não cabe aqui; o que cabe é *guá* como diz Martius. Para que improvisa?

Não posso mais. Estou exausto.

A principio não me pareceu haver tanto que colher. Enganei-me. Podes crer que a mina é inacabavel.

Quanto mais me detenho n'estes ligeiros estu-

dos, mais o illustre autor desce no meu conceito.

Má hora em que me resolvi a emprehendel-os.
Teem-se-me ido tantas illusões...!

Teu de véras,

SEMPRONIO.

CARTA XIII

Preclaro e douto Cincinnato :

Fôra crassa injustiça deixar de complimentar-te pelas ultimas missivas com que me tens brindado e ao publico, todas na altura dos teus firmados creditos.

É sempre a mesma aurea penna , fazendo-se cada dia mais crédora de cordiaes parabens pelas lucubrações que nos vae dando com inexcedivel originalidade e mestria. Deus te infunda, meu caro Cincinnato, se é que as não tens, longanidade tersa, perseverança sem limites, paciencia de Job ; e por cima d'isso ouvidos surdos a vituperios. Se a critica, segundo penso, é apostolado, tem de necessariamente lutar com Scribas e Phariseus Resignação!

Falas-me do *Til*, na tua QUINTA CARTA, COMO S?

fosse elle inteiramente alheio ao meu conhecimento. Não é assim. Tenho-o acompanhado, numero a numero. Poderia eu perder o que se diz estar predestinado a « dar ao mundo occasião de admirar um prodigio » na phrase de Ossian?

Para prova chamo a tua attenção sobre o polidissimo dialogo travado entre uma negra da fazenda, um pagem e mais um caipira ou arreeiro.

Amores de senzala, ciumes de cavalhariça, trál-os José de Alencar á sala ou ao gabinete do desprevenido leitor, a quem os offerece como costumes edificantes de S. Paulo!

Suppôz de certo que para entabolar palestra, com visos de natural ou verosimil, entre personagens d'essa laia, tinha rigorosa obrigação de usar de deshonestas palavradas. Que pobreza!

E o tal marmanjo que entornava pela camisa a tigela de café? Hão de ver que d'aquelle bicho se fará um arremedo (caricato já se vê) do Rocambole. A lobrega e lubrica imaginação de Ponson du Terrail devia inspirar a musa-mãe do paradoxo no Brazil; o *Til* já o vae mostrando. Pois que venha a *rocambolada*.

Ora esta! Sem me sentir, ia invadindo os teus dominios, onde tanto e tão efficazmente já tens colhido, posto que só agora nos começos da vindima. Não tivesse tambem eu por cá tão gorda

safra, com certeza te acompanharia na ceifa, que o campo de lá se me affigura uberrimo e a produção de espantar. Porém não. Volto á minha seara.

A tua ultima, de 8 d'este, como todas interessante, veiu suggerir-me uma resolução, que para logo adoptei : pôr termo á presente serie com esta carta, afim de sobrar-me tempo e espaço para votar algumas linhas ao exame do *Tronco do Ipé*, que Senio chama *Ipé* contra a geral phonographia. Não admira ; é a febre, ou antes a concupiscencia da innovação.

Mas perguntar-me-has tu :

— Que é das outras promessas que falta cumprir : tratar da policia da lingua, e apreciar a carta final ?

Pelo que respeita a esta ultima, quem tiver lido as minhas precedentes não ignorará que a tenho apreciado quasi toda, pouco mais hayendo que dizer. Quanto aos neologismos e gallicismos, e o que mais lhes fôr affim, parece até mais proprio tractar d'elles, quando houver de occupar-me com a *Diva*, onde o Sr. Alencar faz praça da sua autoridade e sabença n'esta materia, como se verá do famoso *Postscriptum*, addido á obra.

Reservando portanto a questão de philologia para essa occasião, adduzirei comtudo na presente

o que resta acaso que adduzir sobre a carta, e rematarei.

De uma coisa me occorre dever prevenir quanto antes o leitor, para que lhe não paíre no espirito sequer leve sombra de desconfiança ácerca da lealdade e justeza com que tenho procedido n'este juizo.

Não ignoro que *Iracéma* já conta segunda edição. Se pois tenho feito este estudo pela primeira, houve n'isso caso pensado, e dou os motivos : 1º a conveniencia de me guiar pela mesma edição examinada pelo critico, a quem respondi ; 2º por entender que os papas não erram, porque são infalliveis. Emendar ! elle ! seria desluzir-se.

Verdade é que se leem na *carta* palavras como estas.

« Depois de concluido o livro, e quando o reli apurado na estampa, conheci que tinham escapado senões que poderia corrigir, se não fosse a pressa com que o fiz editar ; noto algum excesso de comparações, certa similhaça entre algumas imagens e talvez desalinho no estylo dos ultimos capitulos, que desmerecem dos primeiros.

« Se a obra tiver segunda edição, será escoimada d'estes e de outros defeitos que lhe descubram os entendidos. » Modestia. Emendar ! Seria desluzir-se.

Accresce : se qualquer polimento versasse

sobre a fórma, seria inefficaz, quando a séde do mal está na substancia, como se tem provado e ainda se provará. Producções taes, ou inteiramente se refundem, ou não adianta pôr-se-lhes a mão.

Acaba de ler-se que, no pensar do autor, os « *ultimos capitulos desmerecem dos primeiros.* »

Pois enganou-se redondamente. Em todo o livro não se conta senão um passo que possa acordar algum sentimento muito escasso, fugacissimo, no leitor; e este vem no penultimo capitulo. É o que passo a citar (por concessão) :

« — Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amaste. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracêma pensará que é tua voz que fala entre os seus cabellos.

« O labio emmudeceu para sempre; o ultimo lampejo despediu-se dos olhos baços.

« Poty amparou seu irmão em sua grande dôr. Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura; é como o oiteiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratam, quando o broca o cupim.

« O camocim recebeu o corpo de Iracêma, embebido em resinas odoríferas; e foi enterrado ao pé do coqueiro, á borda do rio. Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa.

« A jandaia poisada no olho da palmeira repetia tristemente :

« — Iracêma !

« — Desde então os guerreiros pytiguáras que passavam perto da cabana abandonada e ouviam resoar a voz plangente da ave amiga, se afastavam, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia. »

Tambem o final da lenda :

« As jandaias cantavam ainda no olho do coqueiro ; mas não repetiam já o mavioso nome de Iracêma.

« Tudo passa sobre a terra »

Quer saber o Sr. Alencar, porque razão estas duas insignificancias valem todo o seu poema? Justamente pela razão de não estarem empadas da vaidosa e forçada gala, que ordinariamente redundam em detrimento da genuina expressão do desenho ou narrativa.

E como diz faltarem taes paveztes aos ultimos capitulos, pensa que desmerecem estes dos primeiros. O Sr. Alencar tem realmente uma esthetica *sui generis* !

Afóra esses dois extractos, provoco a que me apontem outros em que o sentimento não esteja de todo ausente. Não são capazes, apesar de haver situações que deveriam naturalmente conduzir a semelhante resultado, se a penna do escriptor, tão

atrevida e idonea para achar a anomalia, soubesse vibrar a corda magica dos affectos. Infelizmente n'este particular o autor da *Iracêma*, *Gaúcho et reliqua* tem-se ultimamente mostrado de penuria tal, que será difficil encontrar egual em autor de medianos creditos. Pois bem : em materia de arte, quem não tem sentimento não produz senão visões macilentas e desharmonicas. Tirae a Cooper, a Raphael, a Phidias esse dom admiravel, e só achareis nas suas obras descripções enfadonhas, quadros desbotados, estatuas monotonas, e em qualquer d'essas producções illuso o ideal, que debalde procurarão onde não houver os superlativos toques da paixão. Podeis afoitamente rasgar essas paginas, inutilisar essas telas, quebrar esse marmore ; a arte vos não quererá mal por isso, nem exigirá de vós indemnisação.

Se abrides qualquer composição das modernissimas de J. de Alencar, o *Tronco do Ipé* por exemplo, achareis ahi melhor confirmada a minha asserção.

Lêde-a desprevenido. Figurae-vos ser de um incognito Senio a obra, e não do afamado conselheiro José de Alencar. Não achareis — conscientemente falando — uma scena quente, uma situação vivaz, um lance verdadeiramente com honras de commover.

Esgotaes pagina a pagina os dois tomos, e, sem

terdes n'um ponto sequer experimentado o minimo abalo, acabareis por vos sentir ab orrido da assidua semsaboria.

Chegareis a suppôr que o espirito inspirador do livro foi antes o da ganancia que o dobello, de que nada alli se adivinha e menos se annuncia que o editor especulou não sobre o merito da obra, mas sobre o prestigio do nome, n'esta terra onde o nome é tudo.

Mas em verdade — convictamente o digo — não se deve sómente ao intuito do lucro aquella deploravel inopia.

É que principalmente no *insentimento* tem esse escriptor a sua qualidade predominante, que sóbe de ponto todas as vezes que, arroubado na aza da fofice se divorcia absolutamente do coração, para fazer illegitimo connubio com a phantasia. Novo Icaro, precipita-se então em mar de gelos eternos, onde só póde achar monstros, como no oceano glacial só se encontra a phoca e o urso branco. Voltemos-nos para a carta.

Diz J. de Alencar que « os selvagens do poema de Gonçalves Dias (*Tymbiras*) falam uma linguagem classica e exprimem idéas proprias do homem civilizado. » Não é nosso designio analysar aqui as producções do primeiro poeta do Brazil, e inabavel chefe da nossa litteratura indiana; e menos defendel-o de uma accusação vaga, que não deter-

min a os pontos do delicto. Apresentem porém em termos o libello accusatorio, e o mais inhabil advogado falará em nome de uma das mais abalisadas glorias da nossa terra.

Diz que muitas das producções que se publicavam sobre o thema indigena « *peccavam pelo abuso dos termos indigenas, accumulados uns sobre outros.* » Cabe aqui o adagio chulo : « Ri-se o roto do remendado, e o sujo do mal lavado. »

Abro ao acaso a pag. 5. Leio : « A graciosa *ará*, sua companheira e amiga... remexe o *urú* de palha. » Ao acaso a pag. 10 : « A virgem lançou de si o arco e a *viraçaba*... entrou com a *igaçaba*. » Ao acaso a pag. 62 : « O *jaguar*, senhor da floresta, e o *anajé*, senhor das nuvens. » Ao acaso a pag. 52 : « O *camocim* da virgem. » Para amostra já basta ; e não quero falar nas vozestupicas mais conhecidas, quaes *pagé*, *Tupan*, *tacápe*, *inubia*, e quejandas. Póde em vista d'isso o Sr. Alencar atirar a primeira pedra ? Abusou muito mais do que seus predecesores, que censurára.

Do que tenho considerado até o presente, com relação ao poema do Sr. Alencar, que conclusões será licito extrahir ? Que resultado deu a dissecção ? A molestia está na pelle ou na espinha, na fórma ou na substancia ?

Ninguem o negará de boa fé : ha grandes vicios de estylo, os maiores defeitos de caracteres, a

peior disposição na acção da lenda. O mal não está sómente n'este ou n'aquelle membro, mas esparso e ramificado por todo o organismo, interessando as partes mais importantes e vitaes do individuo. Como ser viavel similhante feto ?!

É falso o typo de Martim, deixando-se dominar das usanças e abusões mais grosseiras dos barbaros, como se fôra outro que tal, quando se sabe, muito pelo contrario, que elle apenas contemporisava com esses preconceitos no seu interesse, e para attingir fins a que se propunha.

Está ainda eivado, pelo que respeita á idade e nacionalidade, segundo ficou demonstrado. Martim, sobre ser Portuguez, ou, pelo menos, sobre não ser de modo algum natural do Rio Grande do Norte, não podia contar 6 para 7 annos de idade, quando se achou com Pedro Coelho no Ceará e travou relações com o Jacaúna e o Camarão.

Não desculpará o autor o dizer-se que é permittido aos poetas o anachronismo; sabemos d'isto; Chateaubriand usou d'elle nos *Natchez*, Lamartine no *Jocelyn*. Mas aqui o caso é muito differente. O Sr. Alencar não só incorreu n'esse vicio *fôra da ficção*, isto é não só affirma a nacionalidade do Moreno n'uma *nota*, seguramente no presupposto de afastar toda duvida, (vid. a pag. 180) como até, referindo-se ao Camarão no seu *argumento historico* a pag. 161, faz alardo de não ser de modo algum

infel á verdade historica; d'onde se deduz de duas uma; ou que está plenamente convencido de ter sido o Rio Grande o berço de Martim; ou que, conscio do contrario, finge acreditar-o e fala n'aquelle tom firme e pedagogico para induzir os incautos a seguirem-n'o, com que interesse não sei.

É falso o typo de Araken o pagé, relaxando as rigidas usanças, transgredindo os severissimos ritos, que outra coisa não importa o franquear ao estrangeiro delinquente o accesso na gruta, e salvar-o com o prejuizo de pragmaticas, sempre entre esses povos respeitadas e invioladas.

É falso o typo de Mel Redondo, imbelle, e subversor das crenças admittidas; apoucado diante do grande amor, que devêra ser apanagio do selvagem.

É falso o typo de Poty, porque apparece inepto, denunciando-se de dentro do tanque aos figadaes inimigos, ou arriscando-se a cair em cilada quando pela propria gruta do pagé se dirigiu a Martim.

É falso o typo de Iracêma, guardando os sonhos de Tupan, e o mysterio da jurêma; convivendo com o pagé na caverna, que só elle devia habitar; virgem e pura no meio da usual devassidão; tibia no guardar a fé ao cargo, que (contra a historia) occupava.

É falsa a linguagem de todos; são falsos aquelles

affectos e aquelles odios, affectos sem calor, odios sem intensidade.

Sempronio não diz estas coisas aos presentes; tem a pretenção de escrever para o futuro. O presente é a exaltação da idolatria pessoal; o futuro, porém, que não conhece nenhuma das duas partes, costuma sempre decidir, inspirado dos dictames da mais justa e inflexivel rectidão.

Ha comtudo na actualidade espiritos independentes e desinteressados; individuos que não devem obrigação de especie nenhuma ao Sr. Alencar, nem amam a tél-o nas suas fileiras; que passam perfeitamente na obscuridade ou na esphera em que giram (qualquer que ella seja) sem o calculo de serem agradaveis a deuses espurios, mas só com os olhos postos no verdadeiro Deus — o da justiça, e do pundonor. Para esses rabisca Sempronio estas suas garabulhas que, quando succeda peccarem por importunas e rudes (o que não seria novidade) nunca peccarão de certo por opostas á orthodoxia litteraria.

Por outro lado, tem ouvido o Sr. Alencar, e ouve a cada instante, aqui e até no estrangeiro! tão rasgados elogios que, enojado naturalmente d'elles, é de crer encontre delicia, ainda que seja por mero desfastio, em ouvir algumas notas, perturbando o concerto de atroadora louvaminha.

A lei dos contrastes está na natureza das coisas.

Não ha sem ella bellezas physicas nem moraes, nem artes, nem politica. A vida não é uma só commoção, nem a musica uma só nota. Se a pintura constasse sómente de claros ou sómente de sombras não seria senão um borrão, escuro ou esplendido, conforme o intuito do quadro.

Assim tambem os maiores talentos aberram, apoucam-se, perdem-se, quando são objecto, ou só de adorações ou só de complacencias. Mirabeau na assembléa nacional teria sido um ponto, em vez de uma luz, se não fôra Cazalés.

Discussão, opposição, critica — seja na litteratura, seja nas sciencias, como na arte dos governos, são legitimos agentes da verdade, conductores idoneos da boa doutrina. Devem-se estimar e bem-dizer, e nunca levar-se a mal.

Achar-me-hão sempre firme n'estes lucidos principios, que espóso com a força de convicção, só inferior ao desejo de por qualquer meio ao meu alcance ser util ao meu paiz.

Se tomarem á má parte o procedimento tão confessavel embora ! nem por isso me hão de acovardar.

Termino aqui a autopsia. Adeus, meu amigo.

Teu leal admirador,

SEMPRONIO.

CARTA I

DE CINCINNATO A CUJACCIO

Illustrado Cujaccio.

Dizes tu que lês habitualmente as *Questões do dia*, e n'essa publicação te chamam a atenção de um modo muito particular as eruditas cartas de Sempronio. Accrescentas que recentemente viras n'uma d'ellas um trecho, que deixa em duvida os conhecimentos juridicos do venerando Sr. Alencar, tão apregoados, ao menos por elle mesmo. Perguntas-me sobre esta materia a minha opinião, e, embora desautorizada, não devo occultar-t'a.

Persuado-me eu que, tendo-se aquelle senhor applicado a tanta coisa, foi victima de uma lei da physica : o que ganhou em superficie, perdeu-o em profundidade. Não se póde accumular a universalidade das superioridades, porque essa perfeição só pertence ao Ente Supremo, e elle ainda o não é, posto para lá caminhe. Terá de contentar-se com ser estu-pendo romancista, e litterato, e prosador, e poeta, e dramaturgo, e jornalista, e politico, e orador. Como a jurisprudencia

lhe ficou para as horas vagas, n'ella a cada passo claudica e esbarra.

São innumeraveis as provas, que vão ahi por todo esse fôro, da infelicidade do perito jurisperito. Admira não teres seguido tambem, pela imprensa, algumas das polemicas juridicas, em que o nosso causidico tem sido aniquilado por muito mais habilitadas pennas.

Não alludirei aqui a pontos controvertiveis. Não só as sciencias positivas se prestam frequentemente a boa sustentação de theses oppostas, mas um advogado obrigado a defender o seu cliente, nem sempre tem convicção da sua justiça absoluta, e d'est'arte vê-se obrigado a sustentar doutrinas, pelo menos duvidosas.

Concedendo porém tanto á profissão de advogado, ha uma barreira que lhe não é licito ultrapassar. Nem pôde contrariar os princípios elementares do direito, nem ignorar coisas sabidas por qualquer triste fiel de feitos. Não sei se o distincto letrado não estará n'este caso. E como tenho o habito do allegado e provado, vejamos alguns factos, ou desconhecidos, ou já tratados pela imprensa. E como d'estes mostras não ter noticia, por elles começarei.

Ainda ha poucos mezes se agitou pela imprensa uma discussão jurídica entre o Sr. Alencar e outro muito mais valente e competente contendor, o Sr. Lafayette Rodrigues Pereira. O epilogo d'esta polemica foi um artigo em que se resumia o que do debate resultára, e que o Sr. Dr. Lafayette formulou nas seguintes palavras :

... « Explosão da vaidade offendida ; é o odre que arrebentou. O sabio conselheiro que, de ha annos a esta parte, traz ás costas um pesado *fatras* litterario, andava a campar de jurisconsulto de polpa. A discussão rompeu-lhe as falsas bulhas, que, é verdade, se tinham tornado um pouco suspeitas, depois da publicação de uns celebres projectos de reforma judiciaria, que a esta hora já terão sido aproveitados para alguma encyclopediana.

« As estupendas heresias juridicas que o sabio conselheiro,

com invejavel gravidade, denomia *fructos de meditação, subsidios da sciencia*, puzeram patente a doutos e a indoutos uma verdade pungente, e que fôra melhor se conservasse occulta; a saber : que S. Ex. não andava muito familiarisado com as Pandectas.

« Nunca me passou pela mente desconhecer os sublimes talentos do sapientissimo conselheiro, como folhetinista, poeta, romancista e autor de dramas. E, para prova da minha sinceridade, aproveito a occasião para lhe dizer que desde muitos annos professo a mais viva admiração pelos *monstrenghos moraes* que ornã a sua linguagem litteraria, e pela lingua *divina* que falam, lingua que a nós, miseros mortaes, pôde parecer *bárbara estropiada*. »

Ja vês, amigo, como um distincto jurisconsulto avalia a sciencia do Sr. Alencar. Nem se diga que apenas alludia a uma dissidencia em ponto de doutrina. Quem argúe a outrem de proferir heresias juridicas, de campar com bullas falsas, de desconhecer as Pandectas, etc., caracteriza a sciencia d'esse outrem em materias geraes de direito, e não em qualquer especialidade.

Foi o referido artigo resposta ao ultimo do Sr. Alencar, intitulado *Simple advertencias*, repleto das mais audaciosas baforadas, e onde apparecem dos taes dizeres, que são propriedade exclusiva d'este senhor. Por exemplo :

— « O amor proprio e o despeito são fumo do coração, que tolda o espirito e obscurece o entendimento. » Bravo ! Temos aqui obscurecido um entendimento que não é espirito, e toldado um espirito que não é entendimento, e tudo isto defumado pelo despeito, que é fumo, e fumo de que ? do coração. Impagavel !

Diz que « Ovidio entre os Getas escreveu ESTE VERSO :

Barbarus ego sum, quia non intelligor illis »

como se Ovidio fizesse versos errados : sendo este vêso de nunca ciçar certo, um dos elementos da minha convicção de que o famoso V., das *Palestras*, não era mais que um copista do patrão.

Emfim deixemos essas minucias, e venhamos ao assumpto, que então se agitou.

Involvia elle muitas circumstancias em que a controversia era toleravel, mas um ponto ha que doutos e indoutos reconhecerão *prima facie*, que o Sr. Alencar errou desastradamente.

Um devedor hypothecario, não satisfazendo o seu debito, foi executado ; procedeu-se a avaliações, que se dizem exaggeradas, dos respectivos immoveis, os quaes por quantia muito superior ao debito foram adjudicados ao crédor que não quiz consignar o valor do denominado excesso, no praso que lhe foi marcado.

Queria o Sr. Alencar que o credor adjudicatario fosse levado á prisão, e n'ella permanecesse até que entregasse o tal chamado excesso!

Existe alguma lei no Imperio que tal coisa prescreva ? Não ; mas o liberalismo do actual neophyto republicano é assim : liberdade do cidadão é para elle uma insignificancia, um brinco ; deroga a constituição : estabelece umas theorias cerebrinas, que se convertem em praticas inquisitoriaes ; encarcera.... por analogias ! A detenção corporal, a pena, susceptivel sim de restringir-se, nunca de ampliar-se, o novo Torquemada a fulmina arbitraria, despotica, tyrannicamente, sem sombra de legislação em que se estribe. Se o legislador, excepcional e raramente, preveniu algum caso de comminação de prisão, circumscreveu-o, limitou-o, definiu-o. Se em dadas hypotheses, a lei permittiu esse meio contra depositarios e arrematantes, nunca o autorisou contra os adjudicatarios, que nem arrematantes nem depositarios são.

Tudo isto é elementar ; mas o Sr. Alencar, que já nos seus projectos de reforma judiciaria se patenteára adorador dos carceres, masmorras e ergastulos, quiz ir já fazendo experiencias *in anima vili* de um cidadão. Para elle, a liberdade natural é um abuso, ou pelo menos uma mercê de S. Ex., que assim póde *ad libitum* coarctal-a !

Para honra do paiz, cumpre declarar que não houve uma

só voz no fôro, no paiz, nos tribunaes, que fizesse côro com a menos inquisitorial que absurda doutrina. Consultados, todos os advogados unanimemente clamaram contra a estulta pretensão ; egual uniformidade se repetiu nos tribunaes ; egual, na opinião dos sabedores de direito, e até dos mais estranhos ao estudo da jurisprudencia. Ficou S. Ex. collocado na menos inyejavel unidade ; foi o *pur si muove* do absurdo.

Por hoje aqui me fico ; proximatemente trarei outras brilhaturas do digno jurisperito ao teu conhecimento.

Teu respeitoso amigo,

CINCINNATO.

FIM DAS CARTAS DE CINCINNATO.

NOTA

SOBRE AS CARTAS DE SEMPRONIO

Para indemnizar-me do dissabor que me deixou a leitura da IRACÊMA, reli os NATCHEZ, e pude melhor ver que o Sr. Alencar escrevendo a sua lenda, tentou seguir na senda de Chateaubriand, o inspirado revelador da litteratura indiana na Europa. Desgraçadamente para nós o poema nacional é o contraste mais vivo e flagrante do poema francez.

Comparae a india Iracêma com Celuta, a amizade de Utugamy a René com a de Martim a Poty, esse magnifico *Livro decimo* em que se narra um combate de guerreiros inimigos, com o capitulo XVIII, reproduzido na minha carta 5ª, e vereis que não ha termo de comparação entre o desenho e a caricatura. É certo que não se pretende impunemente imitar Chateaubriand tão puro, tão natural, tão rico de sentimento quanto de observação, tão sufficiente quanto cordato e razoavel.

Se lerdes o maviosissimo hymno que intõam Indios e Indias á lua na *Segunda parte* da obra, conhecereis ainda mais quanto mesquinho é o que traz a IRACÊMA na pag. 72.

E tudo o mais assim.

FIM

INDICE

Carta-prologo. a

DE SEMPRONIO A CINCINNATO SOBRE O « GAÚCHO. »

Carta I. 3
Carta II. 9
Carta III. 25
Carta IV. 37
Carta V. 55
Carta VI. 71
Carta VII. 84
Carta VIII. 91

DE CINCINNATO A SEMPRONIO. — (EXTRACTOS).

Carta I. 49
Carta II. 65
Carta III. 105
Carta IV. 106
Carta V (de Cincinnato ao cidadão Fabricio). 108
Carta VI. 111
Carta VII. 115

NOTAS

Sobre as cartas de Cincinnato. 117
Sobre as cartas de Sempronio. 117

DE CINCINNATO AO REDACTOR DAS « QUESTÕES DO DIA. »

Carta.	125
----------------	-----

DE SEMPRONIO A CINCINNATO SOBRE A « IRACÊMA. »

Epistola á parte.	127
Carta I.	137
Carta II.	145
Carta III.	153
Carta IV.	177
Carta V.	193
Carta VI.	215
Carta VII.	225
Carta VIII.	255
Carta IX.	247
Carta X.	259
Carta XI.	277
Carta XII.	291
Carta XIII.	307

DE CINCINNATO A CUJACCIO.

Carta I.	321
------------------	-----

NOTA

Sobre as cartas de Sempronio.	327
---------------------------------------	-----

FIM DO INDICE.





